



RIO

PUC

Dissertação de Mestrado

Imagens digitais da adolescência

Perspectivas clínicas sobre uma escuta
ampliada do corpo

Luiza Dallale Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2025

Dissertação de Mestrado



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Imagens digitais da adolescência

Perspectivas clínicas sobre uma escuta
ampliada do corpo

Luiza Dallale Teixeira

Orientação: Prof^a. Dr^a. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Coorientação: Prof^a. Dr^a Natália de Oliveira de Paula Cidade

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia no
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2025



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Imagens digitais da adolescência

Perspectivas clínicas sobre uma escuta ampliada do corpo

Luiza Dallale Teixeira

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica. Aprovada pela Comissão examinadora abaixo:

Professora Dra. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio.

Professora Dra. Natália de Oliveira de Paula Cidade

Co-Orientadora

Especialização em Psicologia Clínica com Crianças da PUC-Rio.

Professora Dra. Renata Machado de Mello

Departamento de Psicologia – PUC-Rio.

Professora Dra. Regina Maria Orth de Aragão

Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2025



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Luiza Dallale Teixeira

Graduou-se em Psicologia no ano de 2019 pela PUC-Rio e em Direito, também pela PUC-Rio, em 2015. Membro Associado da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID). Dedicar-se atualmente à área clínica e pesquisas acadêmicas no campo da psicologia/psicanálise.

Ficha Catalográfica

Teixeira, Luiza Dallale

Imagens digitais da adolescência : perspectivas clínicas sobre uma escuta ampliada do corpo / Luiza Dallale Teixeira ; orientadora: Silvia Maria Abu-Jamra Zornig ; coorientadora: Natália de Oliveira de Paula Cidade. – 2025.

114 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Adolescência. 3. Comunicação. 4 Imagens digitais. 5. Corpo. 6. Clínica psicanalítica. I. Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. II. Cidade, Natália de Oliveira de Paula. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. IV. Título.

CDD:150

Para uma menina com uma flor

Agradecimentos

A meus pais, Karla e Rogério, por acreditarem em mim incondicionalmente. Não tenho dúvidas de que, mesmo nas plateias mais vazias, sempre haverá ao menos duas pessoas, apoiando todo e qualquer projeto que eu embarque nessa vida que que faça meus olhos brilharem. Tudo o que sou, devo a vocês.

Ao Victor, por atravessar a doce jornada da vida à dois ao meu lado. Obrigada por acompanhar pacientemente o meu mergulho nesta pesquisa e por me ajudar a organizar as letras quando as palavras se embolaram. Agradeço diariamente a sorte do nosso encontro de infantes.

À Silvia Zornig, pela teoria brilhante e pelo encontro afetivo. Pelo acompanhamento sólido e sensível na construção do meu percurso como psicanalista, desde os primeiros que chegaram até mim. Por ter me apresentado a potência dos vínculos, o que inspirou a tecitura deste trabalho e segue inspirando, dia após dia, a minha prática clínica.

À Natalia Cidade, pela generosidade sem fim na leitura cuidadosa do meu texto e pelos ensinamentos sobre os primórdios da vida psíquica e seus ecos na adolescência. Pela calma e pela confiança depositada no início da minha jornada acadêmica, onde o produto final é só o início.

Ao Labpsi-Puc, pelo interesse compartilhado por meu tema de pesquisa, pela escuta atenta e pelas generosas contribuições. Em especial, à Isabel Gueiros e Marcia Rocha, pelo compartilhar seguro, pela parceria nos estudos e pela amizade que daí se construiu.

Aos amigos que fiz no mestrado, pela união e estímulo diários.

Aos amigos que fiz nessa vida, principalmente aos que dividiram comigo a adolescência. Só vocês saberão traduzir o que as palavras jamais alcançarão. Vocês sentiram comigo.

À Miriam Chuster e à Ana Carolina Vieira, por simplesmente existirem.

A meus pacientes adolescentes, por confiarem no espaço que criamos juntos onde o sonhar é infinito e pode-se ser quem quiser. Vocês me inspiram e me transformam.

Resumo

Teixeira, Luiza Dallale; Zornig, Silvia Abu-Jamra; Cidade, Natália de Oliveira de Paula. **Imagens digitais da adolescência: perspectivas clínicas sobre uma escuta ampliada do corpo**. Rio de Janeiro, 2025. 114p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem como objetivo explorar as manifestações do corpo na clínica psicanalítica da adolescência a partir das imagens digitais que estes sujeitos postam de si nas redes sociais. Uma vez que a adolescência atualiza vivências de tempos primevos da constituição psíquica a partir de mobilizações de diversos planos, como o corporal, o sexual e social, buscaremos estudar as primeiras formas de comunicação anteriores ao advento da fala, no intuito de compreender as linguagens do corpo e do ato, tão presentes neste momento. A partir de uma breve vinheta clínica, buscaremos analisar como as imagens digitais da adolescência podem ser consideradas manifestações expressivas do corpo em ato, levando em consideração que se direcionam ao olhar do objeto em busca por significação. Nossa hipótese se constrói em torno do entendimento que estas imagens apresentadas ao grande mundo *online* mobilizam uma dinâmica narcísica, convocando uma posição qualitativamente afetiva e reflexiva do objeto para o desenrolar da subjetivação e da busca identitária adolescente. Sustentamos que, através de suas imagens digitais publicizadas nas redes, os adolescentes podem encenar, com seus corpos, aspectos que não foram devidamente integrados nos primórdios, convocando uma mudança radical de posição do analista no manejo clínico, ressaltando a importância do componente intersubjetivo.

Palavras-chave

Adolescência; comunicação; imagens digitais; corpo; clínica psicanalítica

Abstract

Teixeira, Luiza Dallale; Zornig, Silvia Abu-Jamra (Advisor); Cidade, Natália de Oliveira de Paula. **Digital Images of Adolescence: Clinical Perspectives on an Expanded Listening of the Body**. Rio de Janeiro, 2025. 114p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present study aims to explore the manifestations of the body in the psychoanalytic clinic of adolescence, focusing on the digital images that these subjects post of themselves on social media. Since adolescence reactivates experiences from the early stages of psychic constitution through mobilizations across various planes—bodily, sexual, and social—this research seeks to examine the earliest forms of communication that precede the emergence of speech, in order to better understand the languages of the body and of action, which are particularly prominent at this stage of life. Drawing on a brief clinical vignette, we analyze how adolescents digital images may be considered expressive manifestations of the body in act, insofar as they are addressed to the gaze of the object in a search for meaning. Our hypothesis is that these images, presented to the vast online world, mobilize a narcissistic dynamic that calls upon a qualitatively affective and reflexive position of the object in the unfolding of subjectivation and in the adolescent's search for identity. We argue that, through the public display of their digital images on social networks, adolescents may enact with their bodies aspects that were not sufficiently integrated in the earliest developmental moments, thereby demanding a radical shift in the analyst's position and technique, highlighting the centrality of the intersubjective dimension.

Keywords

Adolescence; communication; digital imagery; body; psychoanalytic clinical practice

Sumário

Introdução	11
1 A exterioridade contemporânea: manifestações da adolescência no contexto digital	16
1.1 O cenário da visibilidade atual: subjetividades exteriorizadas	18
1.2 O modelo psicanalítico da adolescência	23
1.3 Os desafios do contemporâneo e o desamparo adolescente	30
1.4 Adolescência, ambiente digital e apresentações imagéticas	33
2 Expressões não-verbais na clínica psicanalítica da adolescência das redes sociais	40
2.1 Vinheta clínica: “Por onde anda Helô?”	41
2.1.1 Primeiro tempo: “Porta dos fundos”	41
2.1.2 Segundo tempo: “Porta da frente”	42
2.2 As linguagens do ato e do corpo e seu aspecto mensageiro na adolescência	46
2.3 O outro no centro dinâmica narcísica na adolescência: em busca de um novo si mesmo	56
2.4 O aspecto de endereçamento das publicações fotográficas adolescentes: uma convocação à reflexividade do objeto	65
3 A escuta do corpo na clínica psicanalítica com adolescentes	77
3.1 “Ouvir com os olhos”: a encenação como recurso expressivo na clínica da adolescência	78
3.2 Da encenação à elaboração: o manejo do analista de adolescentes e implicações clínicas	88
Considerações finais	100
Referências	107

*“Não busque por enquanto respostas que não lhe podem ser dadas,
porque não as poderia viver.
Pois trata-se precisamente de viver tudo.
Viva por enquanto as perguntas.
Talvez depois, aos poucos, sem que o perceba, num dia longínquo,
consiga viver a resposta”
(RILKE, 2013, p. 38)*

Introdução

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”
(SARAMAGO, 1995, p. 9)

A dupla origem da palavra “adolescência” revela, logo de início, a grande contradição que lhe é constitutiva. Ao mesmo tempo que advém do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), anunciando um percurso de suposta progressão, possui a mesma linhagem da palavra adoecer, sinalizando um impasse que remete a uma paralisia deste mesmo caminho (OUTEIRAL, 2003). O aspecto paradoxal evidenciado na própria construção epistemológica do termo destaca que a travessia para a vida adulta pode ser tanto esperada quanto ameaçadora.

O lugar da adolescência nas elaborações teóricas em psicanálise foi ganhando relevância ao longo do tempo, passando do estatuto de “Gata Borralheira da psicanálise”, intitulada carinhosamente por Anna Freud, para um objeto de estudos que foi conquistando seu próprio direito (EMMANUELLI, 2008). Mesmo tendo adquirido cada vez mais destaque no campo, percebemos que sempre que a temática da adolescência se faz assunto, não é incomum pairar uma sutil inquietação no ar.

Justamente por ser entremeada de tensões, a adolescência faz repercutir, em cada um de determinada maneira, variadas questões narcísicas e identitárias, problemáticas estas que tocam no âmago da subjetivação. Diante disto, não é à toa que, em muitos casos, a eclosão de importantes sofrimentos psíquicos coincida especialmente com a chegada deste momento. Contudo, percebemos que, por estar situada no “entre” – infância e vida adulta – a adolescência pode ser tratada socialmente com negligência e omissão, por vezes mascaradas por um discurso libertário.

Em paralelo às inquietudes convocadas pela adolescência, o cenário tecnológico encontra-se em plena efervescência, disponibilizando-se aos mais diversos usos e idades. No Brasil, verificamos que a amplitude do uso das tecnologias digitais por crianças e adolescentes é um dado importante, principalmente em relação à adesão maciça destes sujeitos às redes sociais (TIC

KIDS ONLINE, 2025). Suscetíveis a múltiplos propósitos, sabemos que o ambiente digital oferece tanto oportunidades quanto riscos à subjetivação, especialmente no contexto da infância e da adolescência. Todavia, este aspecto já é amplamente discutido em nossa área e não é sobre tecer comentários sobre os prós ou os contras sobre o uso das tecnologias digitais por adolescentes que se trata este trabalho.

O interesse pela temática da adolescência surgiu a partir do meu percurso teórico-clínico que se iniciou com os atendimentos no SPA da PUC-Rio ao final da graduação em Psicologia, momento em que escolhi me dedicar a este grupo em particular. Inspirada por estes encontros, apresentei um trabalho na Jornada de Psicologia do SPA intitulado “O sintoma do adolescente e o discurso parental ambivalente”, onde pude apresentar um caso clínico associando entraves na adolescência com posicionamentos parentais contraditórios perante seus filhos, oscilando entre uma infantilização radical e a exigência de grau de independência prematuro. A partir deste trabalho, pude notar, na prática, como o fator ambiental é relevante e pode nutrir caminhos diversos para o desenrolar do adolescer.

Já naquela época, considerando que meus analisandos adolescentes tinham meu contato telefônico, sempre que nos comunicávamos, percebia naturalmente como se apresentavam em suas fotos de perfil do *Whatsapp*, rede social pela qual trocávamos mensagens. Notava quando trocavam de fotos, mudavam de pose, ou alteravam suas fotografias digitais por avatares ou paisagens. Me dava conta também quando optavam não utilizar este recurso, situação na qual, por vezes, percebi coincidir com seus momentos mais fragilizados. Pela forma como se postavam nesta rede social, associava livremente uma coisa ou outra, mas, à época, ainda em estágio inicial de formação, não me ocupei em consolidar esta “curiosidade” em uma questão formal. Talvez porque ainda não a fosse. Estava em estado de germinação.

Juntamente com crianças e adultos, segui atendendo adolescentes e estudando sobre este momento singular da vida até que me deparei com um atendimento em específico que, não só por sua gravidade, me impactou profundamente. A maneira pela qual uma adolescente acompanhada por mim se apresentava em suas fotografias de perfil do *Whatsapp* transformou um simples “notar” em uma questão de pesquisa. Para além da singularidade de sua história,

suas publicações fotográficas me instigaram a investigar sobre como ocorre o processo de subjetivação na adolescência e sua relação com as imagens digitais produzidas e postadas por estes sujeitos no ambiente tecnológico. Elas deviam expressar algo...

A partir desta indagação, me dou conta que, em meus estudos até então, não tinha me deparado com nenhum artigo acadêmico que investigasse particularmente as formas de expressão da adolescência fora do contexto do *setting* analítico clássico, considerando as imagens digitais que estes sujeitos constroem de si no ambiente tecnológico. Nestas buscas, encontrei ricos trabalhos relacionando mundo digital e adolescência, o uso de avatares na dinâmica dos jogos *online*, temáticas sobre realidade virtual, adolescência e novas tecnologias, redes sociais como espaço de subjetivação, entre outros assuntos. Entretanto, nada relacionando possibilidades de escuta clínica diante destas imagens adolescentes postadas no meio tecnológico, quando não são diretamente trazidas em seus discursos ou mostradas, durante as sessões.

Durante os encontros de supervisão clínica, refletimos sobre a pertinência desse material para minha escuta da adolescência e sobre como ele poderia repercutir diante das possibilidades de trabalho com estes sujeitos. Percebemos, rapidamente, que era impossível que não o fosse assim. Eu já estava afetada por esta produção, com a certeza de que minha ética profissional se preservava, assim como a privacidade de meus analisandos. Estas imagens da adolescência se fizeram, por conta própria, chegar até mim. Sendo assim, foi a partir do nosso impacto diante destes conteúdos publicados no *Whatsapp* pelos adolescentes, ferramenta de comunicação tão utilizada hoje, que as questões teóricas desenvolvidas neste trabalho começaram a ser formuladas.

Nosso interesse primeiro era que esta pesquisa fosse clínica, na intenção de que contribuísse para o campo profissional e principalmente para nossa prática cotidiana. Levando em consideração como os adolescentes se utilizam cada vez mais do contexto digital para se comunicarem, sendo costumeiro os vermos “colados” em seus celulares, notamos que estudar sobre uma ampliação da escuta da narratividade adolescente que ultrapassa a palavra era necessária, abarcando, com isso, suas mais distintas expressões no âmbito das tecnologias digitais.

Ancorada na prática, iniciamos este percurso teórico apoiados em algumas reflexões. No primeiro capítulo buscaremos apresentar um contexto mais geral acerca da experiência da adolescência na contemporaneidade, considerando o modelo de subjetivação atual que contempla práticas de visibilidade, em contraponto com o referencial moderno moldado pela introspecção e pela busca por ocultamento dos aspectos mais íntimos de si. A postagem de imagens de si nas redes sociais, principalmente na adolescência, conversa com este modelo da atualidade. Além disso, baseando-nos na teoria psicanalítica, apresentaremos quanto o excesso pulsional se evidencia neste momento, buscando compreender alguns motivos pelo qual isto se justifica, a partir da mobilização dos eixos edípico e narcísico.

Isto posto, assemelhando a uma situação real de crise e abraçando toda a intensidade que faz jus, procuraremos descrever como certas características da organização da família e da cultura contemporânea potencializam mais ainda o desamparo e a vulnerabilidade na adolescência, acionando formas expressivas que ultrapassam o registro verbal. Para compor as bases teóricas deste capítulo, além de Freud e seus comentadores contemporâneos, utilizaremos tanto estudiosos da área da comunicação e sociologia como Paula Sibília, Pierre Levy, David Le Breton e Fernanda Bruno, quanto psicanalistas interessados em articular adolescência e ambiente digital, como Françoise Marty, Serge Tisseron e Sylvain Missonier.

No segundo capítulo, já de início apresentaremos a vinheta da clínica que inspirou esta pesquisa, a qual nos acompanhará neste caminho investigativo teórico. Adentraremos aos tempos primórdios da subjetivação, com o objetivo de conhecer as primeiras formas de comunicação que se inauguram no início da vida psíquica da ordem do ato e do corpo, nos auxiliando na compreensão a problemática da adolescência. Tendo como base a construção das primeiras fronteiras de diferenciação entre o eu e o outro, operação de natureza narcísica, estudaremos a relevância do papel do objeto para a constituição psíquica nos tempos primordiais, bem como os ecos desse processo com a chegada da adolescência.

Após, um pequeno fragmento do mito de Narciso ilustrará como consequências subjetivas de uma experiência radical de confusão psíquica oriunda de falhas na função de espelhamento pelo objeto primário podem ecoar ao longo na vida. Articularemos esta narrativa mitológica com a ideia de que os adolescentes,

cuja fronteira egóica está sensibilizada, buscam novamente este encontro com o outro, utilizando-se também das ferramentas digitais. Sobre a temática da comunicação não-verbal na clínica da adolescência, buscaremos suporte nos escritos de René Roussillon, Donald Winnicott, Bernard Golse, Florian Houssier, entre outros.

Finalmente, no terceiro e último capítulo, considerando o fluxo contínuo entre o *self* e o outro, questionaremos as implicações das expressões não verbais adolescentes na dinâmica transferencial e no estabelecimento do *setting* analítico, incluindo suas imagens digitais como elementos deste cenário. Trabalharemos as noções de encenação e dissociação apresentadas por Massud Kahn em seu artigo publicado em 1971 intitulado “Ouvir com os olhos: Notas clínicas sobre o corpo como sujeito e objeto”. Neste trabalho, o autor propõe que os analistas estejam atentos às expressões corporais de seus analisandos, as quais podem revelar aspectos inconscientes, os quais a fala pode contradizer.

Diante disto, quando o corpo entra em cena, reformulações no trabalho analítico clássico se fazem necessárias já que o analista passa a fazer parte do processo de subjetivação na adolescência de maneira mais ativa. Para embasar esta ideia, associando com as imagens digitais dos adolescentes, utilizaremos a noção de corporeidade na clínica, a partir das contribuições de Silvia Zornig, Maria Helena Fernandes e Nelson Coelho Jr. Seguiremos discutindo a proposta de uma prática analítica que valoriza os aspectos sensíveis e afetivos da dinâmica transferencial na adolescência, especialmente aqueles suscitados por formas expressivas contemporâneas, como as ilustrações digitais. Sobre isto, dialogaremos com autores como Thomas Ogden, René Roussillon e Luís Claudio Figueiredo.

1

A exterioridade contemporânea: manifestações da adolescência no contexto digital

“lembretes do existir

*cansou de esconder as feridas
andou por aí exibindo cicatrizes
o dom de sobreviver às pequenas tragédias
aos desmoronamentos das certezas interiores
apesar de tudo
e por pura teimosia
a vida insiste em acontecer”
(MAGIESI, 2016, p. 27)*

É cada dia mais difícil considerar as subjetividades das metrópoles distante do contexto das tecnologias digitais. Isto vale para todas as idades. A presença maciça do ambiente digital no contemporâneo aponta para um movimento geral, atingindo os corpos e modificando radicalmente a função do estar junto (LEVY, 2011). Ao mesmo tempo que os bebês já nascem imersos em um mundo digitalizado, as crianças e os adolescentes têm acesso às telas cada vez mais cedo e os idosos de hoje são muito mais familiarizados com as tecnologias do que outrora, onde os *smartphones* e seus aplicativos se inserem com maior naturalidade em seus cotidianos.

Interessados em estudar as manifestações subjetivas na atualidade, notamos que as tecnologias digitais andam de mãos dadas, firmes, fortes e de maneira particularmente especial, com o grupo dos adolescentes. Levando em consideração que para além do momento da vida os usos do digital são múltiplos e devem ser analisados de forma multifatorial, respeitando a singularidade da história de cada sujeito, percebemos como os adolescentes, especificamente, estão radicalmente mergulhados neste universo. Eles cresceram “na trivialidade do uso das redes e dos dispositivos móveis” (LE BRETON, 2017, p. 15). Isto se comprova ao verificarmos que, em 2024, 93% da população brasileira entre 9 e 17 anos era usuária de internet e que, no mesmo ano, 83% deste grupo reportou possuir perfil em redes sociais, cuja adesão aumentou para 99% ao se tratar de adolescentes entre 15 e 17 anos (TIC KIDS ONLINE, 2025).

A estatística sobre a aderência vigorosa dos adolescentes ao uso da internet e das redes sociais é apenas uma confirmação do que quem convive minimamente com estes sujeitos consegue rapidamente notar. Estejam jogando *online*, postando nas redes sociais, trocando com os amigos ou consumindo conteúdos dos mais diversos, é rotineiro vê-los na companhia das telas. Em alguns casos, seus celulares estão literalmente acoplados a si, presos aos seus corpos por alças como bolsas ou fortemente agarrados entre seus dedos, como quem detém seu bem mais precioso.

Ao colocar em relevo as transformações sociais oriundas do advento das tecnologias, comumente nos deparamos com reações temerosas ou catastróficas. Levy (2011), estudioso das relações entre a sociedade atual e universo digital, propõe um novo olhar para este fenômeno. Para que isto seja possível, o autor pensa ser necessário que façamos um esforço para compreender as tecnologias antes de temê-las ou condená-las. Na mesma argumentação, Jerusalinsky (2023), ao analisar os efeitos do uso das tecnologias no contemporâneo, aponta que as modificações decorrentes da digitalização provocam nos sujeitos uma simultaneidade de afetos ambivalentes: um misto de fascínio e horror. Isto se dá pois ao mesmo tempo que as tecnologias prometem facilitar algumas questões, inevitavelmente introduzem outras inéditas. Assim, a autora propõe que os psicanalistas, não devemos valorizar hipóteses apocalípticas diante das mudanças nos modos de viver de uma nova era.

Sendo assim, veremos, ao longo deste capítulo, como experiência da adolescência é amplamente complexa e engloba ressignificações de diversas ordens. Apresentaremos como a adolescência é por si só uma situação intensa e violenta psiquicamente, o que a faz ser permeada de vulnerabilidades. Também ressaltaremos alguns aspectos da organização da família atual que influenciam diretamente na gradação da radicalidade da experiência adolescente, dificultando, em maior ou menor medida, a passagem pelos seus caminhos.

Por outro lado, não podemos deixar de ter em vista que, em paralelo a metabolização de seus processos internos, estes indivíduos estão profundamente inseridos em um ambiente, que, a nosso ver, é parceiro importante durante o percurso subjetivante que é a adolescência. Por mais que o contexto digital acolha várias formas de expressividade, percebemos que, na adolescência, um recurso comunicativo específico se destaca: a expressão de si através de imagens. Seja em

relação à meticulosa escolha das fotos de perfil que selecionam para usar em suas redes sociais ou pelas postagens diárias que fazem de suas rotinas, os adolescentes estão a todo tempo apresentando-se nas telas através de recortes imagéticos.

Entendemos que a valorização do registro visual pelos adolescentes no ambiente digital decorre de um movimento maior, de ordem econômico-sociocultural, típico do contexto contemporâneo, o qual valoriza e facilita o artifício das imagens como narrativas sobre si. Diante disso, iremos expor algumas especificidades sobre o regime de produção subjetiva deste cenário de fundo que é o contemporâneo, o qual constitui identidades que se organizam a partir da visibilidade e do que é exposto. Assim, considerar o contexto da cultura contemporânea é essencial para uma compreensão ampliada das formas de expressão da adolescência no ambiente digital.

1.1

O cenário da visibilidade atual: subjetividades exteriorizadas

É possível constatar que houve, na virada da modernidade para a contemporaneidade, um deslocamento do eixo pela qual as subjetividades se constroem. Sibilia (2007), estudiosa das relações entre cultura, subjetividade e novas tecnologias, nos ajuda a compreender os sentidos de um fenômeno que se verifica na atualidade que é a exposição publicizada na internet de aspectos da intimidade. Em outros tempos e por longa duração, a intimidade esteve vinculada à ideia de privacidade, cujos limites entre as esferas do público e do privado eram demarcados com mais nitidez. Hoje, os dispositivos tecnológicos permitem o desenvolvimento de novas modalidades de expressão e comunicação, o que altera toda a economia subjetiva anterior, incidindo diretamente no momento da adolescência.

Sobre isto, a percepção acerca das novas possibilidades de “escritas de si” expostas na *web*, facilitadas por dispositivos eletrônicos com câmeras acopladas, abalam as fronteiras pelas quais as subjetividades da modernidade se edificavam (Sibilia, 2007). Diretamente influenciadas pelos saberes daquele período histórico, estimulou-se, no ocidente, a germinação de *subjetividades introdirigidas*, relacionando-se a ideia de que, naquele momento, considerava-se que o encontro

com a verdade de si somente seria alcançado por meio de mecanismos introspectivos (Sibilia, 2007). A título de exemplo, a autora apresenta fragmentos da obra de Santo Agostinho que justificam essa ideia, reconhecido como um dos pioneiros da perspectiva da interioridade na Idade Média. Para o monge cristão, seria no interior do homem que moraria a verdade, via necessária para se chegar a Deus. Nesse sentido, um olhar introspectivo para dentro de si seria essencial para se alcançar a verdadeira natureza da criatura.

Salienta Sibilia (2007) que, prenunciadas pelos textos de Santo Agostinho, as ideias sobre o deslocamento da verdade para o interior do homem foram explicitadas de maneira definitiva pelo referencial cartesiano da racionalidade, marco da modernidade. A perspectiva do “eu penso (logo existo) não se concentra no mundo material e exterior das ações e das interações sociais – ou seja, daquele grande fora do sujeito – mas, ao contrário, finca-se na “interioridade imaterial da mente e da alma” (pp. 86-87). Com Descartes, a proposta do voltar-se para o interior da subjetividade não buscava mais o encontro com Deus, mas sim o encontro consigo mesmo. Seriam pelas capacidades individuais racionais que o sujeito moderno encontraria com as fontes do seu Eu.

Vale dizer que a própria psicanálise como saber que eclodiu na modernidade também não foge dos referenciais de sua época. Ela também se iniciou como uma busca pelo conhecimento da verdade interior do sujeito, tentando justificar cientificamente suas teorias. Por outro lado, Garcia-Roza (1985/2014) adverte que, não é pelo referencial do racionalismo cartesiano que a psicanálise busca o encontro com a verdade do sujeito. Contudo, considerando modelo do inconsciente que abarca duplicidades de si no mesmo indivíduo, também mantém um viés interiorizado da subjetividade. Por outras vias, propõe um modelo singular cujo paradigma é o de um sujeito dividido, fendido. Valoriza uma dimensão do Eu que, mesmo que estranha e desconhecida, hospeda-se do lado de dentro dos indivíduos, em busca de deciframento. Assim, “a problemática do inconsciente e as diversas terapêuticas e saberes psicológicos participam ativamente da constituição desta verdade tão mais autêntica quanto menos visível e dizível” (BRUNO, 2013, p. 65).

Outras influências de ordem literária, médica e artística germinaram a semente da interioridade moderna, a qual não exploraremos neste trabalho para não

nos desviarmos de nossa questão principal acerca da expressividade por imagens da adolescência na contemporaneidade. Contudo, esta breve exposição sobre o paradigma da modernidade se fez necessária para firmarmos um contraponto com o modelo subjetivo da exterioridade, verificado na contemporaneidade e ilustrado pelos adolescentes, com potência, no contexto digital.

O eu introdirigido da Era Moderna, oriundo das profundezas do psiquismo, oculto e mais facilmente protegido à face dos olhares alheios, no contemporâneo, se desenha como um eu visível, cuja “subjetividade é capaz de se mostrar na superfície da pele e das telas” (SIBILIA, 2007, p. 199). Isto significa dizer que os tempos atuais conduzem mudanças em relação a configuração subjetiva dos indivíduos, considerando que o ambiente digital os convoca a se projetarem diante das telas. Na contemporaneidade, há um radical deslocamento de um registro das subjetividades introdirigidas para as *alterdirigidas* (SIBILIA, 2007). Nesse sentido, as fronteiras mais marcadas entre um eu privado, íntimo e introspectivo da modernidade se mostram menos visíveis hoje.

Na cultura atual, impera a ideia de que se ninguém vê alguma coisa, é bem provável que essa coisa não exista (SIBILIA, 2007). Esta máxima aponta que, se algum conteúdo não é radicalmente explicitado e visível pela coletividade, ele seria ilusório e, conseqüentemente, inexistente. Desta maneira, a questão da visibilidade e do apelo à imagem no contexto social atual é central, marcando um importante contraste em relação às manifestações subjetivas consolidadas na modernidade e ganhando relevo com a inclusão dos dispositivos eletrônicos e redes sociais cada vez mais cedo na infância e adolescência. Nas práticas atuais em questão, o Eu se realiza e se efetiva muito mais na proximidade do olhar do outro, na prática visível, do que no recolhimento e na introspeção referenciadas outrora (BRUNO, 2013).

Para Costa (2001), a cultura atual da exibição publicitária da privacidade é um dentre vários fatores culturais que privilegia a clareza da aparência e justifica o grande interesse econômico-político que está por detrás do incentivo de práticas de exteriorização da intimidade. O autor traz este exemplo para justificar que o sujeito é uma realidade psíquica histórico-cultural de implicação mútua, onde os comportamentos subjetivos retroalimentam a adesão de crenças econômicas ao

mesmo tempo em que há um estímulo da economia à permanência de comportamentos subjetivos necessários à sua manutenção.

Com o alargamento das possibilidades de estar no mundo pela entrada das tecnologias, Sibilia (2007) sublinha que foi possível verificar uma mudança de lócus no regime da autenticidade na contemporaneidade, na qual hoje, “é preciso aparecer para ser” (p. 101). Além disso, relata a autora que o aspecto corporal adquire um valor fundamental neste novo contexto: como um objeto de design marcado pela cultura das aparências e do espetáculo, as personalidades da atualidade parecem, cada vez mais, precisar de uma exibição visceral na própria pele, de suas personalidades. As telas ampliariam este campo de visibilidade, cujo corpo se apresenta intensamente por imagens construídas nas redes, principalmente na adolescência. A intimidade de outrora, ligada ao privado e ao recolhimento, constitui-se em matéria produzida ao mesmo tempo que é assistida pelo outro, “que é chamado a participar ativamente nestas novas modalidades de exposição de si” (BRUNO, 2013, p. 69).

Buscando compreender o que está em jogo neste novo campo de visibilidades, Tisseron (2011), estudioso das relações entre tecnologia e subjetivação, designa por “extimidade” o desejo de expor seu mundo íntimo ao outro, evidente na vivência digital. Originalmente, o conceito de extimidade é trabalhado por Lacan e o autor pega emprestado o simbolismo da fita de Moebius para exemplificar seu conceito. Assim como ocorre com a fita, entende não ser possível discriminar, no processo de constituição subjetiva, o que de fato é absolutamente interno e o que é marcadamente externo, considerando que o sujeito se constitui nos limites da relação eu-outro.

A extimidade, para Tisseron (2011) resultaria, portanto, de uma busca genuína pela singularidade e por uma autenticidade de si. Vale frisar, contudo, que a visibilidade de aspectos subjetivos expostos ao olhar do outro, para o autor, não se confunde de nenhuma maneira com exibicionismo, conotação de cunho negativo diante de um sujeito que se fixa em um ritual rígido, congelado e repetitivo. Cardoso (2014) nos lembra que, nas situações de dependência, o objeto é fixo, pressupondo uma relação adesiva, sem plasticidade, sem perspectiva de distanciamento ou substituição. Pelo contrário. Tisseron (2011) determina que o desejo de extimidade

representa uma atitude de risco cuja vulnerabilidade está a todo tempo em pauta, referenciada em um não-saber sobre si através do que se exhibe.

Por este ângulo, a forma de apresentação dos adolescentes na internet por imagens representa uma forma de exteriorização do Eu, em busca do encontro de uma confirmação sobre quem se é. Evidencia-se o aspecto de vulnerabilidade no desejo de intimidade ao percebermos que a contemporaneidade denuncia um sentimento de timidez que remonta a experiência narcísica, relatado pelos sujeitos como se “os seus elementos mais íntimos adornassem as partes mais visíveis de si” (CÂMARA; KLEIN; HERZOG, 2014, p. 110). Nota-se, portanto, significativa porosidade diante dos limites das esferas intimidade e privacidade, onde o poder de se ocultar perante o outro se perde no contemporâneo, sendo difícil “escolher a quem revelar sua intimidade, de maneira e nas ocasiões que julgar mais favoráveis” (COSTA, 2001 p. 08).

Neste sentido, para compreendermos as formas de expressividade adolescente no contexto digital, precisamos nos distanciar de uma visão que pensa que suas imagens digitais obedecem à lógica da manipulação e da mentira, principalmente neste momento de vida. Isto porque o ato de desejar ver e ser visto não concerne apenas a circuitos de controle, mas também reúne registros de prazer, sociabilidade e entretenimento (BRUNO, 2013). Assim, é possível perceber que a busca pela verdade e pela autenticidade, na atualidade, está muito mais perto do que é mostrado pela superfície, do que o que é escondido por trás da imagem e da aparência.

Para Bruno (2013) o Eu da atualidade é visível e se constitui *na* imagem e *como* imagem, portanto, exterior às profundezas de si e aberto ao mundo. Segundo a autora, uma ampliação da margem de interatividade com o outro precisa ocorrer para que seja possível tomar para si seus próprios atributos. É pela interação com os espectadores que uma composição da imagem de si, agora visível, pode ser tecida. Esta dança de visibilidades no meio tecnológico é cristalina ao estudarmos a adolescência no contemporâneo, onde, nestes espaços, os adolescentes se apresentam para o mundo, se constituem e se subjetivam.

Sobre esta forma particular de manifestação subjetiva do contemporâneo, Fernandes (2011) verifica que, no campo do adoecimento psíquico, as patologias

associadas à exterioridade também são predominantes. Relata que as problemáticas que antes eram consideradas como internas estão migrando para o exterior do sujeito, fazendo-se mostrar insistentemente ao outro, como é o caso das problemáticas alimentares, quadros de somatizações, compulsões, automutilações, hipocondria, toxicomanias e adicções.

A autora nos relembra que o corpo na clínica se apresenta por uma diversidade de formas e os psicanalistas devem diversificar as maneiras pelas quais se debruçam sobre este assunto, para além de voltarem sua atenção apenas quando uma queixa somática é identificada. Ressalta que, como arte da escuta do sofrimento humano, a psicanálise da atualidade deve se debruçar diante das novas formas de apresentação, não deixando de escutar as comunicações que encontram outras vias de expressão para além da palavra.

Neste sentido, é possível dizer que as manifestações da contemporaneidade estão marcadas pelo registro da apresentação, diante de corpos que se fazem exibir das mais diversas formas. Diante disto, pensamos que é essencial para a compreensão do processo de subjetivação da adolescência hoje nos voltarmos para suas imagens digitais, considerando-as facetas deste corpo que é visível e *alterdirigido*. Diante disso, nos indagamos sobre o que ocorre especialmente na dinâmica da adolescência que justifique estes sujeitos entranharem-se tão profundamente neste universo. É o que analisaremos nos próximos tópicos.

1.2

O modelo psicanalítico da adolescência

A adolescência pode ser definida por diversas maneiras a depender do campo de estudo, conjugando áreas como a Psicologia, Medicina, Psicanálise, Sociologia, Direito, Antropologia e Educação. Cada área do conhecimento se debruça sobre o tema a partir seus próprios referenciais teóricos, ora complementares, ora controversos entre si. A heterogeneidade nas formas de descrição da adolescência ocorre não somente por conta da complexidade deste momento de vida, mas principalmente pelos distintos olhares que cada campo de estudo convoca para esse assunto.

Organizada como fenômeno cultural recente, a adolescência se estabeleceu como noção no período entre as duas grandes guerras mundiais, decorrente da valorização da infância e remanejamento da criança para o centro da família. (OUTEIRAL, 2003). Os adultos, massivamente marcados pela experiência mortífera pós-guerra, identificavam nos adolescentes um ideal de pretensa liberdade, a qual não poderiam mais alcançar (CALLIGARIS, 2000).

Marcelli e Braconnier (2007) destacam quatro grandes modelos conceituais interessados em compreender o momento da adolescência. São eles: modelo fisiológico, o modelo sociológico e ambiental, o modelo psicanalítico e, por fim, o modelo cognitivo e educativo. Segundo os autores, o modelo fisiológico estuda as transformações corporais da adolescência a partir da maturidade genital, diferenciando a experiência da puberdade da menina e do menino do ponto de vista biológico e cronológico. Mesmo que possam ocorrer variações, estipula-se que, em média, o desenvolvimento pubertário da menina ocorre entre 10 anos e meio e 11 anos, e no menino, entre 12 anos e meio e 13 anos. Os autores apontam que, na Europa, com o passar dos séculos, notou-se variações coletivas significativas de adiantamento pubertário, já que antes era mais comum que a entrada na puberdade coincidissem com o ingresso na vida profissional. Apesar de identificada uma certa estabilização em relação a média etária da primeira menstruação entre as meninas, a entrada no mercado de trabalho vem cada vez mais se distanciando das marcas de desenvolvimento fisiológico. Para este modelo, a percepção de que evolução fisiológica tende a caminhar no sentido oposto da evolução social determina um dos aspectos relacionados ao alargamento gradativo do período da adolescência.

O modelo sociológico e ambiental se baseia em um duplo ponto de vista: o estudo da adolescência como um período de inserção na vida social adulta ao mesmo tempo que representa um grupo social com características próprias. Este modelo se propõe a analisar não só as diferenças entre os próprios adolescentes, mas também as relações em nível geral entre adolescentes e a classe dos adultos em cada espaço. Desta maneira, dependendo do meio social, da época e da cultura, o nível de duração da adolescência e os métodos de socialização deste grupo podem ser radicalmente diferentes. Vale dizer que a perspectiva sociológica e ambiente não compreende a adolescência como fenômeno homogêneo e universal, tendo em

vista que cada época e local comporta diferentes formas de construir laços e dispor de costumes.

Por sua vez, o modelo cognitivo e educativo valoriza a ideia de que as mudanças nas estruturas cognitivas ocorridas no período da adolescência são tão importantes quanto as transformações pubertárias. Marcelli e Bracconier (2007) relatam que o necessário trabalho de integração das modificações corporais, afetivas e relacionais promovem o desenvolvimento de um tipo específico de aprendizagem social que se revela nesta fase. Centrada e desenvolvida a partir das interações sociais, este modelo se apoia em uma forma de aprendizagem para além da inteligência operatória formal descrita por Piaget como um modelo específico de modificação cognitiva. Para o modelo cognitivo e educativo, a adolescência seria compreendida “por um período privilegiado das aprendizagens sociais e culturais numa idade em que o indivíduo ainda não é coagido a se conformar a um papel rigorosamente definido, onde as flutuações em seus sistemas de identificação permitem diversas tentativas” (p. 37).

Finalmente, o modelo psicanalítico, ao qual a nossa pesquisa mais se interessa, pretende “descrever e compreender a adolescência como um processo psicológico relativamente homogêneo segundo as sociedades” (MARCELLI; BRACONNIER, 2007, p. 26). A partir da proposta freudiana sobre o inconsciente e das marcas da sexualidade infantil em todos, é possível considerar uma experiência intrapsíquica subjetivamente compartilhada no processo de adolecer, de caráter relativamente homogêneo. Para este modelo, as modificações pulsionais, o trabalho de luto da infância, a problemática do corpo, o narcisismo e incerteza identificatória representam algumas das questões emergentes com a chegada da adolescência, sobre as quais ninguém consegue escapar (MARCELLI; BRACONNIER, 2007). Assim, a imbricação destes elementos acontece em maior ou menor grau a depender da experiência subjetiva singular, cuja “importância de cada um variará segundo os pontos de vista e, evidentemente, segundo os próprios adolescentes” (p. 26).

Diante dos quatro modelos, concordamos com o entendimento Marcelli e Bracconier (2007) de que o modelo psicanalítico está em parte condicionado pelos modelos fisiológico e sociológico, mesmo que sejam insuficientes para abarcar toda

a complexidade da adolescência. Assim, a heterogeneidade dos referenciais teóricos sob os quais se situam os quatro modelos nos mostra que o estudo da adolescência se encontra no entrecruzamento de diversos campos (EMMANUELLI, 2008).

Contudo, de algum modo, todas as propostas convergem em ângulo comum: o fato de a adolescência ser concebida em um período do ciclo vital situado entre a infância e a maturidade. Exploraremos, neste momento, as especificidades deste período com mais detalhes a partir do modelo psicanalítico, que menos se importa com datas cronológicas do que com o trabalho de apropriação subjetiva da situação de dependência perante o outro, acionada na adolescência.

O modelo psicanalítico da adolescência considera o fator biológico da chegada da puberdade, mas também leva em conta meio social, época e cultura sob as quais incidem diretamente nos formatos possíveis de adolecer. Para Garcia-Roza (1985/2014) a possibilidade de acolhimento dos paradoxos e múltiplos de si faz com que a psicanálise se interesse muito mais pelo *sujeito da verdade* do que pela verdade do sujeito, em busca do desejo que anima a lógica do inconsciente. O afastamento de uma ideia unicamente naturalista e biologizante da adolescência é essencial em psicanálise, na qual a clínica é sempre soberana, “derivando desta o tratamento e a própria formalização de um saber” (GONDAR, 1995, p. 69).

Freud não realizou, durante a sua obra, uma teorização sistemática sobre a adolescência. Sequer usou este termo, já que não existia no idioma alemão do seu tempo, mas deixou contribuições importantes acerca das consequências psíquicas e corporais advindas da eclosão da puberdade. Por este ponto de vista, podemos dizer que é a via do corpo a primeira a dar notícias de um estranhamento inédito e radical diante de si. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/1996) dedica um capítulo às “Metamorfoses da Puberdade”, sinalizando que, após o período de latência e consequente inibição, fica “pronto um aparelho altamente complexo, à espera do momento em que será utilizado” (p. 197). Assim, a maturação fisiológica do corpo e real possibilidade de reprodução aproxima as pulsões parciais de natureza infantil de sua organização definitiva, firmando o primado da zona genital. Sendo assim, o momento da puberdade é organizado, para o autor, pelo referencial da genitalidade, ensejando uma necessária mudança de escolha objetal.

Além disso, é importante trazer que qualquer situação que convoque o psiquismo a se reorganizar de forma complexa é uma oportunidade para adocimentos psíquicos, caso tal processo não ocorra da forma devida (FREUD, 1905/1996). Nesse sentido, aponta Emmanuelli (2008), que as consequências desta cena dependerão da intensidade e da capacidade narcísica do indivíduo em lidar com tantas mudanças. Contudo, a autora nos alerta que nenhum sujeito é capaz de escapar das mobilizações oriundas do embaralhar e desembaralhar da adolescência. Diante disto, entendemos que os eixos estruturalmente mais abalados são os de ordem narcísica e edípica, ambos marcados pela problemática da dependência e sua relação com a alteridade.

O adolescente, além de lidar com as consequências corporais e psíquicas advindas da puberdade, precisa enfrentar a árdua tarefa de renunciar aos objetos de amor de outro tempo e se reestruturar na busca de outros novos que possam se oferecer numa “corrente sensual” (FREUD, 1905/1996, p. 189). Contudo, é extremamente difícil destituírem a posição de seus investidores narcísicos, exatamente porque acreditam que as novas escolhas substitutas, agora possíveis de serem alcançadas pela genitalidade, são duvidosas. Perguntam-se: Será que eles me amarão incondicionalmente como meus pais? (PINHEIRO, 2001).

Outro aspecto mobilizado pela adolescência é sobre a insegurança em relação a possibilidade de ruptura destes sujeitos com seus objetos primordiais. Este fato desorganiza brutalmente a coesão do sentimento de identidade até então conhecido pelo adolescente, fragilizando-o radicalmente (PINHEIRO, 2001). Assim, a renúncia aos objetos de desejo incestuosos comporta significativo remanejamento do referencial identificatório, apesar da dessexualização dos objetos originários que marca o fim do Édipo, nunca ser absoluta e completa (NASIO, 2007). Sobre isto, Cardoso (2014) aponta que, pela desproteção antes salvaguardada pela instituição da infância, oscila o adolescente entre receio de submissão eterna ao adulto ao terror de seu desaparecimento por completo, seguindo uma lógica paradoxal.

Como um “migrante”, o adolescente precisa atravessar um período intermediário cuja marca é a vulnerabilidade, principalmente em relação a um sentimento de insegurança em relação a sua identidade (ROUSSILLON, 2010a).

Esta desestabilização se justifica por conta da moratória cultural imposta aos adolescentes ocidentais, os quais, apesar de já terem desenvolvido corpos desejantes e desejáveis, não são considerados aptos para administrarem a autonomia que os adultos possuem da maneira que bem desejarem (CALLIGARIS, 2000). Sendo assim, a ameaça que envolve a dialética eu-outro e a indefinição sobre a moratória da adolescente é tamanha que alguns autores relacionam a adolescência com uma situação de crise, vivida passivamente pelo sujeito, tendo em vista que jamais ousou ser ator principal de um teatro tão turbulento. A escolha da palavra crise para situar a adolescência não é aleatória, pois, como situou Dolto (1988/2004), a busca por novas formas de exercer o laço social possui alto custo psíquico.

No âmbito da medicina, uma situação de crise representa um momento súbito de melhora ou piora do quadro no curso de uma doença. Canavêz e Câmara (2020) criticam ainda haver resquícios de um viés naturalizante no campo da psicanálise, seara que é conhecida por fugir à reducionismos. Parte de uma ética em psicanálise conversa com questionar certas terminologias que referem-se à adolescência por um referencial normal-patológico. A expressão “síndrome da adolescência normal”, por exemplo, proposta por Knobel (1970/1981) aproxima a intensidade deste período a uma quase-patologia natural. Nesta argumentação, mesmo que não seja a intenção dos autores, o termo “normal”, não caberia no discurso psicanalítico. Buscando fugir de termos psicopatológicos, Canavêz e Câmara (2020) propõem a definição de adolescência como *experiência*, abarcando seu sentido histórico e social. Apesar de também utilizarem o termo crise, reiteram que buscam se distanciar de conceituações médicas, problematizando a adolescência a partir do trabalho psíquico que ela convoca, da ordem de um processo.

Interessados em conhecer melhor outros significados da palavra “crise”, vimos que ela também se refere a um momento de decisão que remete a um estado de súbito desequilíbrio que gera dúvida e incerteza diante ao que estava previamente estabelecido. Além disso, possui outra acepção relacionada a um estado emocional cujos sintomas se manifestam com maior intensidade. Entendemos que estas duas últimas definições são as que mais auxiliam na compreensão psicanalítica da adolescência, nos moldes dos rearranjos objetal e edípico descritos. A situação de

crise se instaura, portanto, com o despreparo de um psiquismo – antes equilibrado, seguro de si, em homeostase – que sofre uma ruptura súbita a qual não antecipava, da ordem do imprevisível. Esse repentino desequilíbrio produz consequências psíquicas da ordem da invasão e da violência, associadas ao desamparo e a vulnerabilidade.

Pretendemos sublinhar, neste trabalho, a acepção que entende a violência na adolescência decorrente de uma intensa mobilização interna em busca de novas significações. Como forma de lidar com a situação de vulnerabilidade e desamparo em que o sujeito se encontra, violência não é exclusivamente adolescente, mas a adolescência é, por si só, uma experiência violenta (MARTY, 2006). Marty (2006) considera o acontecimento pubertário da ordem de um arrombamento, e, por isso, duplamente ameaçador para a integridade egóica.

Para o autor, a ameaça é tanto interna, narcísica, situação em que o sujeito precisa renunciar a seus objetos infantis, quanto externa – ou vivida como externa. Assim, com o bombardeio da puberdade, o adolescente passa a perceber seu novo corpo como uma ameaça exterior, um corpo estranho, eventualmente persecutório e não unificado (MARTY, 2006). Agora pronto para a reprodução e biologicamente desenvolvido, o corpo púbere é experimentado com um desconforto como o de alguém que detém algo que não é seu, desintegrado de um lugar psíquico interno.

Levando tudo isto em consideração, percebemos como a problemática da adolescência é repleta de complexidades, seja em relação à necessária apropriação da situação de dependência, como perante a experimentação de sensações diante de um novo corpo. Este movimento não é simples e envolve um trabalho complexo de elaboração, abalando as estruturas até então consolidadas e protegidas pela instituição da infância. Pretendíamos destacar, neste ponto, o aspecto de crise e consequente vulnerabilidade adolescente e o árduo trabalho migratório para a vida adulta, da ordem de uma experiência subjetiva radical. Como vimos, a metabolização das mudanças corporais, o necessário distanciamento das figuras de referência e a incerteza identificatória são apenas alguns dos impasses que os adolescentes precisam lidar para seguirem em frente.

Para além desta profunda resignificação em vários planos, a sociedade ocidental atual possui características que acentuam a vivência do desamparo e do

excesso, direcionadas a todos os sujeitos, abalando, particularmente, os adolescentes. Entendemos ser importante traçar alguns comentários sobre o desamparo do contemporâneo e suas ressonâncias na adolescência, considerando que este momento, por si só, já convoca vulnerabilidades. Questionar o contexto da organização da família na atualidade consiste compreender como este modelo externo pode influenciar o viver da adolescência, levando em consideração que estes sujeitos estão passando por estruturamentos internos importantes.

1.3

Os desafios do contemporâneo e o desamparo adolescente

O mal-estar analisado por Freud (1930/1996), perpassa a relação do sujeito com a cultura desde as origens da civilização, considerando que o conflito entre a agressividade oriunda da pulsionalidade e a civilização é inescapável. Contudo, é possível dizer que a cultura e as subjetividades contemporâneas exacerbam a vivência de desamparo na adolescência, a qual, até certa medida, é inerente à condição humana de dependência (SAVIETTO, 2007). Como bem apontado por Roussillon (2008), a situação de dependência em maior ou menor grau jamais poderá ser evitada, por mais que quiséssemos. Contudo, “pode-se esperar que ela acabe por apresentar uma intensidade moderada e aceitável para o nosso narcisismo” (p. 1) A partir desse viés, compreendemos que o estado de desamparo é um companheiro de toda a vida, oriundo da situação de dependência do ser humano, ligado ao estado de prematuração do bebê em relação aos outros mamíferos (FREUD, 1926[1925]/1996).

Importante destacar que, neste momento, não estamos nos referindo a este aspecto do desamparo relacionado ao fator biológico, de ordem estrutural, e sim ao viés do desamparo protótipo da situação traumática, relacionado à teoria freudiana da angústia (FREUD, 1926[1925]/1996). Neste sentido, o aspecto traumático do desamparo se refere a estados em que a perda ou a separação se evidencia, provocando um aumento progressivo de tensão a ponto de, nos casos extremos, o sujeito se ver incapacitado em dominá-las, submergindo-se a elas (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Como ressaltado por Bauman (2021), a sociedade ocidental tem as marcas da liquidez, fluidez e instabilidade, oriundas da ruptura com as instituições tradicionais. Não pensa ter sido possível concretizar a substituição de certa solidez anterior em novas propostas de formas de existência que fossem confiáveis e estáveis. No contemporâneo, a imprevisibilidade reina e abre espaço para o instantâneo e o imediato “vindo pôr em xeque a ilusão subjetiva de continuidade” (SAVIETTO, 2007, p. 443). Este cenário confirma-se pela impossibilidade de dar conta dos ditames de um supereu cultural, o qual, somente pelas demandas de êxito e produtividade, oferece reconhecimento (VIANA; MONTES; CRISTÓFARO; CARAVELLI, 2012).

Sobre o contexto da organização familiar atual, Savietto (2007) aponta que os adolescentes estão perdidos diante da indiscriminação entre os papéis de cada membro dentro da família, precisando construir, muitas vezes sozinhos, seus próprios referenciais e elaborar as normas reguladoras de suas existências. A revivência do desamparo traumático próprio ao processo de adolecer se demonstra cristalizada em nossa cultura, principalmente, no íntimo da família atual, “espaço no qual a desproteção vivenciada na esfera cultural mais ampla vem se reproduzindo” (p. 443). Entendemos que a falta de garantias e a instabilidade, marca dos tempos atuais, potencializa a experiência de desamparo e escalona o caráter excessivo da adolescência. Isto porque estes sujeitos já lidam com outras desorganizações de caráter íntimo e precisam suportar temporariamente a instabilidade desta fase, sem perderem-se de si.

Nesse sentido, Outeiral (2003) destaca que os tempos atuais possuem entraves que dificultam a delimitação exata do tempo desta travessia, principalmente por uma identificação maciça das figuras parentais com os jovens, os quais ainda adotariam, na vida adulta, comportamentos característicos dos conflitos adolescentes. Incapacitados em cumprir sua função estruturante de diferenciação, para o autor, faltam “padrões adultos para os verdadeiros adolescentes se identificarem”, misturando-se todos em grande confusão (p. 107).

Exatamente por estar situado entre a infância e a maturidade, o adolescente não se vê amparado por nenhuma instituição social que auxilie sua emancipação: não é nem criança, nem adulto, ou seja, não está em lugar algum. Este fato se

potencializa pelo fato de a sociedade atual não olhar as experiências de transitoriedade com bons olhos. Isto se percebe pela abreviação da infância e pela recusa do envelhecer no contemporâneo, não existindo um espaço intermediário de acolhimento e valorização entre a vida infantil e o mundo adulto, espaço este que, pelo culto à juventude, todos parecem correr na direção oposta (CARDOSO; KERNIER, 2024). Assim, o momento adolescência não encontra mais marcos evidentes, considerando a complexidade inerente a uma indefinição sobre o que é “ser adulto”.

Diante de tamanha confusão, fica mais difícil ainda elaborar a grande questão identitária “quem sou eu”, tão central na adolescência, diante de figuras de cuidado que também estiveram desorientados quando foram adolescentes, a partir da “transmissão inconsciente de elementos traumáticos parentais não-elaborados” (SAVIETTO, 2007, p. 451). Nesse sentido, a história psíquica parental merece relevo para o entendimento da potencialidade do desamparo dos adolescentes na atualidade, considerando que estes puderam não ter tido condições de acolhimento de sua pulsionalidade também pelos seus próprios pais, quando adolescentes eram. Valorizando o papel dos adultos na adolescência, pensamos ser necessário que estes possam se posicionar como diferenciados para assim conseguirem oferecer alguma sustentação diante de tamanho turbilhão vivenciados por estes sujeitos, o que conversa com a noção de “apoio narcísico parental” (GUTTON, 1990 citado por MARTY, 2006). Para estes autores, o incremento do desamparo nos tempos atuais se relaciona com uma importante dificuldade dos adultos oferecerem este tipo específico de suporte identitário para os adolescentes.

Nesse contexto, Birman (2019) ressalta que os contornos já frágeis das subjetividades atuais se esgarçam ainda mais quando o social insiste em demandar a cura para todo e qualquer mal-estar, colocando em crise, inclusive, a prática da psicanálise, que advoga pelo encontro de possibilidades criativas ao invés de denegá-lo. Diante de uma dificuldade generalizada em dar contorno e sustentação ao pulsional, entendemos que a cultura em que estamos inseridos vem propondo soluções objetivas e imediatistas para o irremediável, ofuscando a potência criativa, inerente à experimentação necessária da adolescência. Por este viés, a necessidade ansiosa de tamponar o sofrimento a qualquer custo denega as dores legítimas da adolescência, cujo impacto traumático pode ser devastador.

Segundo Cardoso (2023a), estaríamos vivendo tempos para além do mal-estar, cujas modalidades de sofrimento marcam curtos-circuitos nos processos de elaboração psíquica, onde o vivido não encontra registro na historicidade do sujeito, experienciado como dor. Sugere a autora que as tendências de compulsão à autoexcitação permanente e ao prazer absoluto verificados na atualidade fazem com que o sujeito se encontre numa situação de profundo isolamento, típico da lógica do desamparo, sob a qual entendemos provocar, ainda mais, a fragilidade da vivência da adolescência. Afirmo, ainda que a qualidade da delimitação das fronteiras dos espaços egóicos dos adolescentes, capazes ou não de suportar a violência do pulsional, depende da qualidade da relação com seus objetos primordiais. Alerta a autora que “essas fronteiras não podem ser concebidas fora do âmbito da relação eu/outro no interior da qual estão implicados, de uma só vez, os registros intrapsíquico e intersubjetivo” (p. 70).

Nota-se, portanto, que estamos considerando neste trabalho uma investigação da adolescência que transcende considerar apenas o modelo edípico freudiano. O desamparo acionado pelo do outro cultural diante do pulsional, a indiscriminação de papéis na cultura e as dificuldades dentro e fora da família no oferecimento de contenção e sustentação ao excessivo adolescente são pontos essenciais que apontam para a importância do papel parental na trama adolescente. Assim, seu posicionamento diante o adolescer é essencial para que uma razoável administração dos excessos mobilizados com este momento se dê, propulsionando um caminhar criativo.

1.4

Adolescência, ambiente digital e apresentações imagéticas

Se, na adolescência, o indivíduo se depara com uma intensa exigência de trabalho diante de uma série de mudanças de ordem corporal, social, identitária e sexual, notamos que o meio tecnológico se oferta como relevante ferramenta de mediação da relação do adolescente consigo e com o mundo cheio de incertezas sob o qual está inserido (LE BRETON, 2017). Relembrando que o psiquismo adolescente é assolado de demandas tanto internas quanto externas, de caráter narcísico e edípico, consideramos o digital como espaço que se oferece como possibilidade interativa e facilitadora para as integrações múltiplas da adolescência.

Sendo assim, pretendemos expor algumas características do espaço digital a serviço das elaborações adolescentes, no intuito de compreendermos o especial entusiasmo deste grupo por este espaço.

Sobre o paradoxo acerca da necessária, mas sofrida separação do objeto na adolescência, Le Breton (2017) aponta que a existência *online* permite ao adolescente administrar, por conta própria, uma distância razoável de quem precisa se afastar, mas ao mesmo tempo teme perder. Considerando a proposta de Canavêz e Câmara (2020) considerarmos a adolescência como experiência de caráter processual, o acesso ao digital abre espaço para estes sujeitos, progressivamente, começarem a tatear caminhos em direção ao novo, da melhor maneira que lhes convier. O uso de fones de ouvido pelos adolescentes exprime a função de separação diante do ambiente que o circunda, possibilitando uma desconexão temporária do entorno (LE BRETON, 2017). O mesmo vale para o uso dos celulares e jogos pelos adolescentes, estando em suas mãos o controle da manutenção da distância de si ao outro, podendo estar “ao mesmo tempo aqui e lá” (LE BRETON, 2017, p. 16).

Neste caminho, a experiência na *web* permite que os adolescentes possam estar no mundo a partir de outra margem, utilizando-se dos recursos dos mecanismos tecnológicos para experimentarem a distância do objeto e, gradativamente, suportá-la. Segundo Marty e Missonier (2010), parte do trabalho da adolescência constitui uma tentativa de retomar o controle diante de um renascer que lhes é imposto. Afirmam que, necessária e radicalmente, o mundo dos adolescentes *precisa* se opor ao dos adultos, tendo em vista que mudar é opor-se, é atacar a ordem. Diante disso, o mundo digital é investido por estes sujeitos a partir de um desejo de ocupação de um espaço específico, tornando-se seu e familiar, “deformando-o a ponto de tornar esse novo mundo estranho aos habitantes do antigo (os adultos)” (p. 481).

Por mais que consideremos a falta de ritual de passagem para a vida adulta no modelo das metrópoles ocidental e, por consequente, a incerteza acerca da moratória da adolescência, os presentes digitais como celulares e *tablets* representam um tipo de emancipação e autorização parental para que seus filhos transitem para outra fase da vida (LE BRETON, 2017). Respeitando as

singularidades de cada contexto familiar, pensamos que estes objetos digitais não podem ser considerados de maneira superficial, como simples presentes, denotando importante caráter simbólico, especificamente na adolescência. Assim, o ato de presentear estes sujeitos com estes dispositivos refere-se a uma autorização tácita dos adultos aos seus filhos, permitindo-os que se espalhem e explorem um novo mundo mais distante de seus olhos, na busca de seus próprios rumos e valores.

Distanciar-se do universo da infância em busca de novas ideias sociais e amorosas, ligados à marca pubertária, faz com que o registro identitário seja fortemente solicitado: o investimento do outro passa a competir com o investimento de si, correndo-se o risco de uma perda radical do sentimento de identidade (MARTY; MISSONIER, 2010). Sendo assim, o digital se oferece como um meio que acolhe a incerteza sobre si mesmo, permitindo uma dança que autoriza o caminho por ilimitados personagens, fortalecendo o processo de construção identitária por meio da possibilidade de flutuação por inúmeras partes de si nas redes (TISSERON, 2015). Por esta lente multifacetada, este cenário vem se mostrando um facilitador da expressão de aspectos subjetivos na adolescência que poderiam permanecer ocultos em outras circunstâncias, “como experiência sensível de construção de si e de exploração dos próprios limites” (MARTY; MISSONIER, 2010, p. 475).

Diante da sensação de arrombamento causada por um estranhamento radical diante de um corpo que está se modificando abruptamente, percebemos que o ambiente digital oferece viabilidade para sua expressão e consequente integração. Assim, para Marty e Missonier (2010), o investimento que os adolescentes imprimem no contexto tecnológico não é por acaso, fazendo parte de uma busca de significado que precisa considerar o receio de despersonalização diante da chegada do primado do genital. Este espaço acolhe diversas possibilidades sobre si e abre portas para que busquem sair da passividade diante do que lhes acontece. Colocando-se ativamente na cena nas telas, podem explorar, em ação, novas possibilidades para seus novos corpos.

Sobre experimentações identitárias dos adolescentes no ambiente digital, Le Breton (2017) ressalta que os avatares construídos por estes sujeitos representam duplos de si, meio pelos quais conseguiriam, temporariamente, se libertar de suas

identidades atreladas ao corpo físico, alargando experimentações na via de corpos digitais. Como criaturas da intimidade, ressalta o autor, essas múltiplas versões de si protegem os adolescentes da sexualidade genital, ainda desconhecida e ameaçadora, que, quando decidem, pode ser deixada um pouco de lado.

Em complemento, Marty e Missonier (2010) afirmam que a realidade virtual dos jogos representa um campo de exploração deste aspecto duplo da realidade presente e futura, “que permite ao adolescente acompanhar psicologicamente (e ludicamente) as transformações puberais, encontrando novos pontos de referência no espaço virtual do jogo” (p. 475). Segundo os autores, a possibilidade de criar os elementos que compõem as características dos avatares conforme o próprio desejo do adolescente, facilita a criação de mundo em que não é necessário se preocupar.

Percebemos que a maioria significativa dos adolescentes brasileiros está representada nas redes sociais e faz uso deste dispositivo intensamente, principalmente pela possibilidade de troca social, já que, com seus pares, compartilham “sentimentos novos e frescos, ideias para uma nova vida” (WINNICOTT, 1968/2019, p. 233). As redes sociais, também conhecidas como mídias sociais, estão inseridas no contexto mais amplo do ambiente digital, representando produtos baseados nas experiências de socialização entre as pessoas.

Le Breton (2017) considera as redes sociais uma das principais ferramentas de experimentação para os adolescentes, apontando para um lugar de confrontação entre suas experiências íntimas e a dos outros. Estes espaços, para o autor, representariam “caixas de ressonância para o sentimento de existir”, onde os adolescentes são mestres das imagens que mostram aos outros, cujo lema é “eu sou o que eu mostro” (p. 17).

Destaques da pesquisa TIC Kids Online Brasil (2025), uma das principais fontes de dados sobre o comportamento online de jovens no país, apontam que, em 2024, a escolha da principal plataforma de acesso pelas crianças e adolescentes oscilou, dependendo da faixa etária desses sujeitos: enquanto o YouTube foi a principal plataforma acessada por usuários entre 9 e 12 anos, o Instagram foi a escolha entre a maioria dos usuários entre 13 e 14 anos, enquanto o Whatsapp se destacou entre os mais velhos, entre 15 e 17 anos.

Por mais que necessário, percebemos que exercer um controle afino do tempo de telas como recomendado pela Sociedade Brasileira de Pediatria para pessoas entre 11 e 18 anos, estipulando um limite de duas a três horas por dia, é um grande desafio. Isto se justifica, pois, estas subjetividades foram construídas diante das câmeras e inauguram novos gêneros de expressão, como as linguagens audiovisuais, o que é muito instigante (SIBILIA, 2007).

O próprio site do aplicativo *Whatsapp* intitula esta rede social como um lugar onde as conversas podem ser expressivas e genuínas e propõe que: “quando as palavras não forem suficientes, você poderá expressar sua personalidade de inúmeras maneiras com os recursos do *WhatsApp*: fotos e vídeos, notas de vídeo, figurinhas e muito mais” (WHATSAPP, 2025). Ainda, disponibilizam aos seus usuários o uso de “qualquer emoji para reagir a mensagens e compartilhar seus pensamentos de forma fácil e instantânea” (WHATSAPP, 2025). No mesmo sentido, o *Instagram* também oferta novas ferramentas comunicativas, alegando que “nossos recursos em constante evolução permitem que você se expresse de novas maneiras” (INSTAGRAM, 2025).

Nota-se que há, nas descrições que selecionamos de algumas das redes sociais mais populares na adolescência, a emergência de um apelo explícito ao uso de ferramentas comunicativas, para além da escrita e da linguagem oral, de caráter ilustrativo visual. Considerando a cultura das subjetividades exteriorizadas na qual estão inseridos, percebemos que os adolescentes estão a todo tempo fazendo-se expor ao olhar do outro a partir dessas construções imagéticas. Enquanto não estão as recebendo, encontram-se produzindo novas imagens para serem enviadas, desdobrando-se em versões públicas de si (LE BRETON, 2017). Entendemos que este formato de “compartilhamento de pensamentos” por imagens, fotos, vídeos, figurinhas ou emojis é um dado indicativo de uma forma singular de expressão contemporânea geral da ordem do corpo em ato, em movimento, de uma apresentação de si alterdirigida, particularmente mais ativa no momento da adolescência.

Ambiente fértil para experimentações, o meio digital se empresta para ampliar o registro do corpo adolescente e convoca a reflexão sobre os aspectos subjetivos de uma forma de expressividade típica do contemporâneo, mais

facilmente percebida ao olho nu. No ambiente das redes sociais, pensamos que os adolescentes transmitem conteúdos significativos sobre suas experiências não necessariamente abarcados pela palavra, mas fazendo-se serem vistos por outro registro de mesma relevância que o verbal: o da imagem. Sobre isto, Le Breton (2017) relata que os adolescentes experimentam nas telas ressonâncias desta imagem ainda inacabada que vivenciam de seus corpos em modificação, a qual vai se consolidando na medida em que os receptores ressoam, em retorno, alguma confirmação sobre o que viram.

Na experiência clínica com adolescentes, começamos a notar suas imagens de perfil postadas na rede social que, quando necessário, utilizamos para nos comunicar. Notamos que alguns jovens preferem destacar alguns elementos do recorte da fotografia em detrimento de outros, convocando a atenção do espectador para componentes específicos da ilustração. Outros aparentam optar por posicionar parcialmente seus rostos em fotos de perfil e storys com mais frequência, distantes do enquadre, como quem está para chegar ou para ir embora. Há ainda os que parecem estar buscando ocultar-se, ofuscando propositalmente suas identidades com o brilho do flash nas inúmeras selfies que tiram no espelho. É intrigante encontrarmos, ainda, uma parcela de jovens que jamais utilizam fotos de si mesmos, representando-se no universo digital unicamente por paisagens, ou sem escolha de qualquer imagem para chamarem de sua, anonimizados.

Não vislumbramos as formas comunicativas que não circulam necessariamente no registro das palavras por uma via deficitária, ou seja, “por aquilo que eles não têm ou não apresentam” (GONDAR, 2010, p. 124). Muito pelo contrário. Entendemos que a escuta da associatividade na clínica vai muito além da simples valorização dos significantes verbais, considerando um conjunto de manifestações, as quais, entre outras, a linguagem do ato e das manifestações corporais se inserem (ROUSSILLON, 2019). Evitando qualquer hierarquização, notamos uma prevalência, no momento da adolescência, do recurso ao corpo e ao ato. Estas vias expressivas, quando acionadas, nos dão notícias de uma precariedade na elaboração psíquica, onde mecanismos comunicativos anteriores à linguagem verbal entram intensamente em cena (SAVIETTO; CARDOSO, 2006).

Neste sentido, pretendemos incluir suas imagens digitais como um registro específico de seus corpos em movimento, envolvendo diretamente o olhar do outro neste circuito de visibilidade. Por este viés, pensamos que a postagem de imagens digitais são justamente o produto dessa forma de expressão adolescente que se veicula pela ação nas redes, onde seus corpos são os protagonistas. Atuando ativamente, os adolescentes se utilizam assiduamente das ferramentas oferecidas pelos seus aplicativos, apoiando-se no recurso visual como ferramenta primordial para o processo de construção de si.

Na contracorrente do senso comum da dinâmica da atualidade, pretendemos, como psicanalistas, nos questionar sobre este corpo adolescente que é atuante nas redes e se manifesta vividamente por ilustrações digitais, para além de só visualizá-las por alguns segundos, sem, de fato vê-las. Esta preocupação clínica com a diversidade das formas de expressividade para além do discurso verbal se articula com a aposta de que os adolescentes buscam, através da abertura da fluidez proporcionada pelo uso das imagens digitais, a integração de suas experiências subjetivas a partir de uma narrativa própria e ativa. Assim, pela via da ação e pelo corpo, buscam novos sentidos para suas existências.

2

As expressões não-verbais na clínica psicanalítica da adolescência das redes sociais

“- Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade”
(TELLES, 1986, p. 162)

No capítulo anterior, buscamos construir um panorama acerca da experiência adolescente na contemporaneidade, considerando que o contexto em que vivemos contempla subjetividades cada vez mais exteriorizadas. Vimos como o apelo ao recurso das imagens dentro do contexto digital como forma expressiva vem ganhando cada vez mais força, principalmente no momento da adolescência. Posicionando-se com frequência de forma alterdirigida frente ao outro, procuramos demonstrar como práticas de visibilidade tornaram-se uma das marcas da contemporaneidade, incluindo os registros do excesso e do desamparo mobilizados neste momento da vida.

Ao selecionarem atentamente a forma que postam de si mesmo nas suas redes, pensamos estarem os adolescentes, através de ilustrações visuais de si, se manifestando pela via da apresentação. Fazendo-se ser olhados por outras pessoas em um momento em que se encontram estruturalmente vulneráveis, nos questionamos sobre qual seria a função do olhar do outro nestas postagens. Diante disso, não entendemos o conteúdo destas publicações digitais como meras ilustrações as quais devem passar despercebidas pelo olhar do analista que acolhe estes sujeitos. Nesta linha, pensamos que uma ampliação da escuta da narratividade adolescente pela psicanálise da contemporaneidade é necessária, abarcando diversidades expressivas que se manifestam para além das paredes do consultório.

Diante disto, neste segundo capítulo, comentaremos um fragmento clínico pelo qual notar as imagens publicadas de uma adolescente em seu perfil da rede social *Whatsapp* foi essencial para a compreensão de seu sofrimento. Buscando um olhar cuidadoso para as publicações fotográficas que os adolescentes fazem de si

no ambiente digital, nos questionamos sobre o lugar de escuta destas comunicações não-verbais para o trabalho analítico, integrando-as à outras formas possíveis de comunicação na clínica. Diante disto, nos indagamos: o que poderia estar sendo comunicado com tais postagens de si? O que poderia ser trabalhado psicanaliticamente com esta adolescente considerando esta forma especial de expressividade?

Após a apresentação do fragmento, buscaremos articular clínica e teoria, no intuito de enriquecer nossa discussão sobre uma ampliação da escuta do corpo na clínica psicanalítica com adolescentes levando em consideração as imagens que estes sujeitos constroem de si no ambiente tecnológico.

2.1. Vinheta Clínica: “Por onde anda Helô?”

2.1.1 Primeiro tempo: “Porta dos fundos”

Helô¹ chega ao consultório com 11 anos, meses após a liberação da primeira dose da vacina da Covid-19. O clima ainda é de bastante insegurança na cidade, as máscaras são obrigatórias e o distanciamento social necessário. O pedido para iniciar a análise foi feito diretamente por Helô, com a condição de que o formato dos encontros fosse impreterivelmente presencial. As máscaras nos acompanharam durante quase todo o primeiro ano de análise. Por mais que estivéssemos nos encontrando presencialmente – dois corpos no mesmo espaço - um desconforto grande pairava no ar, que se amontoava para além de toda a fragilidade do contexto sanitário e social. Helô estava radicalmente deprimida. Isso era evidente, independentemente de suas expressões faciais estarem camufladas por camadas de tecido antivírus. Seu olhar, vazio e murcho, representava o principal receptáculo dos afetos desvitalizados e era através dele que, inicialmente, fui capturada. Os cabelos longos e cacheados cobriam a pouca parte de pele visível de sua face, mas seu olhar estava lá, tímido, mas presente.

Apesar da pouca idade, era alta e era notável que por debaixo das roupas de moletom sempre largas e escuras, emergia um corpo púbere desenvolvido, fruto de

¹ A paciente em questão foi acompanhada pela autora e possui seu nome e parte de sua história modificados para preservar o sigilo exigido por nossa prática profissional.

seu primeiro ciclo menstrual ter iniciado muito antes das demais meninas da sua turma, sobre as quais, inclusive, costumava se referir como “crianças” e “muito infantis”. Dizia não conseguir disfarçar o “ranço” que sentia das pessoas, tanto em casa, quanto na escola, apesar de, contraditoriamente, se queixar de se sentir excluída em ambos os espaços, e de não se importarem com ela. Na chegada da análise, dizia não ter vontade de fazer nada o dia todo, que trocava o dia pela noite e que não sentia nada. Naquele momento, tomava 5 banhos por dia, apesar de não saber bem o porquê. Iniciamos o processo de análise nos vendo 2 vezes por semana.

O único meio de comunicação que tinha com Helô fora das sessões presenciais era através da rede social *Whatsapp*. Utilizávamos este espaço para trocas pontuais sobre remarcações e desmarcações de consultas. Quando dessas interações digitais, pude notar que, na área do aplicativo que permitia a inserção de uma imagem de perfil do usuário, neste momento de sua análise, Helô ora a deixava vazia, não publicando qualquer foto, ora postava fotografias escuras e pouco nítidas de si, onde aparecia na penumbra, parcialmente escondida.

Os pais, alguns anos antes, passaram por uma separação turbulenta e judicializada e pouco conversaram com a Helô sobre o que estava acontecendo entre os dois, ficando excluída da cena que a circundava dentro de casa. Não teve acesso a palavras de seus adultos sobre o contexto familiar que viviam nem como poderia estar afetada diante disto. Após a separação, guardavam muita mágoa e raiva um do outro, o que impossibilitava qualquer tipo de diálogo conjunto para se pensar o lugar do sofrimento da Helô. Helô tinha muita dificuldade de falar sobre seus pais na análise, principalmente a respeito do tempo da difícil da separação dos dois, alegando não ter memória “daquela época”. Não gostava que os pais entrassem em contato comigo e se irritava quando eu contava para ela que eles me procuravam.

2.1.2 Segundo tempo: “Porta da frente”

Apesar de ter iniciado tratamento medicamentoso com uma profissional da psiquiatria, ao longo do primeiro ano de análise, Helô seguia introspectiva e irritadiça. Depois de algum tempo, a mãe se muda, delegando ao pai os cuidados diários com a filha. Este é um momento particularmente sensível para Helô, mais uma vez demonstrando dificuldade de verbalizar como se sentia diante da separação

– agora física – materna. Neste período, os encontros presenciais de Helô com a mãe são escassos por conta da distância espacial.

Em seu percurso analítico, houve um momento em que Helô ficou, por um período mais prolongado, na companhia materna. Ficamos durante este tempo sem nos ver. Em seu retorno às sessões presenciais, me assusto com a aparência de Helô. Ela não se posiciona mais perante o olhar do outro como a menina deprimida que só vestia preto, escondia o corpo e o rosto com vestimentas largas e se sentia vazia. Parece desejar ser reconhecida como uma nova pessoa, perguntando de imediato se notei como ela estava diferente. Respondi que era impossível não notar. As unhas agora são postiças, vermelhas e longas. Os olhos eram cuidadosamente delineados de um risco fino e preto, e os cílios estendidos artificialmente. A calça de moletom se transforma em curtíssimos shorts justos e o blusão agora foi trocado pelo novo “*top cropped*”², deixando toda a silhueta de seu corpo desenvolvido de uma mulher, antes escondido, agora radicalmente à mostra. O rosto se faz aparecer e Helô diz ter começado a se exercitar diariamente.

Paralelamente à mudança no seu visual e suposta melhora no humor, noto que as fotos do perfil do *Whatsapp* de Helô também se alteram e me impacto profundamente com a forma como passa a selecionar suas imagens de perfil nesta rede social. Um novo padrão de fotografias de si é apresentado, no qual a sexualidade de um corpo desenvolvido salta aos olhos de quem as vê. Suas curvas se impõem forma proeminente, sendo a superfície de sua pele, antes submersa por detrás de roupas pretas, ostensivamente apresentada. A sensualidade de um corpo refletido em selfies no espelho se faz mostrar radicalmente, mesmo desconexo com o que se espera de uma jovem de sua idade. Tenho dificuldade de distinguir se Helô usa conjuntos de calcinhas e sutiãs bem pequenos ou se trata de biquínis. Apesar de se preocupar em cobrir suas “áreas íntimas”, o restante do corpo de mulher se nega em se esconder nestas fotografias de perfil.

Para além deste elemento marcante da exposição de seu corpo permeado por uma sexualidade bastante distanciada do referencial de um corpo infantil, outro

² A expressão “*top cropped*” refere-se a um tipo de blusa ou camiseta que possui uma modelagem curta, geralmente deixando à mostra parte do abdômen. Originado do inglês “*crop top*”, o termo “*cropped*” significa literalmente “cortado”. Essa peça de roupa tem raízes na moda dos anos 1980, especialmente associada ao movimento fitness e à cultura pop da época.

componente tão, ou, a nosso ver, até mais importante do que o anterior se sobrepõe àquele, contudo, pelo negativo, pela ausência. O corpo de Helô exposto pelas imagens digitais é paradoxalmente acompanhado por uma falta de rosto, distante da expressividade que normalmente acompanham as tão conhecidas selfies.

Este momento da vinheta clínica que nomeamos de “Segundo tempo”, é marcado por publicações no perfil do *Whatsapp* de Helô onde se ilumina um corpo sexualizado, mas que a expressividade de seu rosto e de seu olhar está ausente da cena e não pode ser reconhecida pelo observador da fotografia. Nestas publicações, por vezes, seu rosto está encoberto pela luminosidade do flash da câmera frontal de seu celular. Em outras ilustrações, segue de biquini, porém está de costas, anonimizada. Contudo, para nós, as fotografias mais marcantes são as que se apresenta “sem cabeça”, literalmente cortada do corpo, decapitada do enquadre que determina o limite da imagem. Nestas fotos, recorta-se, divide-se. Por onde anda seu rosto? Por onde anda Helô?

Tendo como base o panorama mais geral sobre a vivência adolescente no contemporâneo e a inserção destes sujeitos no ambiente tecnológico, a vinheta clínica apresentada nos auxilia a nortear algumas questões sobre a proposta de uma ampliação da escuta analítica do corpo na adolescência, considerando as imagens que estes sujeitos publicam de si nas redes sociais. Diante disso, antes de adentrarmos na articulação teórico-clínica propriamente dita, vale trazermos um questionamento que se apresentou durante o atendimento de Helô a respeito da utilização deste recurso de expressividade não verbal na clínica da adolescência. Esta vinheta da clínica foi escolhida dentre outras pois especialmente nos mobilizou, sobretudo pela peculiaridade na forma com que esta adolescente se apresentava nas suas fotos de perfil do *Whatsapp* ao longo do percurso analítico.

Nos indagamos se seria possível considerar estas imagens digitais postadas nas redes sociais pelos adolescentes como dotadas de caráter mensageiro, mesmo que sua produção ocorra longe da hora marcada das sessões. Este questionamento nos ocorreu pois, ao acompanharmos o caso de Helô, percebemos que as fotografias que selecionou para se apresentar no perfil daquele aplicativo não foram elementos

diretamente trazidos por esta jovem em seu discurso durante nossos encontros clínicos. Contudo, se apresentaram por outra via – a digital – e através dela, fizeram ser vistos por mim, atraindo meu olhar.

Nesta argumentação, percebemos que as formas com que Helô escolheu apresentar seu corpo de diferentes formas ao longo tempo na rede social em questão assumem papel importante para minha compreensão a respeito dos possíveis entraves que pode ter vivido até então. Diante disso, a possibilidade de considerar esta forma de expressividade não verbal tão presente na atualidade nos parece necessária pois versa não somente sobre uma proposta de ampliação da escuta do corpo na adolescência onde os dispositivos tecnológicos fazem parte do cotidiano destes sujeitos, mas também nos faz pensar sobre seus limites e de uma ética na clínica.

O questionamento que se apresentou trata da possibilidade de refletir analiticamente sobre estas expressões adolescentes produzidas fora do contexto do *setting* analítico clássico. Com a vinheta de Helô, surge a hipótese de que as fotografias postadas pelos adolescentes no digital poderiam demarcar mais um braço de seus discursos subjetivos, e, por conta disto, deveriam ser incluídas no cenário analítico, apostando em uma elasticidade da escuta clínica.

Como vimos, a rede social escolhida por Helô para postar tais imagens de seu corpo continha uma importante particularidade: o *Whatsapp* era o principal canal de comunicação entre nós duas fora dos encontros presenciais. Além de mim, utilizava este canal para se comunicar com sua rede de amigos e de familiares, principalmente seu pai e sua mãe. Logo, dentre o vasto campo de espaços digitais disponíveis para postar-se, selecionou esta rede social em específico para publicar as fotos descritas na vinheta, onde somente quem tinha seu número de telefone poderia acessá-las. Trata-se, portanto, de um local o qual Helô sabia exatamente quem iria visualizar suas fotografias.

Levando em consideração as imagens digitais adolescentes, a nossa proposta sobre uma ampliação da escuta da associatividade fora do contexto do *setting* clássico incluiria, especialmente, as publicações as solicitariam o olhar do analista neste circuito de visibilidade exteriorizado das redes sociais. Sendo assim, publicando a si própria de forma autoral, as fotografias do corpo de Helô vieram

naturalmente em direção ao meu olhar. Por conta disto, nos interrogamos a respeito da possibilidade de incluí-las em nosso campo de trabalho clínico, fazendo-nos pensar sobre tipo de linguagem Helô estaria se utilizando nas fotos que publicava de si. Elegendo-as à categoria de publicações de perfil, nos interrogamos se Helô tenta definir-se, encontrar-se, fazendo-se visível de diversas formas, incluindo o olhar do outro nesta dinâmica de apresentações.

2.2

A linguagem do ato e do corpo e seu aspecto mensageiro na adolescência

O primeiro elemento que escolhemos selecionar da vinheta clínica que nos ajudará a pensar numa ampliação da escuta do corpo na clínica psicanalítica da adolescência é uma linguagem específica da ordem do ato e do corpo que Helô utilizava para se expressar no ambiente digital. Pensamos que o ato de postar imagens de si no perfil do *Whatsapp* e as maneiras pelas quais Helô escolhia para se apresentar por meio destas fotografias são essenciais para a compreensão do sofrimento desta adolescente, representando um tipo peculiar de expressividade que transcende a linguagem verbal e manifesta-se de outra maneira, sustentada pelo ato e pelo corpo.

Dolto (1987/2018) afirma que somos todos, acima de tudo, seres de linguagem. Ressalta que a linguagem falada é apenas uma forma particular de expressão do desejo incontornável de se estabelecer uma comunicação com o outro. Trabalhando com ilustrações gráficas e plásticas, a psicanalista francesa considera que é possível que uma criança, mesmo bem pequena, entre em comunicação languageira, podendo “expressar-se verdadeiramente com um adulto, sem, no entanto, falar com ele” (DOLTO, 1984/2017, p. 24). Assim, a clínica psicanalítica da primeira infância demonstra como outras formas de trabalho analítico para além da escuta da associatividade verbal são possíveis, dando relevo a manifestações subjetivas da ordem do ato, do corpo e do afeto (CICCONE, 2025). Com o advento da adolescência, entendemos que estas outras expressividades são mais fortemente ativadas, principalmente por conta da retomada da situação de dependência que este momento comporta.

Estas primeiras linguagens, mantêm-se durante toda a vida e são essenciais para a manutenção da expressividade, mesmo quando a verbalização da comunicação já eclodiu, contribuindo para a manutenção do complexo núcleo expressivo que possuímos (ROUSSILLON, 2009). O momento da adolescência, principalmente por tocar na questão narcísica e identitária, como vimos, mobiliza o psiquismo a administrar intensidades pulsionais que tocam no desamparo e vulnerabilidade, trazendo à tona, mais fortemente, manifestações destas primeiras formas expressivas, oriundas de um momento em que a comunicação verbal ainda não era possível.

Neste sentido, testemunhando tempos primevos, as primeiras tentativas de comunicação podem ser mais ou menos ativadas ao longo da vida “quando as palavras não conseguem transmitir o todo da coisa vivida” (ROUSSILLON, 2009, p. 153, grifo do autor), apesar de funcionarem em paralelo com a expressão verbal. Diante disto, uma forma de escuta outra precisa ser acrescida à técnica da interpretação, a qual obviamente não se extinguiu e jamais deveria, mas que necessita de ampliação e refinamento diante das manifestações subjetivas atuais. Estas outras formas expressivas são tão importantes quanto as palavras podem ser, entretanto, parecem ainda ser facilmente colocadas em segundo plano, como se possuísem menos valor do que o que é oralmente transmitido.

Como vimos, no “Primeiro tempo” de meus encontros presenciais com Helô, momento que se encontrava desvitalizada e isolada do circuito social, se apresentava encoberta por roupas largas e cabelos escondendo parcialmente seu rosto. Paralelamente, escolhia fotografias majoritariamente nebulosas e escuras para seu perfil digital, onde seu corpo aparecia com pouco contorno e nitidez, timidamente se posicionando no segundo plano das fotos, quando sequer era possível vê-la. Percebemos como há uma virada na forma com que Helô passa a se apresentar nestas imagens no “Segundo tempo” da análise. Através dos atributos de seu corpo, parece buscar maior visibilidade perante o olhar do outro, apresentando-se extremamente sexualizado e tornando-se protagonista destas figuras. Assim, Helô faz-se mais visível e passa a se posicionar em primeiro plano.

Propondo uma discussão acerca das origens da linguagem verbal, Golse e Desjardins (2005) diferenciam comunicação analógica de digital. Enquanto a

comunicação analógica, também chamada de pré-verbal, diz respeito à transmissão de mensagens que comportam conteúdos emocionais através de comportamentos não linguísticos como mímicas, olhares e gestos, a comunicação digital trata de mensagens expressas mediante comportamentos linguísticos (palavras, frases, interlocuções verbais). Ressaltam os autores que é através da comunicação analógica e afetiva que o bebê entraria efetivamente na linguagem. Esta consideração coaduna com a proposta de Zornig (2015) sobre a necessidade de uma ampliação da noção de representação para nela incluir as experiências sensoriais e não-verbais do bebê, “incluindo as primeiras produções do infante como experiências de protossimbolizações, ancoradas no corpo, nas sensações e nas percepções” (p. 125).

Considerando a pluralidade expressiva e as diferentes formas pelas quais os adolescentes se comunicam, pensamos poder avançar na questão dos retratos destes sujeitos no ambiente digital dando relevo a este aspecto analógico da comunicação. Sendo o universo tecnológico um espaço que incentiva o uso de recursos não-verbais de expressividade, como fotos e imagens, consideramos a forma pelo qual escolhem publicarem-se no meio digital através de fotografias de si como atuações, situação em que o recurso ao corpo em forma de ato é colocado em primeiro plano e convoca diretamente o olhar do outro.

Em outras palavras, articulamos o ato de publicarem a si mesmos na *web* como um movimento ativo de seus corpos em transformação, cujo produto deste *acting* são suas imagens e fotografias que remetem a este mesmo corpo, publicizadas. Neste sentido, estamos nos referindo a um processo dinâmico, traduzindo a ideia de movimento que a postagem e a repostagem de diferentes imagens de si mesma nesta rede social suscitam. Vejamos que, ao longo do tempo, as imagens de Helô foram trocadas, retiradas e/ou substituídas por outras. Como ações, estas postagens combinaram-se, trançando-se uma trama de fotografias que se organizou de modo bastante particular durante sua análise e que deveriam transmitir algo importante sobre a subjetividade desta adolescente.

Segundo Demantova (2017), a questão do ato se situa no núcleo da problemática da adolescência e “tem característica pluriforme, não só se apresentando sob diferentes formas, como também com intenções e funções

diferentes” (p. 31). Entendemos que a utilização das ferramentas expressivas que os dispositivos tecnológicos ofertam é uma forma de, em ato, os adolescentes poderem colocar em trabalho a recomposição de suas imagens corporais e do redirecionamento do olhar parental para o olhar do outro social. Como as atuações, entendemos que estas postagens digitais auxiliam estes sujeitos a posicionarem ativamente seus novos corpos transformados pela puberdade em direção ao outro, tendo as telas como intermediadores.

Sobre as funções do registro do ato na adolescência, Demantova (2017) assinala que estes podem representar uma proteção em relação aos conflitos internos desses sujeitos pela função de alívio da tensão psíquica a qual os invade. Ao mesmo tempo, haja vista que o sentimento de ser se desorganiza na adolescência, “o ato pode conferir um suposto controle e triunfo do eu sobre a dependência do objeto” (p. 30). Assim, os adolescentes, pela via da atuação, tentarão diferenciar os registros psíquicos ameaçados de confusão e tentarão introduzir limites, apoiando-se no corpo (ROUSSILLON, 2010a). Desta maneira, buscando sair de uma situação de passividade sobre a qual não possuem qualquer domínio, o campo da atuação pode representar uma tentativa de controle do corpo em transformação adolescente (CARDOSO, 2001).

Contudo, vale frisar que o componente de descarga e diminuição de tensão dos atos não deve ser interpretado de forma simplista. Nesta argumentação, Roussillon (2010a) defende haver uma polissemia do registro do ato, criticando os que consideram unicamente sua função de diminuição de excitação. Aos que assim interpretam as atuações, o autor entende que se faz perder toda a importância fenomenológica deste registro, cuja leitura limitada pela via da descarga tenderia a afastar os processos psíquicos de um trabalho de busca de sentido. Propõe, portanto, que devemos ficar atentos ao duplo sentido do ato e do agir, o qual, para além de defensivo, é essencialmente elaborativo. Por meio dos atos, os adolescentes podem se testar ao mesmo tempo em que experimentam suas próprias consistências, assumindo um lugar essencial na economia psíquica em um momento em que a identidade é ameaçada (ROUSSILLON, 2010a).

O aspecto dinâmico dos atos, e conseqüentemente, das postagens de Helô, era reativado cada vez que as suas fotografias de perfil eram alteradas. Isto porque

entendíamos que cada movimento de fazer visível uma nova representação de si no perfil apontava para uma nova ação de sua autoria, atuando ativamente com seu corpo diante de espectadores. Como um verdadeiro trabalho psíquico, entendemos que o movimento de Helô de postar e repostar imagens de si nas redes sociais determina uma tentativa de integração dos múltiplos rearranjos que assolavam o psiquismo desta adolescente.

Ainda sobre a função elaborativa dos atos, Houssier (2023) assinala que a palavra “recurso” ao ato remete a ideia de recorrer, de buscar, comportando também um componente regressivo, principalmente na infância e na adolescência, onde a motricidade revela uma linguagem analógica de ação. Representa, portanto, um esforço mobilizado pelo adolescente para interiorizar eventos que, por não poderem ser colocados em palavras, “retornam à linguagem motora para encontrar uma saída” (p. 6). Esta concepção sobre os atos leva em consideração um potencial simbólico do que se faz mostrar pela via corporal, pelo qual um horizonte elaborativo potencial é almejado. Sendo assim, revela seu componente dinâmico, associando o ato a um porta-voz, possuindo “uma função de autorrevelação no retorno a si que convoca” (p. 6).

É importante ressaltar que umas das especificidades deste inter-jogo entre sujeito e objeto é que a potencialidade mensageira atrelada ao pulsional do sujeito em relação ao objeto não possui significação previamente determinada (ROUSSILLON, 2009). Sendo assim, Roussillon (2010a) destaca que a polissemia dos atos faz com que este movimento do corpo fique sempre sujeito à interpretação, dependendo em parte do significado que o outro, aquele a quem se dirige, lhe dá, seguindo a argumentação freudiana a respeito de uma linguagem inacabada do corpo e do ato.

Sendo assim, a proposta do autor é que as manifestações corporais e os atos devem “ser entendidos em psicanálise, como formas de narrações” (ROUSSILLON, 2009, p. 145, grifo do autor). Assim, para que estas manifestações apareçam como formas de linguagem a serem utilizadas na escuta psicanalítica, precisamos pensá-los como potenciais comunicativos, onde somente “se tornarão formas plenas se forem entendidas e tratadas como tais” (p. 145). Este tipo de olhar para as manifestações do corpo e do ato que se fazem apresentar pelas imagens

digitais dos adolescentes colocam em primeiro plano o papel do objeto quando consideramos que este está inserido neste circuito de visibilidades.

Como vimos, o registro do ato é amplo e as atuações podem ser avaliadas de diferentes formas, o que muda totalmente o entendimento da manifestação subjetiva em questão. A concepção dos atos a que estamos nos referindo a partir das imagens digitais de Helô considera as ações em que o corpo adolescente convoca o outro na expectativa que o ajude na integração de partes de si. Nesta trama, pegamos emprestado a expressão de Le Breton (2010) denominada “atos de passagem”, para diferenciarmos com as conhecidas “passagens ao ato”, a qual pensamos se articular com uma forma de subjetivação em ação.

Para o autor, os atos de passagem representam tentativas de forçar uma passagem para existir, uma transição para outra margem. Retrata uma modalidade de resolução de uma tensão interna, alavancando uma retomada do diálogo e abrindo condições para uma continuidade de existir. Apesar do autor utilizar esta noção no contexto do fenômeno das escarificações na adolescência, entendemos que ela pode nos servir para a compreensão de um movimento de busca de sentido dos atos, ao contrário de uma catástrofe de sentido, da ordem das passagens ao ato.

Transpor a diferenciação das noções de atos de passagem (da ordem do *acting out*) e de passagem ao ato é de grande importância nesta pesquisa, pois os atos de passagem são considerados recursos, desempenhando um movimento essencial na economia psíquica do adolescente durante o distanciamento das figuras parentais e de migração à vida adulta. Neste sentido, “os adolescentes podem recorrer ao ato na esperança tácita de que tudo pare ou que tudo se abra” (CARDOSO; KERNIER, 2024, p. 5). Neste trabalho, propomos considerar as publicações adolescentes de imagens digitais como atos de passagem, caracterizando parte essencial da elaboração desta etapa de vida. O recurso aos atos é acionado, principalmente, nos momentos em que mutações subjetivas importantes estão em jogo, como é o caso da adolescência.

O valor integrativo dos atos não pode ser negligenciado, tendo em vista que é por intermédio desse registro que os adolescentes podem testar a si mesmos e suas consistências, principalmente quando suas identidades estão fragilizadas (ROUSSILLON, 2010a). Sendo assim, o adolescente exterioriza o interno a fim de

compreender-se mais claramente, produzindo em ato, algo que o corpo busca significação (LE BRETON, 2010). Em outras palavras, recurso a agir na adolescência traria consigo a marca de uma simbolização em potencial, abarcando uma dimensão de transição.

Mayer (2001) sublinha a importante dimensão de convocação dos *actings*, contexto no qual os atos de passagem se incluem. Neste registro, coloca-se em cena determinada mensagem dirigida a um outro significativo – pai, mãe, analista, etc., pulsando uma esperança de quem executa o ato de ser reconhecido em sua dimensão desejante, mesmo que inconscientemente. O componente de mensagem, de algo que o sujeito quer dizer, mas que não é possível de ser colocado em palavras é central quando nos referimos aos atos de passagem, cuja natureza é de um endereçamento. Assim, o papel da alteridade é de fundamental importância na adolescência, principalmente quando o registro do *acting* é convocado.

Ao contrário, nas passagens ao ato, para Mayer (2001) os sujeitos se precipitam em uma ação extrema na qual a dimensão de convocação ao outro já se esvaiu. Para o autor, a passagem ao ato denuncia a desistência da espera por um olhar, uma atitude, uma palavra, uma ação ou uma posição do objeto que antes era considerado como indispensável para o estabelecimento de uma integração que estava em suspenso. Na circunstância das passagens ao ato propriamente ditas, o atuar é limitado a uma simples descarga de evacuação, distante de uma expectativa do sujeito ser reconhecido diante do outro pelo seu aspecto desejante, já que as tentativas de *actings* possivelmente manifestados anteriormente, fracassaram em sua dimensão de convocação (MAYER, 2001). Nestes casos, há uma atuação extrema que pressupõe uma ruptura radical com o outro, de limite intransponível. Contudo, concordamos com Demantova (2017) quando argumenta que, mesmo na passagem ao ato radical, a alteridade também pode estar presente já que ela seria evocada quando a dimensão da apresentação está em cena, pois comporta a ideia de mostrar algo a alguém.

Na vinheta clínica, o corpo de Helô é o centro da cena das fotografias que seleciona para se apresentar e nos faz questionar se esta produção pode ser considerada um potencial material para a análise desta adolescente, dando notícias do seu processo de subjetivação. Acreditamos que sim, tendo em vista que, como

sua analista, me torno uma das espectadoras de suas imagens de perfil. Mesmo certa de que tais fotos não fossem publicadas especialmente para mim, o corpo de Helô, inserido ativamente no modelo das subjetividades exteriorizadas, não cessa de se apresentar, ora escondendo-se pela “Porta dos fundos”, ora fazendo-se mostrar, como quem chega pela “Porta da frente”.

Diante disso, nos questionamos se as postagens que os adolescentes fazem de suas imagens nas redes, assim como Helô se mostra de diferentes maneiras em suas fotografias de perfil do *Whatsapp*, não estariam relacionadas com uma manifestação expressiva da ordem dos atos de passagem, apontando para um trabalho psíquico em movimento transposto em ação cujo palco são fotos digitais de seus corpos, direcionadas, como vetores, ao olhar do outro. Na mesma linha dos autores que valorizam toda uma gama expressiva para além da fala, nos questionamos se os adolescentes, pela via do corpo e do ato e não estariam, pela apresentação, tentando “mostrar” uma cena a qual ainda não podem dizer, pela qual tentam “contar” aspectos suas vidas subjetivas as quais não podem assumir, ainda de uma forma totalmente subjetivada (ROUSSILLON, 2019). Sendo assim, nos perguntamos: seria possível pensar que Helô poderia estar revelando aspectos subjetivos próprios, tendo seu corpo como palco de uma narrativa ainda em potencial em suas exposições digitais?

Roussillon (2009, 2011a, 2011b), a partir de uma interpretação original dos escritos freudianos, propõe que devemos valorizar a função mensageira da pulsão, situando a pulsionalidade do sujeito em direção ao objeto de quem depende e aguarda uma ação em retorno. Para o autor, a pulsão possui uma potencialidade interativa a qual pensamos se articular com o uso que os adolescentes fazem das imagens de si no contexto digital, postadas para que sejam vistas por outras pessoas. Entendemos que estas publicações de seus corpos em ato possuem esta mesma carga de potência, apontando em direção ao objeto, mesmo que isto ocorra de forma inconsciente.

Nesta linha, a dimensão não-verbal de comunicação baseada na expressão de um corpo em ato na adolescência pode se expandir para o ambiente digital, onde imagens construídas por estes sujeitos podem ser pensadas como um produto deste *acting*. Esta argumentação se justifica pelo fato de que estas publicações envolvem

diretamente a existência de espectadores, podendo ser tocados afetivamente pelo que seus olhos veem, das mais diversas formas. O objeto, portanto, é convocado para a trama destas publicações do corpo exteriorizadas, publicizadas e visíveis na adolescência.

Sobre a pulsionalidade, Freud define os principais elementos da pulsão: fonte, meta, objeto e pressão (FREUD, 1915/1996). Tendo por fonte a excitação corporal e como meta a satisfação, a passagem pelo objeto é fundamental que a pulsão alcance sua meta. O fator motor envolvido na exigência de trabalho que a pressão representa, envolve a dinâmica pulsional. No pensamento freudiano, seria através de seus representantes – representação-coisa, representação-afeto e representação-palavra que teríamos conhecimento da vida pulsional, levando em consideração que, em sua teoria, a pulsão está atrelada a um aspecto mais intrapsíquico, demandando alguma forma de representação mental (ROUSSILLON, 2011b).

Partindo da hipótese de que as manifestações provenientes do corpo podem ser consideradas formas de linguagem, Roussillon (2011b) sugere em três tipos de linguagens decorrentes das três formas de representância psíquica pulsional: a representação de palavra se associa com a linguagem verbal, a representação de coisa refere-se à linguagem do ato e da expressão corporal e a representação de afeto, à linguagem afetiva. Assim, “só então, a sintonia e o ajuste entre essas três formas de expressão e linguagem que organizariam o trabalho psicanalítico” (p. 145).

Mesmo que não tenha se aprofundado na temática da função do objeto na constituição do Eu, Roussillon (2011b) sinaliza que o fundador da psicanálise não deixa de fazer menção à existência de manifestações clínicas em que a pulsão não consegue ir de encontro ao objeto, apesar de não dar ênfase a estudar as falhas objetais diante desta dinâmica que fracassou. Desta maneira, faz uma leitura ampla de seus artigos frisando que o próprio Freud levou em conta que a satisfação não se dá apenas pela descarga. Sendo assim, dedicou-se a estudar o percurso da pulsão, examinando as três principais formas de linguagens pelas quais ela pode se manifestar para atingir o objeto. Esta perspectiva nos permite prever uma extensão

dos parâmetros do trabalho analítico nos quais a ação, o comportamento e a interação estão no primeiro plano (ROUSSILLON, 2011b).

A partir desta leitura, como um semáforo, é possível afirmar que imagens digitais na adolescência podem representar atuações do corpo púbere com significações ainda em aberto. Mesmo que seu sentido ainda seja embrionário, pensamos que este registro do corpo e do ato já comporta “sinais em busca de reconhecimento” (ROUSSILLON, 2019). No trabalho clínico com adolescentes, pensamos que, quando adentram, de alguma forma, na dinâmica transferencial, elas também procuram ser reconhecidas. Sendo assim, acompanhando o caso de Helô, observamos que suas postagens são comunicações de seu corpo em forma de ato, que se direciona aos objeto-pares, aos objeto-pais e ao objeto-analista.

Diante disto, entendemos que o “se postar” está inserido numa linguagem do corpo em ato, cujo produto são as diversas fotografias do corpo de Helô, essenciais para a compreensão do processo de subjetivação desta adolescente. Partindo deste ponto de vista, seu corpo adentra no *setting* na medida em que também perpassa meus olhos como sua analista, quando nos comunicávamos pelo *Whatsapp*. Ela estava ali, da forma que fosse, para apresentar algo de si e precisava, de alguma forma, ser escutada.

Por este caminho, devemos questionar se o que pode ser comumente considerado como desprovido de significância pode, na realidade, apresentar-se como portador de um sentido “que espera ser revelado, descoberto ou até mesmo construído” (ROUSSILLON, 2009, p. 145). Neste sentido, Gondar (2010) faz uma crítica às concepções teóricas da contemporaneidade que tendem a considerar um modelo universal de subjetividade a qual deveria ser alcançado, calcado na capacidade de metaforizar ou de dispor de uma discursividade verbal encadeada como única via de acesso à simbolização. Isto porque, há quem fique tentado a “pensar que o recurso a ação traduziria uma impossibilidade de pensar – de simbolizar – o agir percebido então como operando uma espécie de abertura no aparelho psíquico que não permitiria nenhuma elaboração” (MARTY, 2006, p. 122).

A retomada das experiências subjetivas primitivas na adolescência que envolvem toda a complexidade do narcisismo, retomam as linguagens analógicas descritas por Golse e Desjardins (2005) e relacionadas por Roussillon (2009) ao

modelo de representação-coisa. Sejam elas: a linguagem do afeto, do agir e do registro mímico-gesto-postural. Nestes moldes pouco digitalizados, o corpo funciona como mensagem agida e endereçada em busca de simbolização, cujo significado é construído de acordo com a forma que o objeto responde a esta demanda criptografada (ROUSSILLON, 2011a).

Diante do exposto, como primeiro nos primórdios e depois na adolescência, é o próprio objeto quem faz a função de metabolização dos aspectos não organizados da pulsão, ou seja, é ele quem nomeia seus conteúdos e propõe significados estruturantes (ROUSSILLON, 2011b). Da mesma forma, comporta-se o outro na trama adolescente, tornando-se objeto da projeção do corpo púber em ato e, conseqüentemente, posicionado como elemento essencial para que um processo de integração de si (MARTY, 2006).

A importância atribuída ao corpo na temática das imagens digitais traz um ponto de contato importante entre esta produção expressiva adolescente e conceito de narcisismo. Isto porque não podemos deixar de considerar que os adolescentes precisam ocupar uma nova posição subjetiva frente aos seus primeiros objetos ao mesmo tempo em que suas imagens corporais vivem um momento de reajuste com o advento violento da puberdade. Fazendo-se ver pelos outros das mais diversas formas a partir de suas fotografias digitais, percebemos como um impasse de ordem narcísica é imposto na adolescência: a construção de um novo si próprio precisa obrigatoriamente perpassar pelo outro, em busca de reconhecimento e significação.

2.3

O outro no centro da dinâmica narcísica da adolescência: em busca de um novo si mesmo

Quando propomos que as imagens digitais na adolescência representam uma forma de linguagem endereçada ao objeto, percebemos como os adolescentes utilizam de seus próprios corpos em ato para se comunicarem. Também verificamos que, quando o corpo se torna ator principal, o universo das vivências anteriores à linguagem verbal encontra-se em foco. Esse fato nos faz retornar à dimensão narcísica do papel do outro para a constituição subjetiva, que encontra nova expressão na adolescência. Isso se dá porque sabemos que começamos a existir pelo

corpo, e é a partir da dimensão corporal que o Eu se constitui e se diferencia, dinâmica que envolve, necessariamente, um posicionamento do objeto.

Ressaltamos, no primeiro capítulo, que o período da adolescência traz consigo ressignificações de ordem narcísica e edípica. Neste trabalho, privilegiaremos o estudo do âmbito narcísico, por entendermos que é esse o eixo mais convocado quando analisamos as imagens digitais postadas por adolescentes na *web*. Acreditamos que a convocação de um olhar subjetivante do outro nesse espaço revela a atualização de dinâmicas relacionais, especialmente de ordem narcísica, conectando seus participantes por meio de um “processo dialético de produção subjetiva, capaz de ratificar, retificar ou propagar o conteúdo publicado” (TORRES; FARIAS; SILVA, 2025, p. 140).

Por este ponto de vista, cremos que o ato de “visualizar”, tão comum na atualidade, não pode ser interpretado, na clínica da adolescência como um ato mecânico ou insignificante principalmente quando damos relevância às linguagens não-verbais. Isso porque, no contexto contemporâneo das redes sociais, a construção de um novo si mesmo na adolescência articula-se diretamente à forma como o outro “devolve” a esses sujeitos suas próprias percepções sobre o conteúdo publicizado.

O conhecido mito de Narciso pode nos ajudar a compreender o paralelo que propomos entre a relevância do papel do outro no processo de constituição narcísica nos primórdios e a forma como o ambiente online, marcado pelas imagens digitais, também convoca o outro em uma nova dinâmica narcísica e subjetivante na adolescência. Refletindo sobre a vinheta de Helô, nos indagamos se essa adolescente pode ter vivido percalços na constituição de seu Eu nas origens, que poderia ter perturbado o processo de reconhecimento de si na adolescência. Percebemos que a forma como se apresenta em suas imagens digitais aponta nessa direção. Tal aspecto pode ser observado tanto no “primeiro tempo” de análise, misturada à escuridão de suas fotografias, quanto no segundo, quando passa a se apresentar por meio de um corpo hipersexualizado, mas “sem cabeça”.

Há pelo menos quatro registros literários do mito de Narciso e, em torno desses, muitas variações. Apresentaremos resumidamente um fragmento da versão do mito de Narciso segundo Ovídio, sua versão mais conhecida. Não adentraremos

na relação de Narciso com a ninfa Eco, no intuito de não nos distanciarmos do objetivo principal deste trabalho. Pretendemos, aqui, articular a dificuldade de Narciso em reconhecer-se em sua própria imagem no espelho d'água com a busca adolescente por novos espelhos que lhes devolvam notícias sobre quem são.

Na lenda, Narciso se apaixona por si próprio de forma tão avassaladora que o faz aniquilar-se, distanciando-se radicalmente de si mesmo. Apesar de belo, Narciso nunca tinha se visto, não se conhecia. Isto se deu por conta de uma determinação de um oráculo que anunciou que este homem só teria uma vida longa se não conhecesse a si próprio, pois era fruto de um estupro sofrido por sua mãe. Privado dos espelhos, buscava ativamente ser visto pelos outros, que o olhavam e admiravam sua beleza ímpar.

Em determinado momento, Narciso encontrou sua própria imagem refletida nas águas de um rio e, sem reconhecer-se, apaixonou-se por ela, certo de que se tratava do reflexo de outra pessoa. Fascinado por seu reflexo, tentava tocá-lo, mas, quando o fazia, a imagem de seu rosto embaralhava-se, perdendo-se na água. O fascínio em capturar esse outro, inatingível pela fuga de uma imagem que jamais podia ser tocada, levou Narciso a paralisar-se diante dela, imobilizando-se a ponto de definhar. Diante disto, parou de comer e de viver, consumindo-se a ponto de se tornar uma flor: o narciso que vive pairando à beira dos rios.

Inspirados no mito que apresentamos brevemente, percebemos como a problemática central é a relação de Narciso consigo mesmo, cuja alteridade não pôde ser construída e sequer reconhecida, a ponto de, já adulto, ver-se impossibilitado de distinguir-se de outro. Sobre esta narrativa, Roussillon (2023) afirma que, quanto mais o objeto inatingível possuir aspetos nossos que não foram completamente refletidos, mais colados permaneceremos a ele, indiscriminados. O autor pensa que problemática de Narciso contextualiza o drama de um encontro com um objeto inalcançável, incapaz de refletir o outro. Diante da radical indiferença objetual, Narciso perde-se em si mesmo a ponto de dessubjetivar-se completamente.

O mito em questão aponta para a fragilidade de uma subjetividade que vivencia uma experiência radical de confusão psíquica, decorrente da falta de um outro que espelhasse suficientemente bem o sujeito, para que só após, dele pudesse

se diferenciar. Da mesma forma, entendemos que imagens digitais dos adolescentes buscam exatamente este espelhamento subjetivante do outro em um momento em que as fronteiras egóicas destes sujeitos estão sensíveis. Pensamos que, postando imagens de si, estão experimentando versões que, uma vez endereçadas a um outro, buscam retorno para que afirmem ou neguem o que lhes é apresentado. Importante sublinharmos que, ao falar em “outro”, nos referimos a tudo aquilo que pode devolver ao Eu, por meio de sua própria imagem exteriorizada, o que ele oferece para ser olhado.

Nesta direção, notamos como a *web* funciona como grande espelho *online*, assim como as águas do rio foram para o reflexo de Narciso. Fazendo apelo ao espelho, o “dar-se a ver” é constituinte na adolescência pois o sujeito se coloca à prova a partir do olhar do outro social, requisitando uma autenticação desta nova imagem de si, tocando na dimensão do narcisismo (GOMES; PEDROSA FILHO; TEIXEIRA, 2021). Por essa perspectiva, a construção de imagens digitais dos adolescentes nas redes sociais pode operar como um movimento do corpo que espera ser olhado pelo outro. Na vinheta de Helô, percebemos como há uma procura por uma autenticação de si, através das *selfies* que faz no espelho e usa para se apresentar no *Whatsapp*.

A questão do narcisismo é vasta e não pode ser confundida com as patologias do narcisismo, cada vez mais populares na contemporaneidade. É possível dizer que todos os aspectos da relação do sujeito com ele próprio estão envolvidos na problemática do narcisismo, distanciando esta afirmação de um problema, muito pelo contrário. Em termos gerais, o narcisismo se relaciona a um tipo de investimento no ego, colocando-o em primeiro plano, passando a ser parte integrante da constituição subjetiva (KLAUTAU, 2018). Por esta perspectiva, podemos dizer que há uma dimensão narcísica em todos os encontros humanos, já que se trata da relação que mantemos com nós mesmos em relação aos nossos amores, aos nossos pais, nossos filhos (ROUSSILLON, 2023).

Segundo Roussillon (2023), um dos paradoxos da identidade consiste em, mesmo diante de variações ou mudanças, a manutenção do sentimento de permanecer o mesmo deve persistir. Mesmo em mares turbulentos, é esperada uma relativa estabilidade sobre quem se é, para que a sensação de que “eu sou eu

mesmo” não se envergue a ponto de desorganizar radicalmente o psiquismo. Sabemos como a identidade adolescente se fragiliza, tendo em vista que as identificações previamente consolidadas se abalam e precisam se reorganizar (PINHEIRO, 2001). Diante disso, entendemos que sustentar o dilema da identidade (modificar-se e, ao mesmo tempo, permanecer o mesmo), é particularmente desafiador na adolescência. Nesse contexto, acreditamos que as imagens digitais postadas por esses sujeitos podem ilustrar esse paradoxo, especialmente pela via corporal.

Notamos, portanto, que identidade e narcisismo são conceitos entrelaçados e são vividamente reatualizados com a entrada na adolescência. Acreditamos que conseguir sustentar o paradoxo da identidade é essencial para que a travessia adolescente seja, na medida do possível, suportável. Essa capacidade, a nosso ver, está relacionada à forma como se constituíram as bases narcísicas dos adolescentes, alicerces que se situam na mais tenra infância. Assim, a questão narcísica e identitária, retomada com o adolecer, traz à luz uma problemática do ser, relacionando-se a uma capacidade de poder se sentir sujeito de sua própria vida (ROUSSILLON, 2023).

Segundo Zornig (2014), a solidão subjetiva da adolescência, ao mesmo tempo em que abre portas para novas formas de existir no mundo, pode também reativar falhas primárias nas relações com seus objetos, manifestando-se em experiências de desamparo e fragmentação. No mesmo sentido, concordamos com a ideia de que vulnerabilidade adolescente convoca a vulnerabilidade do bebê, retomando experiências de angústias muito primitivas. Por outro lado, a mesma solidão pode abrir portas, apontando para a possibilidade de reinserir essas experiências nas coordenadas da atualidade e, assim, transformá-las. (ROUSSILLON, 2010a).

Segundo Cardoso (2001), as bases narcísicas dos adolescentes se estremecem, principalmente pelo necessário desinvestimento das ligações com os objetos infantis, a partir do remanejamento das identificações secundárias. Entretanto, o perigo reside em, durante a busca por um lugar na esfera social, o adolescente acabe por colocar em xeque suas identificações primárias, associadas ao “modo primitivo de identificação do sujeito” (LAPLANCHE; PONTALIS,

2001, p. 230). Segundo a autora, como forma de garantia, essas identificações originárias, relacionadas à permanência e à continuidade do ser, não devem se distanciar abruptamente. Especialmente na adolescência, elas devem permanecer funcionando “na sombra”, de modo que a ameaça de perda do objeto não resulte na perda do Eu.

Considerar a relevância da precariedade identitária, do questionamento sobre o ser e do narcisismo convocados na adolescência permite evidenciar o aspecto de vulnerabilidade vivido pelos sujeitos nesse período da vida. Esse processo, a nosso ver, transparece nas fotografias digitais de Helô, que parece ter grande dificuldade em atravessar a adolescência sem se perder radicalmente de si mesma. Pensamos que a busca de Helô por este novo Eu é dificultada se considerarmos um contexto familiar onde conflitos familiares importantes são vividos em paralelo ao seu adolecer. Voltaremos a este aspecto da vinheta clínica mais adiante. Neste momento, faremos uma breve explanação sobre o conceito de narcisismo em Freud, no intuito de demonstrar as bases teóricas que inspiraram outros autores a estudá-lo por outros caminhos, dando ênfase ao papel do objeto para a delimitação das fronteiras eu-outro. Passou-se a valorizar, nesta nova proposta, os caminhos do percurso de si para si mesmo, os quais precisam passar obrigatoriamente por um outro (ROUSSILLON, 2011a).

Segundo Garcia-Roza (1995/2014), apesar de Freud já ter feito uso do conceito de narcisismo antes de 1914, é em “Sobre o narcisismo: uma introdução” que uma mudança de paradigma é apresentada, introduzindo a figura do Eu no aparelho psíquico. Mesmo que só venha a alcançar seu estatuto de instância psíquica posteriormente, em 1923, com o advento formal da segunda tópica em “O eu e o id”, este conceito já começa a ganhar relevância. Antes deste artigo, o investimento da libido no Eu era associado à perversão. A partir deste momento, passa a ser considerado como uma forma essencial na constituição de subjetividade (GARCIA-ROZA, 1995/2014, p. 42).

A nosso ver, o processo de subjetivação da adolescência está intrinsecamente ligado ao narcisismo, também se articulando com as linguagens do corpo de suas imagens digitais e o grande espelho *online*. Isto se dá, pois, este conceito se relaciona intimamente a noção de integração pela aglutinação de

elementos psíquicos antes desorganizados em uma unidade coesa. Neste mesmo caminho, nos questionamos se seria a mesma integração que poderiam estar os adolescentes desejando, mesmo que inconscientemente, ao exporem suas imagens nas redes sociais para serem visualizadas por outros.

Nesta direção, estamos nos referindo a um rearranjo narcísico especial adolescente que espera coesão e estabilidade diante de um novo cenário geral que se apresenta. No decorrer de suas jornadas, pensamos que estes sujeitos esperam um reconhecimento deste novo si mesmo diante de seus reflexos. O cenário, pouco importa: seja nas águas cristalinas de um rio, no espelho do banheiro ou na superfície das telas tecnológicas. Entretanto, para que se diferenciar do outro possa se abrir como possibilidade, ao objeto são atribuídas funções fundamentais.

Para Freud, “as pulsões autoeróticas que coexistem de modo anárquico e sem um objeto específico reúnem-se numa unidade e dirigem-se para o objeto: o ego” (GARCIA-ROZA, 1995/2014, p. 201). O autoerotismo, nesse sentido, seria o primeiro tempo da sexualidade e anterior ao narcisismo, relacionando-se ao primado das pulsões parciais, satisfeitas no próprio corpo (Freud, 1905/1996). Isto nos remete à ideia de que a constituição psíquica acontece paulatinamente, já que “uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido” (FREUD, 1914/1996, p. 84).

Nesse sentido “uma nova ação psíquica” há de ser provocada, unificando o funcionamento autoerótico da sexualidade infantil, ainda fragmentada, não unificada, encontrando-se, anteriormente, no domínio das zonas erógenas (FREUD, 1905/1996). Assim, no narcisismo, cada parte do corpo será organizada no interior de um conjunto, o que significa, neste contexto, que uma ferida em uma parte equivaleria a uma ferida no todo, traduzindo-se uma relação de equivalência (FERNANDES, 2006).

A ligação interna de partes dispersas de sensações corporais em uma unidade requer um tipo especial de investimento, trabalhando “a favor de uma abordagem do corpo como corpo próprio” (FERNANDES, 2011, p. 116). O adolescente, em meio a entrada na sexualidade genital e a ameaça de uma separação radical de seus referenciais parentais, precisa executar um trabalho árduo para não se perder, ao mesmo tempo que também precisa encontrar coragem para se abrir ao novo.

É este tipo de investimento do objeto que, a nosso ver, ganha expressividade com as imagens digitais adolescentes no contexto tecnológico. Nesta linha, uma ampliação da escuta do corpo na clínica psicanalítica com adolescentes é necessária para que possamos, como analistas, pensar estas ilustrações como componentes expressivos relevantes para a subjetivação adolescente no contemporâneo. Assim, a forma como “dão-se a ver” nas redes, nos mobiliza a problematizar a nossa escuta clínica diante de uma linguagem não verbal que escapa ao verbo.

A vinheta de Helô não só nos permite refletir sobre uma linguagem analógica de comunicação em que seu corpo se faz, em ato, visível, como coloca em questão possíveis articulações com seu sofrimento narcísico. Isto nos faz pensar sobre os entraves na integração de seu novo corpo púbere e cheio de curvas como seu próprio, além da busca delicada por novas identificações quando sua relação com seus objetos primordiais se encontra fragilizada.

Para continuarmos pensando esta vinheta, precisaremos voltar um pouco ao pensamento freudiano. Antes, é importante nos questionarmos sobre como ocorre o processo pelo qual a libido, antes dispersa nos objetos parciais, se associa num trabalho de integração a um único corpo, de propriedade do sujeito que os detém. Precisamos pensar sobre que tipo de investimento é este que precisa acontecer para que, aos poucos, as pulsões parciais do autoerotismo possam ir se aproximando uma das outras a ponto de se centralizarem em uma forma unitária.

Para Freud (1914/1996), a constituição do Eu como unificado está relacionada com a forma com que os objetos primordiais olham tenra e afetuosamente para seus filhos, atribuindo-lhes todas as perfeições do mundo e ocultando suas possíveis deficiências. Este movimento representa uma revivescência e reprodução de seus próprios narcisismos abandonados, renovando, em favor da prole, todos os privilégios os que não puderam ter quando bebês eram.

Como “o centro e o âmago da criação” (FREUD, 1914/1996, p. 98), agora “Sua Majestade, o Bebê”, será fruto da projeção parental de seus próprios narcisismos, permitindo com que o infante se aproprie deste referencial de onipotência, completo e idealizado. Nas palavras de Bastos (1998), a nova ação psíquica propiciadora do narcisismo seria exatamente o amor parental, “que nada mais é do que o amor dos pais transmutado em amor de objeto” (p. 171),

funcionando como um investimento afetivo que totaliza o corpo do infante, antes experimentado como fragmentado.

Esta nova ação constitui uma formação intrapsíquica de caráter inconsciente conhecida por Eu Ideal, considerado a partir do modelo narcísico infantil. Este estado de idealização é tão importante que convocará o sujeito a tentar reconquistá-lo em outros momentos da vida (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Em outras palavras, impossibilitado de renunciar a uma satisfação que já desfrutou como um estado de perfeição narcísista da infância, o sujeito, agora adulto, procura recuperar este sentimento primitivo que já desfrutou. Contudo, para que o Eu se desenvolva, o Eu Ideal precisa ser abandonado em parte, por ser incompatível com as exigências da realidade. Essa situação pode ser entendida como “nossa primeira grande ilusão” (BASTOS, 1998, p. 177), na qual a sensação de completude inicial do infante é gradualmente transformada pelo afastamento do objeto primordial, processo que ocorre quando a libido se desloca em direção a um ideal imposto de fora (FREUD, 1914/1996). O caráter de externalidade deste ideal coaduna com as exigências das normas e das leis, impostas como essenciais à função social.

Buscamos apontar que a dimensão da alteridade, valorizada neste trabalho, já começa a se manifestar na teoria do narcisismo freudiana, mas que toma a cena consideravelmente em *O Eu e o Id*, onde o modelo da segunda tópica é oficialmente sistematizado e o corpo ganha relevo como mediador imprescindível para processo de unificação do Eu (FREUD, 1923/1996). A célebre frase “o Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície”, ilumina a ideia de que a constituição do Eu se dá diretamente pelo sistema perceptivo corporal (FREUD, 1923/1996, p. 39-40).

Sendo assim, a experiência corporal é vislumbrada, neste momento, como produtora de sentido psíquico, pois o “próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui o lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas” (FREUD, 1923/1996, p. 39). Intermediado pelo sistema perceptivo, a formação do Eu segue a se desenvolver, captando as primeiras experiências do mundo através da superfície corporal. Sobre isso, se “no início tudo era id, a partir do contato com o mundo externo – tendo como mediadores a

percepção e os órgãos dos sentidos – uma parte do id vai se diferenciado até formar o Eu (e posteriormente o superego)” (CIDADE; ZORNIG, 2023, p. 161).

Com o advir da adolescência, sabemos que o Eu é obrigado a se transformar, convocando novamente a dimensão narcísica. Considerando fotos de perfil de Helô, é possível notar como o outro é convocado a partir de uma experiência dos sentidos específica: o olhar. Em suas fotos, Helô se fazia ser olhada pelos outros de diferentes formas e ângulos, a depender do seu momento subjetivo. Percebemos, nessas publicações digitais, que, paradoxalmente, enquanto mostrava seu corpo ao olhar alheio, seu próprio olhar permanecia distante das fotografias que postava. Tanto no “Primeiro tempo” do fragmento clínico quanto no segundo, de maneiras diferentes, era difícil identificar seu estado afetivo, pois seu olhar estava mascarado ou inviabilizado pela forma como se expunha nessas imagens.

O caso de Helô ilustra como a busca de um novo si mesmo na adolescência, sem se tornar um completo estranho a si próprio, constitui um percurso complexo que exige atenção. Suas fotografias publicizadas em seu perfil do *Whatsapp*, a nosso ver, se relacionam exatamente com esta busca narcísica que veicula o âmbito do ser, envolvendo a pergunta “Quem sou eu?” na adolescência, convocando o outro para ajudá-la a responder esta questão. Isto porque, lembremos que as publicações de Helô não podem ser consideradas quaisquer postagens dentro do universo aglomerado de imagens publicadas todos os dias no ambiente digital. Estamos tratando especialmente de imagens de *perfil* desta adolescente, dando indícios de como pretendia se apresentar ao mundo.

Como cartões de visita, sabemos que os perfis são usados para fornecerem informações essenciais, geralmente com o objetivo de, de forma concisa, ajudar os outros a conhecerem melhor a pessoa em questão. As fotos de perfil, no mundo tecnológico, muitas vezes chegam ao olhar do outro antes do início de qualquer troca interativa, podendo transmitir uma primeira impressão sobre quem se é. Diante deste fator, entendemos que a questão narcísica envolvida neste tipo especial de publicação adolescente se evidencia ainda mais.

2.4

O aspecto de endereçamento das publicações fotográficas adolescentes: uma convocação à reflexividade do objeto

Estamos a todo tempo, neste trabalho, dando ênfase ao aspecto de endereçamento de si ao outro quando os adolescentes postam imagens e fotografias deles mesmos no contexto digital, parecendo estarem procurando autenticação e reconhecimento diante dos novos aspectos subjetivos que se apresentam neste momento de vida. A partir disto, acreditamos que uma compreensão da teoria que estuda o aspecto qualitativo da função do objeto para que uma organização psicossomática se dê nos ajuda a aprimorarmos uma escuta do corpo dos adolescentes, abarcando expressividades não-verbais que ocorrem também no âmbito das tecnologias digitais.

Em vista disso, chegou o momento de explicarmos o que estamos querendo dizer, psicanaliticamente falando, quando trazemos o valor do olhar do objeto diante das imagens digitais adolescentes compartilhadas nas redes. Diante disto, algumas perguntas nos surgiram. Quais seriam os efeitos subjetivos de ser visto por um outro? O que significa, de fato, ser olhado por alguém? Assim sendo, buscaremos sustentar que a experiência de ser ou não ser olhado é complexa e pode produzir tanto efeitos estruturantes como desestruturantes para o psiquismo, não se confundindo, de forma alguma, com o simples olhar concreto que se relaciona ao uso da visão.

Incluindo o impacto da presença do outro para a constituição subjetiva, tema profundamente trabalhado por Winnicott e Ferenczi, autores que ampliaram a teoria freudiana, nos apoiaremos, em um primeiro momento, na teoria winnicottiana sobre o papel de espelho do objeto nos primórdios para pensarmos sobre a função qualitativa do objeto para a subjetivação e a amarração das fronteiras eu-outro na adolescência. Apostamos que suas contribuições são relevantes quando o foco é compreender subjetividades que utilizam de recursos expressivos não-verbais nas redes sociais. Pensamos que postando-se, podem estar aguardando um retorno do objeto para ajudá-los construir algo novo diante do que, com a experiência da adolescência, se desorganizou.

Na esteira dessas ideias, ao diferenciarmos olhar de visão, pretendemos salientar que a relação com o objeto diante de imagens digitais adolescente se vincula a uma particular forma de investimento narcísico, essencial para o processo de subjetivação neste período de vida, cujas bases estão nos primórdios da constituição psíquica. Propomos interpretar o ato de olhar pela perspectiva de uma *qualidade de investimento* do objeto perante uma subjetividade vulnerável. Esta forma de compreender o olhar do objeto como forma de investimento nos faz pensar sobre as repercussões de como se deu seu formato de presença nos primórdios e como este investimento do objeto é novamente convocado na adolescência.

Isto significa dizer que a forma pela qual o objeto olha para o sujeito aponta para a maneira como cuida, conseguindo ou não acolher suas necessidades subjetivas nos tempos em que dele mais precisa. Desta maneira, é possível pensar que a maneira pela qual o objeto responde em prol da ativação pulsional interfere diretamente na organização psíquica do sujeito, dependendo deste uma sensibilidade para que não se imponha quando deveria estar ausente, nem se ausente quando deveria se impor (MELLO; HERZOG, 2012).

Ao nos voltarmos para o trabalho psíquico que a adolescência convoca, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas à vulnerabilidade, à separação e a integração do novo corpo que se faz brotar repentinamente, consideramos que, pela via do ato e do corpo, os adolescentes retomam questões relacionadas a um momento primeiro de constituição, envolvendo diretamente a qualidade dos cuidados objetivos. Demandando do objeto um certo posicionamento subjetivo, estas experiências primeiras de relação estão ligadas à questão da diferenciação tais como vividas na primeira infância, onde os bebês, tendo o próprio corpo como meio de comunicação, buscam respostas de um outro corpo para que algo se desenrole e se funde um sentimento de existência próprio (ZORNIG, 2008b).

Oliveira e Fulgêncio (2010) detectaram que, entre os psicanalistas de sua época, Winnicott parece ser o autor que mais diretamente se debruçou sobre o assunto da adolescência, encontrando, em suas pesquisas, ao menos dezessete artigos de sua autoria diretamente ligados a esta temática. Para Winnicott (1945/1978), é no início da vida em que estão sendo constituídos os alicerces da

personalidade, havendo uma pré-história relacional que é relevante, na qual o pequeno sujeito já é passível de ser afetado pelo ambiente mesmo que ainda não o perceba como diferenciado.

Este autor tece relações entre a dinâmica da adolescência e os tempos primevos da constituição psíquica, pois, para ele, com a chegada da puberdade, os mesmos problemas que ocorriam quando os sujeitos eram bebês inofensivos retornam (WINNICOTT, 1968/2019). Por conta disto, ressalta que não é possível contar com a paz e a tranquilidade aos que atravessam este momento da vida, mesmo que seus adultos tenham feito tudo da maneira mais bem-intencionada possível nos estágios iniciais. Sua justificativa é que o adolescente precisa se adaptar a uma nova realidade, o que faz com que a vulnerabilidade do Eu desemboque numa nova necessidade de dependência do ambiente, tal como na primeira infância (DAVIS; WALLBRIDGE, 1982). Em contraponto com a rebeldia feroz, em determinadas situações, os adolescentes podem se apresentar “dependentes a ponto de parecerem crianças e mesmo bebês, manifestando padrões de dependência que talvez remontem aos primeiros meses de vida” (WINNICOTT, 1961/2011, p. 123).

Em vista disto, Roussillon (2008) defende que o esboço do vínculo instaurado nos primórdios permanecerá presente ao longo da vida, sendo mais ou menos ativado a partir das mobilizações oriundas pelo contexto ulterior. Ressalta o autor que, paradoxalmente, toda a situação que envolva uma luta exageradamente ativa contra a dependência revela a própria intensidade da ameaça de perda do objeto, denunciando a magnitude de seu receio. Desta maneira, a forma com que o objeto investe o sujeito traduz justamente seu modo de presença a partir da forma pela qual se faz disponível ou indisponível. Sendo assim, o “olhar” que aqui propomos não pode ser confundido com o mero direcionar da visão.

Sabemos que a oposição violenta a qualquer situação que tangencie a dependência é comum na adolescência. Assim, levar em conta a forma com que os adolescentes se manifestam diante da situação de dependência que experienciam neste momento significa compreender que isto se relaciona intimamente com a forma singular com que viveram a dependência com seus objetos na origem. Problematicarmos sobre como pode ter ocorrido este tipo de investimento primeiro

nos auxilia a pensar sobre as bases narcísicas que cada adolescente possui para lidar com as adversidades deste momento de progressiva abertura ao novo. Nesse sentido, Marty (2014) afirma que quando o indivíduo não pode atingir, no encontro com o objeto dos primórdios, um nível suficiente de diferenciação, ele pode vivenciar a necessidade de separação inerente à adolescência como um ataque radical a sua integridade narcísica, podendo sentir que uma parte de si pode ser amputada na ausência do outro. Assim, a ameaça de desintegração narcísica vivida na adolescência está associada com o sentimento de irrealidade que estes sujeitos sentem, cuja principal luta é a do âmbito do *ser*, do sentir-se real (WINNICOTT, 1967a/2021).

Pensamos ser possível articular esta busca adolescente por se sentir verdadeiramente real com o que Roussillon (2023) entende estar no âmbito da “problemática do sujeito”. O que está em xeque nestas problemáticas é exatamente a capacidade de sentir-se sujeito de sua própria vida, emoções, sentimentos e decisões, articulando-se diretamente a experiências narcísicas. Para o autor, a forma com que cada um se relaciona consigo próprio está diretamente acoplada com forma de vínculo instituído com o objeto nos estados iniciais. Assim, reacendidas na adolescência com toda a força, mas por outros motivos, pensamos que os adolescentes também lidam com as referidas problemáticas do sujeito.

A investigação winnicottiana a respeito do processo pelo qual as pulsões autoeróticas se unificam leva em consideração justamente a forma pela qual o objeto primordial conseguiu ou não investir seu bebê e refletir seus estados internos. Para tal, o autor estabelece relações entre o que é transmitido afetivamente através do rosto materno e sua capacidade de funcionar como um espelho simbólico (WINNICOTT, 1967b/2019). O objeto, portanto, é incluído como elemento constitutivo do psiquismo do bebê e produz ecos que ressoam no desenvolvimento do seu *self* a partir de uma capacidade específica que parte de um sensível olhar reflexivo. Quando esta forma de reflexividade é alcançada, o objeto atinge um dos seus mais importantes objetivos que é o de facilitar que o sujeito se sinta “visto” como alguém que realmente é. Assim, quando é efetivamente investido pelo objeto, está mais próximo de entrar em contato com seu verdadeiro *self*.

Quando falamos da importância do olhar do objeto para a constituição subjetiva, estamos dando ênfase, portanto, no aspecto relacional do olhar, para muito além da visão. Nesta proposta, o olhar é valorizado pela sua forma, sendo construído pela maneira com que o vínculo entre o sujeito e seu cuidador primordial se desenrola e se atualiza, ao longo da vida. Por este viés, pensarmos sobre o tipo de investimento transmitido pelo rosto do objeto primordial como espelho simbólico é relevante pois a capacidade reflexiva do objeto é precursora do espelho de si. Esta circunstância demonstra que a constituição psíquica se organiza através de uma articulação sensório-perceptual entre o bebê e seus adultos, trazendo à luz um viés que valoriza mais a forma do que o conteúdo do que é dito verbalmente (ZORNIG, 2008b).

Isto posto, valorizando o aspecto da qualidade do papel desempenhado pelo ambiente no desenvolvimento infantil, Winnicott (1967b/2019) assinala que o entorno é percebido pelo bebê, sendo este diretamente afetado pelo que aquele transmite. Assim sendo, pergunta o autor: o que de fato o bebê vê quando se posiciona perante o objeto e quais as consequências deste primeiro esboço de relação para a constituição de um Eu próprio? Importante mencionar que estamos nos referindo a um estágio muito primitivo do desenvolvimento, no qual o bebê ainda não é capaz de diferenciar eu de não-eu. Isso significa dizer que ele ainda é incapaz de situar seu objeto primordial como um objeto externo a si, implicando que “os objetos ainda não são percebidos como parte da realidade compartilhada nem como portadores de identidade e autonomia própria (KLAUTAU, 2018, p. 369). Diante da impossibilidade de identificar seu rosto como um objeto separado de si, quando o bebê olha para o objeto, ele vê a si mesmo (WINNICOTT, 1967b/2019).

A ênfase dada a esta delicada forma de comunicação não-verbal transmitida pelo olhar é tão difícil de se explicar que talvez só a sensibilidade da poesia o consiga (WINNICOTT, 1967b/2019). Assim, “a mãe olha para o bebê e *a aparência da mãe se relaciona com o que ela vê ao olhar para o bebê*” (p. 179, grifos do autor). Assim, o que transparece no olhar da mãe é a sua própria visão do bebê e da satisfação que ali está contida” (DIAS, 2024, p. 203). Em outras palavras, o que o bebê sente ao olhar para a mãe é justamente o componente afetivo da satisfação de

ser verdadeiramente olhado por um outro. Isto implica que, quando o bebê percebe que o entorno o vê e o cuida, transmuta-se uma sensação de existência não intrusiva.

Por este caminho, podemos perceber que a coesão psicossomática, a unificação do Eu e sensação de *ser quem se é*, não são meras realizações. Elas dependem da forma pela qual aconteceu, ou não, uma participação ativa e reflexiva dos cuidadores primordiais, reunindo o bebê “nos braços e no olhar” (DIAS, 2024, p. 188). Desta maneira, o rosto e o olhar da mãe precisam reagir ao bebê: é necessário que seja devolvido ao bebê algo que perpassa pelo outro, mas que, por ele, é sentido como seu. Assim, a potência reflexiva do olhar devolve principalmente a expressão afetiva do outro que olhou para o sujeito, dando relevo ao componente afetivo do olhar. Para Winnicott (1967b/2019) o encontro com seu *self* está neste jogo de espelhamento: “Quando olho, sou visto. Portanto, existo” (p. 182).

Se, por algum motivo, esta dinâmica reflexiva não pode se consolidar, o papel de espelhamento falha e o espelho não se faz enxergar (WINNICOTT, 1967b/2019). Assim, nos casos em que o objeto está voltado exclusivamente para si próprio, por exemplo, podemos dizer que seu olhar fica opaco e não reflexivo, traduzindo uma insuficiência do investimento do qual àquele prescinde. Nessas situações, um retorno sensível sobre estado afetivo do bebê é impossibilitado e “a percepção ocupa o lugar da apercepção, ocupa o lugar do que poderia ser o começo de uma troca significativa com o mundo” (WINNICOTT, 1967b/2019, p. 180).

Dias (2024) nos ajuda a compreender a diferença entre os termos percepção e apercepção utilizados por Winnicott quando apresenta o papel reflexivo do objeto para a constituição narcísica do bebê. A apercepção se refere a possibilidade de olhar criativamente o mundo, própria do mundo subjetivo, reinado pela onipotência infantil, sendo utilizada pelo autor como o oposto de percepção. Por outro lado, a percepção se refere a chegada de um dado da realidade externa de forma prematura, violando a legítima experiência de onipotência do bebê. Nestes casos, o objeto estaria introduzindo, precocemente, dados de uma realidade a qual o infante ainda não está pronto para vivenciar, impedindo a sensação de que o próprio sujeito próprio criou a realidade.

Nosso objetivo em evocar a teoria winnicottiana sobre o papel de espelho do objeto para a instauração de um sentimento de existência em um trabalho que propõe uma ampliação da escuta do corpo na adolescência considerando suas imagens digitais se fez tendo em vista que, para nós, estas linguagens do corpo convocam novamente uma capacidade reflexiva do objeto, tal como ocorreu na primeira infância. Utilizando formas de comunicação próximas a dos bebês, entendemos que os adolescentes podem estar buscando, em outro momento e por outros motivos, um posicionamento parecido do objeto. Ao serem compartilhadas, apostamos que as imagens digitais adolescentes podem ser consideradas mensagens endereçadas ao objeto, atualizando uma da dinâmica narcísica que busca um encontro consigo mesmos.

Sugerimos conceber o olhar do objeto diante das imagens digitais do corpo adolescente como um novo chamado de investimento, para que novas integrações se deem. Este é o mesmo posicionamento de Mello e Herzog (2012), quando sublinham que “a forma com o objeto responde em prol da ativação pulsional interfere substancialmente na organização psíquica do sujeito” (p. 69). Nestes termos, mesmo diante das turbulências deste momento, o olhar reflexivo do objeto diante do que o jovem apresenta de seu corpo em transformação em imagens é essencial para que um sentimento de afirmação sobre quem se é possa ir aos poucos se construindo. Entendemos que este posicionamento do objeto é essencial para que o adolescente possa voltar-se para o outro social, mantendo-se aberto para exercer novas escolhas objetais, sem perder-se de si.

Inspirado na hipótese de Winnicott, Roussillon (2008, 2015) apresenta sua própria leitura a respeito da função da refletividade do objeto. Ao contrário do teórico inglês (WINNICOTT, 1945/1978), não trabalha a ideia de que haveria uma indistinção entre sujeito e objeto nos primórdios. Sendo assim, não considera que, no princípio da vida, haveria um estado anoobjetal, onde a fusão e a confusão psíquica entre os dois reinaria, mesmo concordando que o reconhecimento da externalidade do objeto é progressivo.

Apresentando o modelo da “homossexualidade primária em duplo”, Roussillon (2008), supõe que a forma de organização estrutural da relação primitiva entre mãe e bebê se baseia em uma capacidade do objeto em ocupar uma função de

“duplo” de si. Nesse sentido, o autor busca ampliar a ideia winnicottiana de espelhamento do objeto para a constituição do sentimento de si, realçando a importância do componente intersubjetivo desta experiência. Neste modelo, inspirado na teoria laplancheana, Roussillon (2008) propõe que, ambos sujeito e objeto são atravessados pulsionalmente por suas próprias vidas psíquicas inconscientes e que, por conta disso, jamais poderiam se fundir. Seguindo nesta argumentação, propõe-se que o objeto sempre carrega algo da ordem de um enigma ao sujeito, algo que, por ser inconsciente, permanece igualmente desconhecido pelo próprio objeto (LAPLANCHE, 1992).

Nesta conjuntura, para poder refletir satisfatoriamente, um desafio de ordem qualitativa é colocado. Ao mesmo tempo em que o objeto precisa se dispor a se identificar aos estados afetivos do sujeito, deve, ao mesmo tempo, ser reconhecido como alteritário, “sem que este reconhecimento seja vivenciado [pelo sujeito] como um vazio insuportável” (ZORNIG, 2014, p. 54). Assim, não deve com o sujeito se mesclar ao ponto de que este se perca diante de quem se é, nem, por outro lado, ofertar demasiados elementos de sua alteridade prematuramente. Esta posição deve ser sustentada pelo objeto, mesmo que sua externalidade ainda não esteja totalmente compreendida pelo bebê (COELHO JR., 2012; ROUSSILLON, 2008, 2015).

Seguindo na argumentação de Roussillon (2008), a diferença de posição entre o mundo adulto e o da criança está dada já no princípio, cuja alteridade enigmática do objeto passa a ser considerada relevante e inevitavelmente impactante à subjetivação. A criança, portanto, diante do sexual inconsciente do adulto o qual ainda não pode acessar nem compreender, é naturalmente interpelada por este conteúdo enigmático que vem do outro, impulsionando o processo de simbolização (MELLO; HERZOG, 2012).

Notamos, portanto, que a expressão “homossexualidade primária em duplo” apresentada pelo autor nos dá notícias desta perspectiva intersubjetiva, pois aponta para a necessidade do objeto de buscar atenuar sua alteridade para que uma organização de um rudimentar sentido de Eu possa se estabelecer. Esta forma qualitativa de investimento primitivo, se associa com as características de uma dança, de uma coreografia do encontro, que irá produzindo um sentimento de

coesão e integração egóica ao bebê e organizando, pouco a pouco, sua identidade incipiente (ROUSSILLON, 2008).

Na perspectiva da intersubjetividade, para que seja possível pensar sobre a ausência do objeto, é preciso, antes, considerar como se desenrolou o seu modo de presença (ROUSSILLON, 2008, 2015). Em outras palavras, a dimensão da ausência do objeto passa a depender diretamente da qualidade de sua presença. Pensamos que esta forma intersubjetiva de problematizar a ausência do objeto nos ajuda na clínica da adolescência, tendo em vista que a temática da separação com o objeto é retomada, a partir de outro viés. Quando atendemos adolescentes, é interessante que possamos nos indagar, a partir de seus sintomas, sobre a forma pelo qual seus objetos primordiais possam ter se oferecido anteriormente como presença.

Por outro lado, a nosso ver, é a palavra “duplo” que traz toda a força da ampliação da noção de reflexividade do objeto apresentada por Roussillon, nos ajudando a pensar sobre uma nova convocação à capacidade reflexiva do objeto pelos adolescentes quando compartilham imagens digitais de seus corpos nas redes sociais. Para o autor, a marca da diferença é peça chave para este jogo de reflexos ser bem-sucedido e alcançar seus objetivos. Neste caminho, para Roussillon (2008), o que mais importa neste contexto originário – o qual propomos fazer sentido também ao considerarmos a experiência da adolescência - seria a capacidade do objeto em aceitar se propor como semelhante ao bebê. Colocando-se disponível ao sujeito sem que desconsidere sua própria subjetividade, abrem-se portas para que a operação narcísica de espelhamento aconteça, garantindo um sentimento de continuidade de existência.

Neste modelo, “um duplo deve ser suficientemente “mesmo” para ser um duplo sujeito, mas deve ser também suficientemente “outro” para não ser o próprio sujeito” (ROUSSILLON, 2008, p. 117, tradução nossa). Trata-se, portanto, de um trabalho do objeto em se dispor nesta posição de identificação com o bebê, para que possa refleti-lo para si próprio, dinâmica esta que não acontece automaticamente. Sendo assim, consideramos que a forma como este primeiro esboço de investimento e de espelhamento se deu nos primórdios é relevante para a compreensão dos entraves da dinâmica narcísica atualizada com as demandas da adolescência, respeitando as singularidades da história de cada um.

Logo, segundo Roussillon (2008), para que a situação de dependência seja tolerada, é necessário haver uma coreografia corporal harmônica, um *ballet* dançado em duplo no contexto da dependência primitiva. Trabalhando estes conceitos, o autor nos apresenta todo um modo primevo de comunicação da ordem de uma sintonia que envolve duas subjetividades, valorizando uma dimensão específica de prazer que está ligada às condições do encontro com o objeto primordial.

Diante das teorizações propostas, podemos perceber que a alteridade do objeto é tão importante quanto a sua capacidade de ser semelhante. Entendemos que este dado é importante para investigarmos uma escuta do corpo na adolescência, ampliando suas variadas expressões como a construção de imagens de si na *web*. A proposta winnicottiana de espelhamento do objeto, complementada com contribuições de autores que se posicionam a favor de uma articulação entre as dimensões intrapsíquicas e intersubjetivas nos ajudam a pensar qual seria o trabalho possível diante de adolescentes que fazem uso de recursos não-verbais de comunicação na clínica para ampliarem sua gama expressiva, como vimos com a vinheta de Helô.

Diante o exposto, nos perguntamos: poderiam as apresentações de Helô por imagens no seu perfil no *Whatsapp* remeterem a uma busca desta adolescente por uma sintonia com um objeto que se apresente como disponível para nela afetivamente investir, refletindo seus estados internos ao mesmo tempo que se mantém alteritário? Tentar responder esta pergunta é importante pois não acreditamos que o fato de Helô se postar sombreada, obscura, entrecortada e sem cabeça ao olhar do outro seriam meras aleatoriedades. Tampouco quando, paradoxalmente, fazia apresentar-se ao outro com todo vigor, seu corpo sexualizado de mulher. Acreditando no aspecto de endereçamento das imagens digitais do corpo na adolescência como novas provocações à reflexividade do objeto, nos indagamos se estas ilustrações nos dão pistas sobre que tipo de investimento narcísico estes sujeitos podem ter vivido, cada um à sua maneira, nos primórdios.

Estes dados, entre outros, nos levam a pensar sobre como pode ser estruturar um trabalho da análise diante de uma adolescente que parece não se sentir propriamente refletida e investida pelos seus objetos, apresentando-se desarticulada

de si mesma. A partir do que seu corpo faz mostrar em ato aos espectadores de suas publicações, nos interrogamos sobre que pistas esta adolescente pode estar dando, a partir destas fotografias de si, sobre sua própria subjetividade e seu sofrimento. Esta vinheta nos instigou ainda mais a pensar na riqueza destas produções expressivas que escapam ao conteúdo verbal na adolescência da contemporaneidade.

Fazendo um apelo ao grande espelho *online*, nos questionamos se as publicações que os adolescentes fazem de si nas redes sociais poderiam apontar para mensagens singulares de seus corpos direcionadas aos seus objetos, em busca de significação. No nosso entendimento, esta convocação seria intencionada não somente para uma contenção do pulsional excessivo, mas também como um convite de espelhamento de seus estados afetivos agora fragilizados pela adolescência, sem negarem sua própria alteridade. Conforme a vinheta clínica apresentada e com base na discussão proposta, gostaríamos de investigar formas de trabalho clínico com adolescentes que se utilizam das ferramentas do digital para se expressarem.

É o que apresentaremos a seguir, valorizando o manejo do analista na transferência com adolescentes quando a dinâmica de ser verdadeiramente olhado está em jogo, endereçando ao objeto um investimento reflexivo sobre si. A vinheta do atendimento de Helô seguirá nos acompanhando neste percurso, no sentido de continuarmos apostando na riqueza de uma prática que une teoria e clínica.

3

A escuta do corpo na clínica psicanalítica com adolescentes

*“De tanto não poder dizer,
Meus olhos deram de falar.
Só falta você ouvir”*
(ASSUMPÇÃO; RUIZ, 2008, p. 76)

Quando nos debruçamos sobre a investigação das manifestações do corpo adolescente no contexto digital, é fundamental que nos questionemos sobre as implicações do que pode ser subjetivamente transmitido através das ferramentas tecnológicas no manejo da transferência e no estabelecimento do *setting* analítico. Propondo uma expansão do *setting* clássico e incluindo as imagens digitais adolescentes, apostamos nestas novas formas de expressividade como parte de um repertório ampliado do corpo que também merece ser tratado como material de análise.

A vinheta clínica de Helô nos convocou a reflexão sobre uma possível leitura de elementos que não são necessariamente ditos verbalmente nos encontros presenciais, mas que se direcionam ao analista através de imagens digitais, dando pistas de como pode ter se dado o encontro com seus objetos no princípio da vida. Sendo assim, a partir do que é mostrado, elementos de sua subjetividade se fazem comunicar e parecem buscar significação. Mesmo que tais dados não façam parte diretamente do contexto dos encontros presenciais com os adolescentes que atendemos, faz-se necessário pensar como pode um analista também contemplar em sua escuta componentes que advêm do corpo, destacando-se de outras maneiras.

Diante disto, não pensamos ser possível desfazer o que já produziu efeitos e, conseqüentemente, causou impressões ao analista. Não podemos fingir que não fomos impactados pelo que de nossos analisandos saltou aos nossos olhos, mesmo que fora dos encontros agendados semanalmente. Assim, neste último capítulo, pretendemos dar ênfase ao papel do analista que se impacta pelo que seus olhos vêm do corpo de seus analisandos adolescentes que fazem uso das mais diversas ferramentas expressivas digitais não-verbais, como o uso de imagens.

Baseados na perspectiva intersubjetiva na qual a alteridade do objeto é fundamental para que a reflexividade se dê, daremos destaque à proposta de um alargamento na escuta clínica que abarque o registro do corpo da adolescência também no contexto das tecnologias digitais, a partir das imagens que produzem de si e incluem o analista nesta interação. Assim, para além do que é externalizado verbalmente, pensamos que precisamos nos interessar em outras forma de expressão na adolescência, extremamente valorizada na cultura das imagens que nos circunda.

A maneira nebulosa com que Helô se posiciona em suas fotos no “Primeiro Tempo” da análise onde a silhueta de corpo e a expressão de seu rosto mal se faz ver em adição à forma entrecortada com que se mostra no “Segundo Tempo” nos incita a questionar o que poderia estar sendo encenado neste espaço, considerando, principalmente, o que Helô deixa enigmático ou excluído do limite da moldura de suas publicações de perfil. Isto porque, paradoxalmente, o que não se faz aparecer, ao mesmo tempo se faz radicalmente presente, justamente por sua ausência. Levando isto em consideração, o trabalho clínico na adolescência sugere, portanto, o desafio do analista de olhar e dar voz o que, muitas vezes, seus analisandos ainda não conseguem enxergar sobre si mesmos.

Por onde anda seu rosto? Por onde anda Helô?

3.1

“Ouvir com os olhos”: a encenação como recurso expressivo na clínica da adolescência

Buscamos demonstrar como os elementos não-verbais de expressividade são tão importantes quanto a língua falada e estão presentes ao longo de toda a vida. No entanto, vimos como os ecos das primeiras relações são reativados com força com a chegada da adolescência e clamam por uma escuta refinada e cuidadosa. Por se apresentarem por linguagens que convocam expressões do corpo e do ato, estas outras formas expressivas que transcendem o campo do verbal convidam o analista a apurar sua capacidade perceptiva para acolher novas sutilezas comunicativas.

Mantendo como eixo principal a retomada do narcisismo na adolescência e a função de espelhamento do objeto para a constituição do sentimento de si e

consolidação das fronteiras entre o eu e o outro, pretendemos, finalmente, pensar o trabalho analítico com adolescentes que utilizam seus próprios corpos para se expressarem perante o outro no âmbito das tecnologias digitais. A partir disto, pensamos que estas manifestações para além do registro do verbo devem ser incorporadas como ingredientes também importantes sobre suas subjetividades ao *setting* analítico, incluindo, neste horizonte ampliado, suas imagens digitais.

Por meio de fotografias e imagens, percebemos que certos adolescentes na contemporaneidade podem utilizar estas ferramentas disponibilizadas pelas redes sociais como um lugar privilegiado para encenarem, com seus corpos, aspectos que podem estar fragmentados ou dissociados de suas vidas psíquicas. Isto porque, como vimos, o excesso pulsional, a modificação abrupta de seus corpos e a necessária busca por novas identificações colaboram para que uma desorganização psicossomática se dê. Assim, o sentimento de si antes conhecido é abalado, contribuindo para que defesas arcaicas sejam acionadas diante da ameaça de uma perda radical de seus objetos primordiais.

A vinheta de Helô ilustra magistralmente isto. O aspecto nublado de suas fotografias, como quem adentra pela “Porta dos fundos” na análise, imprecisa e misteriosa, alteradas abruptamente por postagens de um corpo incógnito, sensual e sem cabeça, arrombando com toda a força a “Porta da frente”, são justamente o que cremos indicar ser grande parte do alvo do trabalho com esta adolescente. Isto posto, fica evidente quando investigamos a forma singular com que cada sujeito se comunica ao longo da vida, mas principalmente na adolescência, a presença incontestável do fator infantil.

Não nos cabe aqui destrinchar profundamente o conceito de infantil, tão fundamental e rico para a psicanálise, pois sua complexidade nos levaria a um distanciamento de nossa proposta temática. Contudo, pretendemos mencionar sua importância por ser intrínseco às linguagens analógicas, que remetem a uma história singular que transcende à infância concretamente vivida. O infantil pode ser pensado como uma construção que guarda profunda vinculação com o vínculo com o objeto e “pode ser apreendido na experiência psicanalítica como princeps da realidade psíquica, da dimensão inconsciente da subjetividade humana” (TANIS, 1995/2021, p. 187).

Assim, as comunicações dos tempos primevos nos dão notícias, na atualidade do presente, dos caminhos narcísicos construídos a partir da qualidade do investimento do objetos no sujeito para a constituição de sua subjetividade e a manutenção das fronteiras entre o eu e o outro. Estas marcas, por se distanciarem de uma cronologia desenvolvimentista da infância, nos fazem entender que o fator infantil é atemporal e se constitui através dos modos de registro das primeiras experiências do sujeito, irredutível ao momento da vida (ZORNIG, 2008c). Para a psicanálise, a simultaneidade entre passado, presente e futuro configura um movimento muito particular da psique humana baseada no conceito de inconsciente e ganha força na adolescência pois representa “uma relevante experiência subjetiva através do qual o infantil vem a ser objeto de uma especial ressignificação em múltiplos planos” (CARDOSO, KERNIER, 2024).

Quando sugerimos uma escuta clínica ampliada que considera as imagens digitais adolescentes como palco que ilustra seus corpos e identidades em transformação, entendemos que o que se destaca é mais o componente infantil relacionado ao processo consolidação de um Eu próprio do que o da problemática da sexualidade infantil como retorno do recalcado, trabalhada por Freud (1905/1996). Contudo, vale salientar que o fator infantil ligado à problemática da dependência não necessariamente se opõe à sexualidade infantil freudiana, já que as teorias sexuais infantis são uma tentativa de interpretar o corpo pulsional, o enigma da existência e o lugar do objeto (ZORNIG, 2008c).

Nossa intenção neste trabalho é dar relevo uma dimensão específica do fator infantil relacionada aos processos vivenciados a um momento muito precoce da vida psíquica, reatualizados com força com a chegada da adolescência. Roussillon (2010b) localiza os primeiros movimentos da constituição subjetiva em um tempo anterior à instauração do recalque como mecanismo de defesa, situando-se no campo do infantil arcaico, em um momento que o autor designa como “tempo além do tempo”. O terreno do infantil arcaico se ilumina quando estamos examinando problemáticas relacionadas a processos anteriores a estruturação do recalque, onde o contexto maior é o da dependência ao objeto, como a adolescência.

Neste sentido, as formas de comunicação primitivas do corpo e do ato se associam às comunicações do tempo infantil arcaico e são reativadas intensamente

com a adolescência, fazendo demandar novamente do ambiente sua assistência. Como vimos, este tipo de convocação nem sempre se faz com palavras e o próprio corpo em ato se organiza em um sistema particular de endereçamento ao objeto, no intuito de auxiliar na integração do que a própria situação da adolescência e a eclosão da puberdade desorganizaram, psíquica e fisiologicamente. Esta hipótese nos parece plausível, se articulando com o fator infantil arcaico, já que a utilização do próprio corpo como forma de expressão indica uma concepção dos primórdios da atividade psíquica como fundamentalmente corporal (ZORNIG, 2008a), palco das primeiras vivências intersubjetivas.

Buscando investigar o terreno do infantil arcaico, das manifestações do corpo na adolescência, voltemos a analisar a vinheta das imagens digitais de Helô. O que insiste em se distanciar do enquadre das imagens que publica de si, a nosso ver, se faz ainda mais visível justamente pela sua radical ausência e atrai particularmente a nossa atenção. Nos questionamos se suas fotografias deixam à mostra, paradoxalmente, certos componentes subjetivos que ainda não puderam ser veiculados por esta adolescente, encontrando-se dissociados. Será que, por conta de seu primeiro ciclo menstrual ter advindo de forma precoce e seu corpo ter se desenvolvido antes da maioria das meninas de sua idade, seus pais também precipitaram sua entrada na vida adulta, se distanciando apressadamente da função investimento e proteção?

Cabe aqui uma diferenciação entre dissociação e conflito, quando trazemos uma situação em que o corpo exhibe em uma cena o que o sujeito não pode dizer. No conflito, a pessoa, consciente ou inconscientemente “sabe” da existência dos dois lados da equação, conforme salienta Kahn (1971). Por outro lado, segundo o autor, nos estados dissociados não temos tal evidência disso: “a pessoa é todos os elementos de seus estados dissociados e os vive como tal” (p. 298). Figurando-os no corpo, o sujeito fica totalmente envolvido com cada aspecto, o que remete a contradições, pois, nesses casos, a presença da dissociação é ignorada. Podemos afirmar, portanto, que a dissociação se refere a uma coexistência de estados desintegrados.

Importante sublinharmos que não estamos afirmando que as publicações imagéticas que todos os adolescentes fazem de si no contexto tecnológico são

representações patogênicas de mecanismos defensivos. Aproveitamo-nos deste conceito pois acreditamos que ele nos ajuda a problematizar experiências que podem ser vividas no e pelo corpo e se comunicam por outros meios além linguagem oral, pois as palavras não podem dizê-las. Isto se torna mais relevante, para Kahn, no caso de sujeitos dissociados, sugerindo que possamos escutar o que também advém do corporal, que pode expressar, muitas vezes, o contrário do que verbalizam em análise

No campo da dissociação psíquica, os sujeitos “encenam em seu corpo determinados aspectos de sua subjetividades e de sua vida que não mantêm nenhuma relação com aquilo que dizem” (GONDAR, 2020, p. 29). Como dois lados da mesma moeda, coexistem sem conhecerem-se. Do mesmo modo, pensamos que a encenação como recurso expressivo ao que advém da dissociação também possui uma dimensão de apelo ao outro. Tal compreensão baseia-se na ideia de que o comportamento, na transferência, manifesta o desejo de restituir o valor de um signo perdido, quando o outro reconhece o que lhe foi endereçado e confirma seu recebimento (ROUSSILLON, 2019).

Nosso propósito neste trabalho é pensarmos em uma ampliação das possibilidades de escuta do analista de adolescentes para que, inspirados na frase de Shakespeare que Kahn utilizou como título seu artigo, também possamos “ouvir com os olhos” em nossa prática clínica. Buscamos estar atentos às amplas manifestações corporais da adolescência levando em consideração que nossos analisandos podem envergam seus corpos ao nosso olhar se utilizando de novos recursos expressivos para além dos mais clássicos. Estejam elas transportadas para ilustrações no ambiente digital ou em outros espaços que os façam serem vistos por nós, é importante que percebamos que o encontro clínico não é feito só com palavras. Para nós, ele deve abranger todos os elementos possam constituir uma gama expressiva ampla, já que a linguagem verbal pode disfarçar e deturpar a experiência (KAHN, 1971).

Pelo ato, o corpo verdadeiramente conta, reproduzindo, diante de nossos olhos, elementos que buscam integração em uma totalidade coerente da experiência vivida, por mais que as palavras, muitas vezes, possam dizer o contrário. Neste sentido, Kahn (1971) em sua época, já criticava a insuficiência de escritos analíticos

sobre técnica que discutissem casos em que fosse possível trabalhar a experiência de analisandos olhando-os como um corpo, em oposição a um interesse limitado ao material verbal apresentado. Para Gondar (2020), esta proposta de Kahn amplia tanto os sentidos envolvidos na atenção flutuante do analista como também abarca maiores possibilidades de expressão para a associação livre dos analisandos.

A ideia de encenação nos é útil para problematizarmos as publicações dos corpos dos adolescentes nas redes sociais – no contexto deste trabalho, a rede *Whatsapp*, - pois este espaço abre portas para que alguns deles possam demonstrar seu sofrimento de uma forma “psicossomática”, ou seja, numa tentativa de metabolizar psiquicamente seu sofrimento em ação (ZORNIG, 2008b). Além de nos dar notícias sobre uma outra dimensão de suas dores, a encenação também “exige uma testemunha que a experimente e informe” (KHAN, 1971, p. 302), o que nos remete à teoria sobre a função mensageira da pulsão trabalhada por Roussillon, exposta detalhadamente no capítulo anterior.

Este ponto é essencial para pensarmos a respeito dos entraves relacionais vividos nos primórdios e atualizados na adolescência, intimando os analistas a se interessarem pelas experiências psíquicas originárias do tempo dos bebês e das crianças pequenas, encenadas pelo corpo em ato. Sendo assim, a nosso ver, Helô encena em suas publicações do *Whatsapp*, aquilo que parece ter escapado à integração, ou seja, o que de si não foi possível de ser refletido por seus objetos primordiais.

No mesmo sentido, a noção de corporeidade na clínica nos ajuda a compreender o uso que estamos fazendo da palavra encenação, apresentando o corpo em sua dupla dimensão: psíquica e relacional, presentificando em si a história recente da relação mãe-bebê (ZORNIG, 2008b; COELHO JR., 2012). Neste sentido, a prática direcionada a uma clínica dos primórdios confronta o analista a escutar as falhas básicas no processo de construção do Eu, valorizando a posição assumida pelo objeto para o desenrolar da construção das fronteiras eu-outro. Isto muda totalmente o paradigma de uma clínica calcada no conteúdo do que é verbalmente transmitido e passa a valorizar dimensões sensíveis e perceptivas da expressividade, contribuindo para a constituição de um solo estésico para o trabalho psicanalítico (ZORNIG, 2008a).

Assim, quando o corpo entra em cena, reformulações no trabalho analítico clássico são necessárias, no qual o analista passa a ser parte ativa e essencial no processo, dando relevo não só a dimensão pulsional, mas a qualidade da presença do objeto (ZORNIG, 2008b; COELHO JR., 2012). Através desta outra oportunidade discursiva, o analista é afetado e experimenta sensações diante do que a ele é transmitido. Desta maneira, a noção de corporeidade transcende a ideia de um corpo estritamente biológico e traduz o que pensamos ser um corpo psicanalítico (FERNANDES, 2006). Sendo assim, é por intermédio da corporeidade que o processo de subjetivação acontece, garantindo sua potencialidade produtora de sentidos por representar uma abertura permanente para o mundo, incluindo, aí, os afetos do analista (COELHO JR., 2012).

O modo com que os adolescentes se fazem apresentar ao olhar dos outros revela o que buscamos destacar com as noções de corporeidade e de encenação, trazendo para o primeiro plano a importância dos modos de presença do objeto nos primórdios e, agora, nesta proposta de uma situação analítica ampliada que acolhe as imagens digitais da adolescência. O encontro com o objeto como referencial para a construção do psiquismo também se faz em análise, evidenciando a dimensão intersubjetiva da vida psíquica e da importância do reconhecimento alteritário do objeto que busca “ouvir com os olhos” certos sinais somáticos apresentados na adolescência que necessitam de tradução e amarração simbólica (ZORNIG, 2008a). Sobre isto, afirma Kahn (1971, p. 299) que “é evidente que todo analista olha para o paciente, mas é questão é: quanto ele usa desta informação perceptiva e de que modo”.

Sobre o modo que os adolescentes se comunicam, Winnicott (1961/2011) postula que o adolescente é essencialmente um ser isolado. Este isolamento assemelha-se ao do bebê, mas, neste momento, é intrínseco à busca por uma identidade própria com o qual se identifique, distinta da remetida ao momento da infância há muito conhecida. Podemos dizer que este tipo de solidão a qual o autor se refere é subjetiva e justificada pelo sentimento de que não sabem no que se tornarão e, por isto, precisam garantir a integridade de seu *self*. Apesar de compreendermos que a adolescência remete a um dos momentos das maiores agitações internas, este aspecto de isolamento do adolescer é o ponto de partida para

os sujeitos possam se lançar em novas relações e experimentarem-se voltando-se ao social.

A preservação desse isolamento pelo ambiente é essencial, permitindo uma experimentação de si sem interrupções invasivas, permitindo com que a adolescência cumpra uma de suas principais funções que é a de ser uma fase de uma descoberta pessoal (WINNICOTT, 1961/2011). O isolamento adolescente, portanto, refere-se a uma estratégia fundamental para a subjetivação. Contudo, o autor descreve o adolescente como um sujeito que vive uma forte tensão entre o desejo de ser encontrado, no sentido de ser reconhecido, acompanhado e validado em sua autenticidade, e o receio de que o ambiente invada precocemente seu espaço psíquico, ao qual precisa veementemente proteger.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo que se preocupa em se separar prematuramente do objeto do qual ainda depende, busca ser encontrado e reconhecido um sujeito próprio, separado deste. O desejo de ser encontrado, por outro lado, o faz experimentar a apreensão de uma possível invasão precoce, antes de que se sinta preparado para assumir o confronto com a alteridade do outro. Assim, como na clínica da primeira infância, o isolamento na adolescência pode representar uma “estratégia de preservação e proteção contra a descoberta prematura da alteridade do objeto e contra a presença excessiva do outro” (ZORNIG, 2019, p. 768, tradução nossa).

Atravessados pelas encenações do corpo de Helô, percebemos esta mesma tensão entre o isolamento necessário à subjetivação e o desejo de ser verdadeiramente encontrada e reconhecida. Captamos em suas encenações no meio tecnológico o contraste entre a necessidade de preservar seu *self* e ao mesmo tempo ser reconhecida como sujeito, especialmente quando desassocia seu olhar de menina, que procura a segurança do objeto, do seu corpo de mulher. Será que quem de fato é conversa com quem aparenta ser?

Em vista disto, a forma como Helô se apresenta no perfil do *Whatsapp*, sugere, em seu caso específico, uma profunda solidão psíquica, marcada por uma radicalidade decorrente da nossa hipótese de que ela vivencia a coexistência de estados dissociados em seu psiquismo. Nesse sentido, Winnicott (1968/2019) relata que, quando o ambiente abdica de sua responsabilidade cedo demais, “o adolescente

se torna adulto por meio de um processo prematuro e falso” (p. 233). Sobre isso, ainda, aconselha: “pelo bem dos adolescentes e de sua maturidade, não permita que eles deem um passo à frente e alcancem uma falsa maturidade, atribuindo-lhes uma responsabilidade que ainda não é deles, mesmo que lutem por ela” (p. 233).

Supomos que suas “apresentações em ação” (ZORNIG, 2019, tradução nossa) indicam marcas de uma solidão radical relacionada a um estado de isolamento narcísico extremo, para além do isolamento subjetivante da adolescência. Estas marcas remontam a tempos de estruturação de suas bases narcísicas e de como viveu o encontro com seus objetos, nos dando pistas de como pode ter vivido estes primeiros vínculos. Por isto, imaginamos que as ressonâncias do tipo de espelhamento que Helô pode ter vivido nos primórdios com seus objetos podem ter complicado, entre outros fatores, sua passagem pelas reviravoltas das situações de sua adolescência, principalmente no âmbito narcísico. Estrangeira de si, encena justamente sua extimidade no ambiente tecnológico, ofertando ao olhar do outro, corajosamente, os aspectos mais íntimos de sua subjetividade, no aguardo de um retorno reflexivo do objeto.

Nesta argumentação, não pensamos que isolamento necessariamente remeta à incomunicabilidade, quando investigamos o campo da adolescência. Os adolescentes estão a todo tempo de expressando, utilizando uma diversidade de registros para tal. A vivência da problemática da separação pode ser experimentada de diversas formas, a depender das bases narcísicas moldadas no eixo eu-outro experimentado no desenvolver de sua constituição psíquica. Esta trama relacional cujas balizas advém dos primórdios é vivenciada de forma sempre singular, podendo se desdobrar durante o percorrer da vida tanto em formas de abertura progressiva como em outras de extrema proteção diante da potencial separação do objeto (CARDOSO; KERNIER, 2024).

Pela via do corpo e do ato, os adolescentes falam, ampliando seus recursos expressivos e fazendo apelo à reflexividade do objeto diante de um momento em que enfrentam paradoxos muitas vezes difíceis demais para sustentarem sozinhos. O artigo de Massud Kahn (1971) nos deu subsídios teóricos sobre as manifestações do corpo e motivou nossa busca a respeito dos possíveis elementos dissociados da

personalidade de Helô, os quais certamente assim se organizaram como uma estratégia de sobrevivência psíquica.

Refletimos se a dimensão de solidão que Helô pode ter vivenciado na relação com seus objetos que pareciam ter dificuldades em reconhecer o sofrimento da filha e aceitar suas próprias dores e angústias, pode ter influenciado a forma com que se apresenta em suas fotografias digitais na adolescência. Na tentativa de se ver confirmada como mulher autônoma de forma precoce, Helô se mostra ao outro como se já tivesse recursos para tal, como já estivesse “pronta” para assumir tal posição subjetiva. Nos indagamos se o caráter de suposta emancipação que aparentava conservar em suas fotografias quando se apresentava pela “Porta da frente” representava, por outro lado, uma maneira forçada de parecer ser mais adulta do que realmente era.

Por este viés, pensamos na possibilidade de haver uma intenção inconsciente de apresentar para o outro toda a sensualidade de um corpo desenvolvido como uma tentativa de ocupar uma posição que imaginasse que seus pais já esperassem dela, mais amadurecida, como se prescindisse de qualquer suporte do ambiente. Na contramão disto, quando vejo seu olhar profundo e mareado por tímidas lágrimas em nossos encontros presenciais, ouço uma menina assustada e perdida diante da chegada da imensidão do mundo adulto. A iniciativa de solicitar iniciar um processo analítico é um dos exemplos mais simples, porém, mais evidentes, da urgência de Helô em encontrar amparo e mais um braço de apoio ambiental na adolescência.

Sendo assim, analisando suas imagens digitais, seu Eu não parece estar escondido nas profundezas de seu psiquismo, como vimos ser a suposição do pensamento moderno sobre as manifestações sintomáticas de sua época. A subjetividade de Helô mostra-se na superfície de sua pele e das telas, como contextualizado por Sibilia (2007), bastando nos dispormos a escutá-la. Ao reparar nesta outra expressão sutil de seu corpo advinda do campo dos afetos, esmaecidos e irreconhecíveis em suas postagens de perfil, faz-se possível escutá-la com os olhos, ampliando a escuta clínica para abarcar mais gradações de sua gama expressiva, advinda do corpo.

A proposta deste novo paradigma metapsicológico intersubjetivo que alcança tanto pulsionalidade como a questão do sexual inconsciente do objeto para

que um percurso subjetivo rumo à simbolização certamente gera implicações relevantes para a prática clínica, ultrapassando formulação freudiana mais interessada nas articulações intrapsíquicas (COELHO JR., 2008, 2012; REIS, 2012). No âmbito das comunicações não-verbais na adolescência, notamos como o plano relacional é protagonista na dinâmica transferencial, tendo em vista que o próprio analista como alteridade se torna parte do processo.

As noções de intersubjetividade e a corporeidade, portanto, convidam um posicionamento alteritário e afetivo do objeto diante de uma pulsionalidade endereçada pelo sujeito em ato, como notamos nas encenações do corpo nas imagens digitais adolescentes. Vale dizer que reconhecer a alteridade do objeto e a irremediável afetação do analista diante da cena transferencial é uma postura que vai na contramão de uma conduta fria e muda, colocação magistralmente defendida por Ferenczi (1931/2011), principalmente quando circundamos o campo de materiais subjetivos atuados. Nossas ações diante do que nos parece endereçado remete a hipótese de que os adolescentes buscam por respostas simbolizantes do objeto.

Neste jogo interativo, cabe ao próprio clínico encontrar um meio de intervir diante de expressões agidas, no intuito de ajudá-las a recuperar seu valor de signo, “tomando sua própria subjetividade como apoio, apoiando-se no que esse comportamento “produz” nele, sobre ele” (ROUSSILLON, 2019, p. 121). Sobre esta proposição, respeitando as necessidades de cada um, o analista passa assumir uma função simbolizante, operando como um recurso facilitador para que o sujeito “se veja”, reconhecendo seus próprios estados psíquicos, abrindo caminhos para a simbolização (ROUSSILLON, 2015).

3.2

Da encenação à elaboração: o manejo do analista de adolescentes e implicações clínicas

Dolto (1987/2018) foi certa ao afirmar, em uma de suas reflexões sobre as várias instituições de assistência social pública à infância as quais frequentou, que “a forma de olhar é linguagem” (p. 114). Esta frase é simples, porém valiosa, principalmente quando estamos nos aproximando ao final deste trabalho, traçando

paralelos entre os primórdios da vida psíquica, o processo de unificação narcísica e seus ecos no corpo adolescente transposto em imagens digitais.

Lembramos que a capacidade reflexiva do objeto implica na qualidade de investimento que dispõe de si em retorno ao sujeito, mantendo sua alteridade, mas, momentaneamente, se oferecendo como semelhante. A partir disto, na última parte deste trabalho, investigaremos alguns desdobramentos do que Winnicott (1967b/2019) propôs como parte do papel do analista que passa a ser integrante de um jogo subjetivante de reflexos. O autor sugere que, para ajudarmos nossos analisandos numa aproximação com seus “si mesmos” mais verdadeiros, não devemos operar nos preocupando com grandes interpretações, intelectualizadas e perspicazes. Para ele, grande parte do nosso trabalho consiste em devolver constantemente o que eles mesmos trazem, no intuito de alavancar a continuidade do sentimento de existência e do sentir-se real.

Contudo, esta operação reflexiva do analista não é simples, por mais que possa parecer por quem faz uma leitura superficial sobre o tema. Segundo Winnicott (1967b/2019), trata-se de uma “complexa derivação do rosto que reflete o que está lá para ser visto”, trabalho que “não é fácil e é emocionalmente exaustivo” (p. 187). Um leigo talvez perguntasse o porquê dessa afirmação, talvez imaginando que a função do analista seja “apenas” devolver, no formato de perguntas, certas afirmações verbais dos analisandos, em direção ao desenvolvimento da associação livre.

Esta conduta demonstra-se insuficiente quando são apresentadas, no *setting*, elementos que ultrapassam o verbo, como vimos com as ilustrações digitais de Helô. Isto se justifica porque a linguagem falada, muitas vezes, “desvirtua a verdade da mensagem, intencionalmente ou não” (DOLTO, 1987/2018, p. XVI). Encarando palavras que podem ser escorregadias, é necessário que o clínico avance na tentativa de escutar do que o corpo encena, principalmente na adolescência. Esta postura demanda uma outra forma de escuta, mais afinada, que possa ouvir as “narrativas do inenarrável” (ROUSSILLON, 2019, p. 158), onde o corpo é utilizado como seu vetor e suporte.

A proposta de uma ampliação da escuta do corpo na clínica psicanalítica da adolescência, abraçando as publicações que estes sujeitos fazem de si do meio

digital nos chama a percorrer um caminho que parte da encenação em direção à elaboração. Isto se dá pois, quando os adolescentes encenam, é possível que o valor de signo do comportamento tenha se perdido no caminho, demandando da análise atuar “como um espaço semaforizante, como um lugar produtor de signos, de signos enigmáticos em seu sentido, mas potencialmente significantes” (ROUSSILLON, 2019, p. 120).

Em direção à elaboração, Houssier (2023) nos esclarece que o analista de adolescentes precisa posicionar-se o mais próximo possível de suas feridas narcísicas, porém, ajustando sua distância a partir dos limites de cada um. Através de um acompanhamento discreto, mas presente e implicado, desloca-se a “prioridade do trabalho sobre as representações verbais diretas para um estilo vivo que dê ênfase ao afeto como via de representação” (p. 10), Permitindo com que efeitos de ligação aconteçam, prossegue o autor defendendo que devemos firmar uma posição transferencial intersubjetiva, na medida em que, sem grandes interpretações e a partir de um contato autêntico, trabalhemos mais as dificuldades atuais do adolescente do que seus conflitos do passado, favorecendo a construção de uma relação de confiança.

Com o mesmo foco, Ogden (2025) propõe que, ao contrário de uma conduta neutra e apática, devemos inventar a psicanálise com cada paciente, o que exige do analista o desenvolvimento de um estilo próprio diante das demandas únicas de cada encontro. Nos lembra sobre a importância desta disciplina lidar com estados relacionados ao sentir-se vivo, real e presente na vida. A seu ver, nos atentarmos a estes estados é mais importante do que empenharmo-nos em descobrir se determinado material é consciente ou não.

Particularmente na travessia da adolescência, é nossa convicção que esta proposição faz ainda mais sentido, pois, como vimos, estes sujeitos estão batalhando para afirmarem identidades próprias, mais autônomas do que outrora, sem se desconectarem de si mesmos. Isto nos levou a pensar sobre como se estruturaria um trabalho da análise com Helô, adolescente que nos dá pistas com suas fotografias digitais sobre parecer não ter sido propriamente refletida por seus objetos nos primórdios, desorganizando, com mais força ainda, sua entrada na adolescência.

Silveira (2019) nos ajuda neste investigação, ao estudar os dispositivos de trabalho na clínica dos sofrimentos narcísicos. Em sua tese, dá relevo ao recurso da reflexividade na prática analítica, aproximando as proposições de Winnicott com as de Roussillon. O último autor (2011c) sugere que, aos que enfrentam obstáculos em verem a si mesmos, o analista deve ocupar uma função de “espelho do negativo”. Esta posição sensível do analista se faz necessária nas específicas formas de transferência narcísicas, apontando para um paradoxo no manejo clínico: o analista deve buscar espelhar o que sente estar ausente no outro. Em vista disso, investir-se na função de espelho em negativo significa poder escutar uma demanda do corpo que se refere ao que não foi propriamente sentido, visto ou ouvido de si (ROUSSILLON, 2011c).

Ao contrário da transferência por deslocamento, esta forma de transferência paradoxal inspira o analista a estar mais atento às expressões não-verbais na clínica, devolvendo ao sujeito algo sobre seu estado subjetivos que ele mesmo desconhece (ROUSSILLON, 2011c). Ressalta o autor que “o analisando, dissociado de qualquer possibilidade de integrar uma experiência passada particular, coloca o analista no seio desta experiência” (ROUSSILLON, 2011c, tradução nossa). Assim, quando a problemática narcísica é relevante, como identificamos acontecer na adolescência, os sujeitos tendem a demandar do analista que sinta o que eles ainda não conseguem perceber como parte de si mesmos. Logo, a incapacidade de se ver é mostrada, em ato, via pulsão mensageira no contexto transferencial (SILVEIRA, 2019).

Sendo assim, quando a função reflexiva do objeto não se desenrolou adequadamente, é imprescindível avançar na direção de um tratamento que permita ajudar o sujeito a integrar uma parte importante dele mesmo constituída antes da linguagem verbal, que se reapresenta na relação transferencial (ARAGÃO; ZORNIG, 2010). A aceitação do analista em ocupar uma função especular negativa permite com que seja possível entrar em contato, pela primeira vez, com elementos dissociados. A partir disso, podem receber em retorno do próprio analista, o reflexo de uma dor que até então não possível ser efetivamente sentida (SILVEIRA, 2019).

Inventando a psicanálise com cada paciente, podemos afirmar que Ogden (2025) advoga por uma posição analítica mais horizontal no manejo da

transferência, sobretudo quando tratamos de sujeitos que possivelmente vivenciaram formas de investimento precárias com seus objetos primordiais, situados no contexto das experiências “falta-a-ser”. O autor vislumbra que nestes casos, é trazido para dentro do *setting* o que não foi possível de ser experimentado do *self* no contexto do vínculo primordial, o que é comum notarmos quando atendemos adolescentes que frequentemente estão buscando respostas para a grande pergunta “Quem sou eu?”.

Sendo assim, inspirado pelo último grande artigo winnicottiano intitulado “Medo do Colapso” (1974/1994), Ogden (2023) afirma que, mesmo no fim de sua produção acadêmica, aquele introduziu uma nova linha de pensamento clínico que vislumbrou as “experiências potenciais perdidas” (p. 86), não realizadas, do sujeitos. Suas contribuições nos parecem se articular com tais experiências não experimentadas, em estado negativo. Sobre as ausências em nós, Ogden (2023) faz questão de frisar que, mesmo em diferentes medidas, todos nós temos áreas de experiências as quais não fomos capazes de experimentar. Isto, por si só, não se configura um problema. Sempre algo há de escapar. Contudo, nos lembra que Winnicott (1974/1994) voltou suas investigações para formas específicas de dor, dores inimagináveis, vividas por certos sujeitos no contexto da dependência absoluta. O texto winnicottiano, traz, portanto, o cenário das experiências perdidas que causam dor extrema aos sujeitos e estuda suas reverberações no devir do momento presente da análise.

Na intenção de compreender quais as implicações clínicas do fenômeno nomeado por Winnicott (1974/1994) como “colapso psíquico”, Ogden (2023) percebe que “os estados afetivos toleráveis no contexto do vínculo mãe-bebê são agonias primitivas quando o bebê precisa experimentá-los por conta própria” (p. 79). O tema em questão é uma situação de radical solidão psíquica consequência de uma desconexão importante entre o sujeito e o objeto. Sobre isto, explica Ogden (2023), que o colapso psíquico se refere a uma experiência que aconteceu nos primórdios da constituição, mas que, em contraponto, nunca foi experimentada/vivenciada pelo sujeito, transmitindo “algo da confusão inerente a um estado mental em que o passado ainda não tem presente e o presente ainda não tem passado” (p. 77).

Flutuante no tempo, mas sem conexão histórica, Ogden (2023) chama a consequência deste tipo peculiar de desencontro afetivo de “vida não vivida”, o que se distancia do que conhecemos como conteúdo recalado. A ideia da trazer à vida o que não foi vivido, a nosso ver, se associa com a proposição de Roussillon sobre o analista se dispondo a ocupar uma função de espelho em negativo de si na adolescência, quando supomos haver questões relacionadas à capacidade reflexiva do objeto nos primórdios. A diferença para a situação presente e os tempos de outrora é que na situação analítica, há uma expectativa de que o sujeito não se sinta novamente sozinho. Diante disto, nos perguntamos: será que poderíamos considerar como parte da vida não vivida de certos adolescentes elementos que são endereçados ao objeto pelo corpo em ato? Será que estes não foram devidamente refletidos e buscam novamente um retorno do objeto?

Intencionados em colaborar com o encontro de nossos analisandos adolescentes com seus núcleos mais verdadeiros, pensamos que o caminho da encenação rumo à elaboração precisa, na transferência, passar novamente por um outro, um antigo-novo outro. “*Recriando juntos*”, espera-se que as experiências que não foram efetivamente experimentadas pelos adolescentes com seus objetos na mais tenra infância possam ser inseridas e reconhecidas em um jogo de interação no seio de encontro clínico (OGDEN, 2025), contribuindo para a consolidação de suas novas identidades.

Como soldados feridos (MARTY, 2010), estudamos como os desencontros narcísicos ficam mais expostos com a ruptura incitada pela puberdade na adolescência e pela violência interna que ela suscita, em adição ao necessário distanciamento dos objetos primordiais. Neste caminho, o termo francês “*compagnonage*” (MARTY, 2020), sugere que o analista de adolescentes deva ser capaz de oferecer um acompanhamento, um apoio narcísico, ao mesmo tempo em que deve ser manter atento à manutenção de um ética na sua prática psicanalítica. Utilizamos este termo pensando na necessária identificação do analista à situação de vulnerabilidade do adolescente para que um novo vínculo possa se instaurar. Isto feito, este poderá ajudá-lo a se tornar, posteriormente, o próprio intérprete de si.

A ideia de testemunha, proposta por Figueiredo (2007) em complemento à noção de espelhamento, também nos ajuda a pensar no manejo da transferência na

adolescência e no papel do analista em relação ao que lhe foi endereçado pela via corporal. Sugere o autor que o ato de testemunhar relaciona-se com uma capacidade autêntica de reconhecimento do sujeito pelo objeto em relação ao que este tem de mais singular e único. Para testemunhar, portanto, trata de uma modalidade de cuidado pela qual o clínico de fato precisar prestar atenção ao adolescente que acompanha e busca verdadeiramente ouvi-lo. Como enunciamos, o aspecto alteritário do objeto para a constituição das fronteiras eu-outro é fundamental para que os estados não-unificados do sujeito sejam refletidos de forma límpida. Nesse sentido, Figueiredo (2007) afirma que “o espelhamento que não inclua o autêntico testemunho não poderá efetivar a tarefa de reconhecimento, criando imagens falseadas e alienantes do self” (p. 18).

Frente ao necessário testemunho do analista na dinâmica transferencial, vemos como a intersubjetividade é também lançada na situação clínica, associando-se à função de reconhecimento por parte do objeto do que lhe é endereçado, acusando que sofreu um golpe. Isto porque a testemunha não é muda e faz parte de uma função terceira, a qual deve atestar o que se produz no encontro, funcionando como um duplo para o sujeito (ROUSSILLON, 2019). Infelizmente, ressalta Figueiredo (2007), que esta modalidade de cuidados, por ser “discreta e anódina” é pouco valorizada, a não ser quando falta ou falha.

Sendo assim, salienta o autor que devemos buscar um equilíbrio dinâmico entre um atuar como presença implicada, acolhendo, reconhecendo e interpelando os analisandos, mas também como presença reservada, mantendo-nos disponíveis sem intromissões excessivas. Assim, a proposição winnicottiana sobre adolescente ser um ser isolado ganha relevância quando investigamos as peculiaridade do manejo clínico com estes sujeitos, abalados pelo narcisismo. Este estado intrínseco (e saudável) de isolamento na adolescência deve ser respeitado pelo analista, que precisa saber suportar sua própria exclusão quando for preciso, acompanhando “uma crise que não está lá para ser curada, mas para ser desenrolada e vivenciada” (ZORNIG, 2014, p. 52).

Circular pelos dois modos de presença elucidados por Figueiredo (2007) na clínica da adolescência é fundamental, principalmente quando propomos uma ampliação da escuta que inclui elementos não-verbais de expressividade, como o

que Helô encena em suas fotografias do *Whatsapp*. Devemos respeitar o isolamento inerente à situação da adolescência, principalmente nos casos mais frágeis, mas sem deixar de reconhecer e autorizar a experimentação de dores encenadas que não puderam antes ser experimentadas. Assim, pensamos que os adolescentes podem fazer uso das ferramentas tecnológicas para convocarem uma posição do objeto diante das vicissitudes de suas existências, da ordem da dor, encenadas no corpo.

Bem acompanhados, Roussillon (2019) defende uma posição clínica que busca escutar todos os sinais de nossos analisandos, sendo estes verbais ou não-verbais, demandando do analista uma escuta polifônica que abarque os mais diversos registros expressivos. Percebe como estes sujeitos tentam nos comunicar justamente o que precisam de nós, guiando a nossa intervenção, mesmo que não os façam de forma deliberada e manifesta. Na nossa percepção, isto fica mais evidente ainda, quando atendemos adolescentes. Dando ouvidos ao que é encenado, o analista sensível e implicado, principalmente na adolescência, pode efetivamente auxiliar estes sujeitos a dar sentido ao que parece ter sido impossível de ser subjetivado, possibilitando a inscrição do que não foi experimentado em uma história contextualizada (ROUSSILLON 2019).

Os elementos não integrados, mal refletidos e não vividos são notados contratransferencialmente na situação analítica quando o analisa aceita ser pressionado pela potência da comunicação agida, acolhendo-a e oferecendo sua matéria psíquica à força das pulsões (MINERBO, 2016). Esta dinâmica transferencial intersubjetiva, para Minerbo (2016), requer do analista uma grande disponibilidade e abertura, permitindo que seu corpo e afetos sintam os diversos gradientes de comunicação endereçados a si. Nestes termos, a contratransferência é percebida pelo analista, “muito mais pela barriga do que com as orelhas” (p. 38), dando luz ao registro da corporeidade e das percepções mais sutis. Na clínica, devemos escutar com o corpo inteiro.

Sendo assim, o caminho percorrido da encenação para uma construção de sentido, principalmente na adolescência, demanda do analista uma escuta ampliada que possa acessar os vários registros de expressividade infiltrados na situação atual, mas também, solicitam deste uma implicação mais ativa – porém sempre cuidadosa - neste processo. O analista neutro, passivo e distante, a nosso ver, não consegue

assumir a posição fundamental de outro-sujeito, essencial para que o processo de reflexividade na adolescência se desenrole de forma mais bem sucedida do que em outros tempos.

Na seara das experiências não sentidas e vividas na solidão, julgamos que a simbolização passa pelo sentido que precisa ser construído junto a um objeto (MINERBO, 2016). Assim, “dar sentido” implica estabelecer ligações, dar forma, sequência e inteligibilidade aos acontecimentos (FIGUEIREDO, 2007). Em vista disto, a busca por sentido é necessária quando as experiências subjetivas não puderam ter sido, primeiramente, exercidas e facilitadas pelos objetos primordiais no seio da dependência.

Nesta seara, a proposta de construção como dispositivo clínico, elucidada por Freud (1937/1996), nos parece mais efetiva do que a técnica da interpretação quando uma problemática do Eu é marcada, situação fortemente vivenciada na adolescência, em maior ou menor grau. Isto não significa que a interpretação precise ser deixada de lado em nossa conduta clínica, entretanto, a ideia de construção nos parece mais plausível quando defesas extremas estão em jogo, relacionadas a um retraimento subjetivo “em que o sujeito não se sente mais, ou quase; não se vê mais, ou quase; não se escuta mais, ou quase” (ROUSSILLON, 2019, p. 152).

Gostaríamos de marcar que o processo de construção de sentido na adolescência que estamos propondo, da encenação à elaboração, é conjunto e deve ser tecido entre analista e analisando, impulsionado pela situação transferencial. Trata-se de uma clínica da mútua afetação, da co-construção, pela qual o analista atua de forma participativa e afetiva na clínica (ARAGÃO; ZORNIG, 2010; COELHO JR., 2012; ZORNIG, 2008a). Construir um sentido em conjunto de experiências não-vividas, mas não menos doloridas, traz novamente à tona o fator infantil, traduzindo a possibilidade de, em nova parceria, dar seguimento a um percurso pulsional que pode ter ficado atravancado no meio do caminho. A situação transferencial presente, nestes casos, movimenta novamente e com potência este percurso, considerando que “já que aquilo com que está tratando não é algo destruído, mas algo que ainda está vivo” (FREUD, 1937/1996, p. 273).

O artifício da construção se relaciona com um processo conjunto pelo qual alguns fragmentos inacessíveis da história do sujeito encontram suporte na

dinâmica transferencial para que o trabalho de sentido se organize em uma narrativa própria. Ocupar a posição de “o espelho em negativo” dos aspectos não vividos no manejo da transferência na adolescência não é nada fácil, já que “é difícil descrever algo que não se mostra de maneira nenhuma, ou que se mostra pelo negativo” (MINERBO, 2016, p. 77). Nesse sentido, acreditamos que postagens que os adolescentes fazem no meio tecnológico de seus corpos em transformação podem nos dar indícios deste “algo” que está, e, ao mesmo tempo, não está lá. Este “algo” situa-se em estado potencial, mas, paradoxalmente, não foi vivido, esperando do objeto um posicionamento para desenrolar-se.

Todas essas ideias nos auxiliaram a pensar no meu manejo clínico quando problematizávamos o que Helô poderia estar subjetivamente comunicando pelo modo como se apresentava nas imagens do *Whatsapp*. A reflexão sobre como eu era afetivamente afetada transferencialmente por sua encenação direcionou minhas intervenções clínicas, considerando tanto o contexto dos nossos encontros presenciais, como no *setting* ampliado que incluía nossas trocas no *Whatsapp*, ambiente pelo qual postava suas imagens digitais.

Em ato e pelo corpo, a encenação de Helô nos deu sinais de uma ameaça radical no âmbito do seu narcisismo, indicando uma dificuldade de integração subjetiva de situar seu novo corpo como seu próprio, já que suas fotos tornavam visível o desafio em concebê-lo em sua totalidade. Mesmo que se vestisse e se fotografasse como uma mulher destemida, segura e independente, transferencialmente via e ouvia uma menina assustada e frágil, que vivia uma solidão subjetiva profunda. Esta menina demandava desesperadamente investimento e contorno do ambiente que a cercava, por mais que não parecesse precisar. Quem sabe suas fotografias ilustrassem como esta menina-mulher se sentia estrangeira de si mesma, confusa com suas ambiguidades?

Espectadora das imagens que posta de si, inevitavelmente sou afetada por sua encenação, tanto no plano corporal como no afetivo. Minha contratransferência serviu de substrato para que eu pudesse ir me aproximando do que parecia dar pistas sobre o vínculo que Helô podia ter vivido no passado com seus objetos, atuado na adolescência. Me sentia diretamente convocada a “fazer algo” com o que a encenação fez ganhar vida e movimento na situação presente. O que pude escutar

com os olhos, portanto, me impulsionou a agir no sentido de um novo movimento reflexivo. Me sentia diante de uma necessidade de “agir em retorno” diante do que ouvia e sentia, com a delicadeza que a situação exigia.

Helô sempre se sentou o mais longe possível de mim nas sessões. Sentia um incômodo físico ao vê-la em uma posição tão vulnerável diante dos entraves que vivia, sem o apoio que clamava do ambiente. Tentando escutar meus próprios afetos, senti fortemente que o “fazer algo” que Helô demandava da análise não estava na seara de uma intervenção interpretativa. Não se tratava de interpretar sua encenação, nem diretamente comunicá-la sobre eu ter reparado em suas fotos de perfil do *Whatsapp*.

Supunha que, se assim fizesse, poucos efeitos trariam ao nosso trabalho, muito pelo contrário, creio que a afastariam da construção do vínculo ainda em consolidação. Se assim fizesse, sem intenção, poderia estar invadindo seu campo expressivo encenado, na contramão do tipo de escuta que supunha precisar. Não era necessário falar diretamente sobre suas fotos, pois sua subjetividade dizia isto como um todo. Suas ilustrações foram um complemento que apoiaram minha maneira de olhar para a sua subjetividade, compondo magistralmente sua gama expressiva. As imagens digitais que publicava incrementaram minhas hipóteses sobre seu sofrimento narcísico, chegando ao seu ápice com a entrada da adolescência e a chegada de sua puberdade precoce. Ao destacar um corpo feminino e desejável, afastando seu rosto pueril e seu olhar entristecido dos espectadores de suas postagens, pensamos que Helô figurava “em negativo” tamanha dificuldade que vivenciava em integrar seu novo corpo sexual com a inevitável impossibilidade de sustentar a autonomia esperada de mulher adulta. Levando em consideração seu contexto familiar conflituoso e sua tenra idade, pensamos que Helô ainda era dependente dos cuidados e atenção de seus pais.

Quando a vi literalmente fragmentada em suas fotografias, apostei na potência dos afetos, que precisavam passar por mim em reflexo do que imaginava não ter sido experimentado e vivido em algum lugar da história de Helô. Como um espelho do negativo desta adolescente, busquei investir em uma construção conjunta do que precisava retornar para si a respeito de si própria e de seus estados emocionais. Nesta parceria intersubjetiva, busquei ocupar a posição viva e singular

de um outro-sujeito, autenticando e reconhecendo o que Helô endereçava por suas fotografias, que ainda carecia de sentido por falta de reconhecimento.

Ocupando uma posição viva e sensível, precisei testemunhar e informar para Helô, na construção de nosso vínculo, que eu a via, mesmo que se escondesse. Isto, novamente, nunca precisou ser verbalizado. Ela precisava saber que havia uma outra subjetividade que poderia se oferecer como um semelhante, reconhecendo, não somente seu sofrimento, mas a complexidade dos afetos ligados à experiência do seu adolescer, por vezes negligenciados. Vendo suas imagens digitais para além de simplórias publicações, procurei efetivamente escutá-las com meus olhos. Minha intenção era que esta adolescente pudesse, utilizando do meu narcisismo de apoio, historicizar, pouco a pouco, a vida não-vivida de sua história.

Considerações finais

“Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo”
(LISPECTOR, 1984, p. 9)

A finalidade do presente trabalho foi refletir acerca da dimensão de comunicação das imagens digitais produzidas pelos adolescentes no contexto tecnológico e as implicações clínicas diante deste novo formato de expressividade do corpo na adolescência. Representando uma das mais recorrentes formas de manifestação subjetiva da atualidade, vimos como as principais redes sociais utilizadas pelos adolescentes oferecem ferramentas que possibilitam a instrumentalização de outras maneiras de expressão para além da linguagem verbal ou escrita, incentivando o uso de fotos, vídeos, emojis e figurinhas.

Apesar desta temática ser de extrema relevância, não pretendíamos nesta pesquisa estudar as consequências psíquicas envolvidas quando certos adolescentes manifestam uma relação de dependência patológica com o ambiente digital. Buscamos evidenciar, com um olhar mais promissor, as potencialidades que este meio oferece para a subjetivação na adolescência, proposta esta que de forma alguma nos distancia dos casos mais graves. Ampliar nossa escuta para esta peculiar forma de expressividade, pode, inclusive, nos auxiliar não só na compreensão, mas principalmente na condução clínica quando nos deparamos com os sofrimentos mais profundos na adolescência, cuja palavra, por si só, não é capaz de acessar.

Para percorrer a discussão proposta, iniciamos nosso percurso teórico buscando compreender qual é o contexto da adolescência hoje, seus desafios diante de alguns traços da cultura contemporânea e como o ambiente digital se apresenta como operador importante neste momento singular da vida. Partindo do pressuposto que indivíduo e cultura estão intrinsecamente associados e não podem ser pensados separadamente, pensamos ser interessante trazer, antes da teoria psicanalítica propriamente dita, este cenário de fundo, considerando que as subjetividades

precisam ser pensadas sempre em associação com o contexto de seu tempo (BIRMAN, 2019).

A partir das contribuições de autores dos campos da sociologia e da comunicação, apresentamos o modelo de subjetivação inerente à cultura contemporânea, estabelecendo alguns contrapontos com referenciais da Era Moderna, especialmente no que se refere às noções de intimidade e privacidade. Nossa principal ideia era trazer à luz como a busca pela verdade de si encontrava caminhos mais introspectivos na modernidade, ao ponto que, na contemporaneidade, principalmente por conta do advento das novas tecnologias, percebemos como este mesmo movimento se efetiva muito mais em práticas de visibilidade (SIBILIA, 2007; BRUNO, 2013). Assim, apresentamos como a maneira particular de se mostrar ao outro por meio de *selfies* e imagens postadas na *web* demonstra que o apelo à imagem é central na atualidade, evidenciando-se ainda mais na adolescência, o que nos instigou a estudar o potencial subjetivante destas práticas no ambiente digital.

Após, apresentamos o que a psicanálise entende por adolescência e as exigências de trabalho associadas a este momento, como as mudanças de ordem corporal, social, identitária e sexual. Vimos como o adolecer é marcado por paradoxos e mobiliza tanto os eixos edípico quanto narcísico, provocando desorientações das mais diversas ordens. Colocando seus novos corpos em evidência, notamos como as modificações fisiológicas da puberdade e a necessária busca por novas escolhas objetais tocam diretamente na questão identitária e narcísica, titubeando as fronteiras eu-outro.

Assemelhando a uma situação real de crise e abraçando toda a intensidade que faz jus, também procuramos descrever como certas características da organização da família e da cultura contemporânea potencializam mais ainda o desamparo e a vulnerabilidade na adolescência. Tendo tudo isto em vista, analisamos algumas características do meio digital, na intenção de encontrarmos substratos que nos auxiliassem a pensar sobre os motivos que poderiam levar este grupo em particular a aderir tão radicalmente formas expressivas que escapam ao verbo, produzindo imagens digitais de si na *internet*.

No segundo capítulo, nos voltamos para o universo das expressões não-verbais na clínica da adolescência, buscando elementos teóricos que embasassem nossa proposta de considerar as imagens que estes sujeitos postam de si nas *web* como um movimento ativo de seus corpos em transformação. Como um novo formato de *acting* no contemporâneo, percebemos como a publicação de diversas imagens digitais de si na adolescência se assemelha a um gesto particular de transição e de abertura, dotado de potência subjetivante. Tendo isto em vista, começamos a justificar a nossa proposta de situar estas postagens como linguagens de seus corpos em ato, transpostas para o meio digital.

Nossa reflexão sobre a expressividade não verbal na adolescência destacou um dado importante que se articula à produção de imagens digitais enquanto forma contemporânea de comunicação. O compartilhamento dessas imagens nas redes sociais pressupõe a presença de espectadores, pois, ao serem publicadas, elas se dirigem ao olhar do outro. Buscamos destacar como este outro é figura fundamental para que a integração dos diversos aspectos mobilizados pelo adolecer possa se desenrolar.

Por conta disto, notamos como o âmbito narcísico se revela com potência quando estudamos as linguagens do ato e do corpo, primeiras formas de expressividade reativadas com os desarranjos da adolescência, já que a busca por um novo si mesmo convoca novamente uma posição do outro. Diante disto, valorizamos o aspecto de mensagem endereçada destas linguagens dos primórdios e verificamos como ele novamente ganha luz quando estudamos a expressividade adolescente, principalmente quando o corpo está em primeiro plano.

Suscitando o objeto em uma nova demanda narcísica subjetivante, agora no espaço digital, percebemos como uma ampliação da escuta do corpo na adolescência na prática clínica se faz necessária. Encontramos esteio na teoria winnicottiana sobre o papel de espelho materno e de outros autores que se inspiraram em sua obra para pensarmos sobre os aspectos qualitativos do formato de presença do objeto para a consolidação tanto do Eu nos primórdios quanto do novo-Eu adolescente. Com suas imagens direcionadas ao grande espelho *online*, percebemos como os adolescentes buscam um novo chamado de investimento do objeto para refletir seus estados subjetivos fragilizados e ajudá-los a compor seus

novos contornos corporais, agora voltados ao outro social. A noção de intersubjetividade nos ajudou a compor nossa argumentação, pois, com ela, percebemos como a alteridade do objeto é relevante para que os adolescentes encontrem as significações que procuram neste jogo reflexivo digital.

Por fim, no último capítulo, estudamos propostas de manejo clínico quando elementos não-verbais da associatividade na adolescência estão em cena, como suas imagens digitais, linguagens do corpo em ato. Lembramos o leitor que o escopo deste trabalho se referiu apenas às ilustrações publicizadas pelos adolescentes no contexto digital que fizessem incluir o analista como um de seus espectadores, fazendo-o alvo deste endereçamento do corpo em ato. Assim, buscamos problematizar a posição que ocupa o analista de adolescentes que volta a sua escuta para além da palavra, acolhendo outras formas de comunicação.

A vinheta clínica que trouxemos nos levou a refletir sobre o que as imagens digitais de uma adolescente poderiam dizer sobre sua própria subjetividade. Esta parte da pesquisa nos foi particularmente cara, pois foi preciso refletir sobre o impacto destas imagens na própria experiência subjetiva do analista, instigando uma reflexão sobre possíveis condutas diante do que era experimentado corporalmente na dinâmica da transferência.

Diante disto, a subjetividade do analista passa a compor a cena transferencial de forma mais ativa, já que, quando o corpo está em cena, é preciso mergulhar no universo das suas próprias sensações. Influenciadas por estas ilustrações digitais, percebemos como investigar como seu impacto na própria subjetividade do analista poderia guiar algumas intervenções e apostas clínicas diante das manifestações expressivas adolescentes no contexto tecnológico. A partir dessa experiência, compreendemos como problematizar a contratransferência é parte fundamental do trabalho, reconhecendo-a como elemento essencial da escuta clínica.

Encontramos suporte teórico para justificar que o que o corpo encena aponta para aspectos subjetivos os quais não foram bem refletidos pelos objetos primordiais, encontrando na cena analítica uma outra oportunidade para buscarem caminhos reflexivos inéditos. Se a dinâmica transferencial permite construções e invenções, Ogden (2025) indaga se esse processo não configuraria, em alguma medida, um esforço para a criação de experiências emocionais corretivas. Para ele,

o termo “corretivo” só pode ser empregado no sentido de que o sucesso de uma análise implica a invenção de novas formas de vínculo que não ocorreram nos primórdios. Somente neste sentido poderíamos utilizar este termo, considerando que a situação analítica convoca uma busca por experiências afetivas reparadoras, abrindo espaço para que vivências até então não experimentadas possam ser vividas pela primeira vez. Contudo, é necessário que preservemos uma postura não acusatória em relação a qualquer das partes envolvidas. Este posicionamento é geral, mas entendemos que é requerido um cuidado ainda maior diante situações mais graves de desamparo e vulnerabilidade na adolescência.

Sendo assim, sobre a posição do analista de adolescentes, um adendo se faz essencial. A nosso ver, evitar atitudes normativas ou moralizantes em relação às figuras parentais, principalmente na adolescência, é fundamental para que um trabalho de apropriação subjetiva realmente se efetive. Marty (2020) nos lembra que separar-se na adolescência significa abandonar uma posição passiva e persecutória a qual nomeia “paranoia ordinária adolescente”, que consiste em atribuir ao outro a responsabilidade pelo que lhe acontece. Para o autor, tornar-se adulto é uma operação que exige renunciar esta passividade e entrar em contato com seus próprios desejos e ideais, procurando sustentá-los. Este processo de separação não é nada fácil pois, para tal, os adolescentes são convocados a lidar com a culpa de, por vezes, caminharem na contramão da satisfação dos desejos parentais.

Na seara das problemáticas que envolvem vínculos frágeis com os objetos primordiais, para além do esforço em se constituir um sujeito diferenciado do desejo parental, vimos como a contratransferência impele o analista a sentir, visceralmente, estados afetivos não experimentados pelos seus analisandos adolescentes. É importante ressaltar que experienciar afetos que possivelmente jamais foram experimentados é extremamente complexo, pois confunde-se o que advém da história do outro e o que está referenciado à nossa própria história pessoal. No intuito de sintonizarmos nosso campo afetivo com o de nossos analisandos adolescentes, percebemos como é inevitável que entremos em contato com nossos próprios núcleos infantis e com a alteridade que deles advém. Nestes casos, um investimento rigoroso em supervisão e análise pessoal torna-se ainda mais indispensável.

Ferenczi (1931/2011), ao questionar a técnica clássica na condução de casos difíceis, indagava: a causa do fracasso será sempre resistência do paciente? Assim, quando o analista se disponibiliza a oferecer-se integralmente ao campo sensível na clínica, de corpo e alma, procura atuar em contraste com a forma pelo qual o vínculo pode ter se dado nos primórdios, o que se traduz em uma forma menos ortodoxa de manejar a transferência. Apostando em uma atenuação do rigor técnico habitual, a nossa proposta de uma ampliação da escuta do corpo na adolescência para incluir o que estes sujeitos encenam de si através de suas imagens digitais faz questionar nossa qualidade de escuta para abarcar outros registros associativos para além do verbo. Implicando nossa própria subjetividade no manejo transferencial, reconhecendo e testemunhando o impacto que nos causam os endereçamentos na adolescência dialoga com uma forma de fazer clínica mais espontânea e horizontal, protagonizando a qualidade de presença na escuta psicanalítica.

Valorizar que analisando e analista são mutuamente afetados um pelo outro ilumina uma proposta de modelo clínico que enfatiza mais o *compartilhar* em psicanálise do que o *conhecer* (REIS, 2012). Quando atendendo adolescentes, esse *compartilhar* mostra-se ainda mais potente, uma vez que o vivido em solidão subjetiva nos primórdios pode emergir com toda a sua força especialmente neste momento de vida, eclodindo sentimentos como vazio e desconexão, dificultando suas buscas identitárias. Sendo assim, considerar a contratransferência para além de uma simples reação à transferência implica sustentar a subjetividade do analista como a de um outro-sujeito.

Neste caminho, não é possível argumentar em favor de condutas clínicas neutras ou apáticas, já que somos todos estruturalmente atravessados pelo próprio inconsciente. O *compartilhar* na clínica da adolescência, portanto, enfatiza uma ação recíproca que inclui sujeito e objeto, sem que isso se confunda com uma fusão de posições ou com uma simetria impossível e indesejável. Trata-se de uma proposta em que o analista se disponha a estabelecer uma ligação genuína com o outro, acolhendo o impacto da pulsionalidade que lhe é endereçada e reproduzindo ecos em retorno daquilo que sensivelmente é capaz de captar — inclusive sobre os núcleos em negativo.

Ao contrário de uma ruptura radical, para Marty (2020), parte do processo de apropriação subjetiva na adolescência envolve um efetivo trabalho de luto, permitindo com que estes sujeitos possam lamentar o desinvestimento de seus objetos primordiais. Para que este luto se torne efetivamente um trabalho psíquico, buscamos frisar, ao longo desta pesquisa, como é necessário que as figuras parentais suportem sua própria exclusão para que novas portas possam se abrir, permitindo a experimentação do isolamento subjetivante adolescente. Assim, este processo de abertura ao social não significa retirar-se radicalmente do outro, mas “depositar em si o traço do vínculo com o outro” (MARTY, 2020, p. 74, tradução nossa), o que referenda um ganho psíquico importante na adolescência.

Terminaremos este trabalho sobre a escuta do corpo na clínica da adolescência das imagens digitais trazendo uma invenção poética de Fernando Pessoa, quando tratava de seus heterônimos literários. Pensamos que, por meio dela, podemos, por ora, concluir nossa pesquisa sobre o manejo do analista com adolescentes que buscam reencontrar-se genuinamente consigo mesmos. Tive acesso a esta palavra a partir de uma fala de Cardoso (2025) sobre as fronteiras da relação eu-outro na clínica da atualidade e o impacto de uma posição alteritária na constituição subjetiva.

Nesta ocasião, nos foi apresentado o verbo “*outrar-se*”, criado por Pessoa. Poder “outrar-se” expressa um modo de experimentar a alteridade dentro de si mesmo, instaurando a possibilidade de convivência com a diferença entre os tantos “outros” que habitam em nós. Assim, concebendo que o Eu se constitui e se reinventa na e pela diferença, percebemos que a problemática do sujeito, intrínseca à situação da adolescência, se articula a uma capacidade de identificação desses sujeitos com a herança de seus outros.

Remetendo à vivência da diferença como constitutiva do Eu, percebemos como “outrar-se” implica um árduo trabalho de diferenciação na adolescência, demandando do analista, por vezes, refletir o negativo desses sujeitos. Testemunhando, refletindo e ecoando, buscamos, apoiados em nossa própria subjetividade alteritária, cultivar uma escuta sensível e afetiva na clínica, apostando que nossos analisandos adolescentes possam se reconhecer no meio dos múltiplos outros que os atravessam.

Referências

- ARAGÃO, R.; ZORNIG, S. Clínica da relação pais/bebê: novos paradigmas para a psicanálise? In: ZORNIG, S.; ARAGÃO, R. (Orgs.). *Nascimento: antes e depois. Cuidados em rede*. Curitiba: Honoris Causa, 2010.
- ASSUMPÇÃO, I.; RUIZ, A. Ouça-me. Intérprete: Ney Matogrosso. In: MATOGROSSO, Ney. *Inclassificáveis* [CD]. São Paulo: EMI, 2008. Faixa 5.
- BASTOS, L. A. M. *Eu-corpando: o ego e o corpo em Freud*. São Paulo: Escuta, 1998.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BIRMAN, J. *O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BRUNO, F. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. São Paulo: Sulina, 2013.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CÂMARA, L.; KLEIN, T.; HERZOG, R. Por um olhar de confiança. In: HERZOG, R.; PACHECO-FERREIRA, F. (Orgs.). *De Édipo à Narciso: a clínica e seus dispositivos*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2014. p. 103-118.
- CANAVÊZ, F.; CÂMARA, L. O laço social contemporâneo a partir da experiência adolescente. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 264-279, 2020.
- CARDOSO, M. R. Adolescência e violência: uma questão de fronteiras? In: CARDOSO, M. R. (Org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2001. p. 41-55.
- CARDOSO, M. R. Dependência e adolescência: a recusa da diferença. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. esp., p. 63-74, 2014.
- CARDOSO, M. R. Novo retorno do traumático na psicanálise hoje: além do mal-estar? In: CARDOSO, M. R.; MACEDO, M. K.; ZORNIG, S. A.-J. (Orgs.). *Figuras do extremo*. Rio de Janeiro: Blucher, 2023. p. 65-84.
- CARDOSO, M. R. *Fronteiras da psicanálise*. Palestra proferida na Jornada de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID) em 30 de agosto de 2025.
- CARDOSO, M. R.; KERNIER, N. Qual a temporalidade da adolescência? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 27, 2024.

CICCONE, A. *O infantil, seus contornos, suas vias de expressão, suas marcas*. Palestra online proferida na Mesa de Debate do Grupo de pesquisa “Os primórdios da vida psíquica: Clínica dos primeiros anos” do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ) em 11 de abril de 2025.

CIDADE, N.; ZORNIG, S. Automutilações na adolescência: reflexões sobre o corpo e o tempo. In: CARDOSO, M. R.; MACEDO, M. K.; ZORNIG, S. A.-J. (Orgs.). *Figuras do extremo*. Rio de Janeiro: Blucher, 2023. p. 145-174.

COELHO JR., N. Formas de comunicação e intersubjetividade em psicanálise. In: FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JR., N. (Orgs.). *Ética e técnica em psicanálise* (2ª ed.). São Paulo: Escuta, 2008. p. 123-141.

COELHO JR., N. Intersubjetividade e corporeidade: dimensões da clínica psicanalítica. In: COELHO JR.; SALEM, P.; KLAUTAU, P. (Orgs.). *Dimensões da intersubjetividade*. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2012. p. 71-90.

COSTA, J. F. A subjetividade exterior. 2001. Disponível em: <http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/artigos/artigos_html/subjetividade.html>. Acesso em: 30 de março de 2024.

DAVIS, M.; WALLBRIDGE, D. *Limite e espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DEMANTOVA, A. G. *Escarificações na adolescência: corpo atacado, corpo marcado*. (Dissertação de Mestrado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2017.

DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott* (5ª ed.). São Paulo: DWWeditorial, 2024.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo* (1984). São Paulo: Perspectiva, 2017.

DOLTO, F. *Tudo é linguagem* (1987). São Paulo: Martins Fontes, 2018.

DOLTO, F. *A causa dos adolescentes* (1988). Aparecida, SP: Ideais & Letras, 2004.

EMMANUELLI, M. Clínica da adolescência In: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. (Orgs.). *Destinos da adolescência*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 17-38.

FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos (1931). In: FERENCZI, S. *Psicanálise IV* (2ª ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 79-95.

FERNANDES, M. H. *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FERNANDES, M. H. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. *Psychê – Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 13-30, 2007.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925]). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Construções em análise (1937). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente* (1985). Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana* (v. 3, 8ª ed., 1995). Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GOLSE, B.; DESJARDINS, V. Corpo, formas, movimentos e ritmo como precursores da emergência da intersubjetividade e da palavra no bebê (uma reflexão sobre os inícios da linguagem verbal). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 8, n. 1, p. 14-29, 2005.

GOMES, A.; PEDROSA FILHO, R.; TEIXEIRA, L. Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 91-99, 2021.

GONDAR, J. Pesquisa em psicanálise. *Cadernos do Tempo Psicanalítico (SPID)*, Rio de Janeiro, p. 68-73, 1995.

- GONDAR, J. A coisa nas palavras. Ferenczi e a linguagem. *Cadernos de Psicanálise CPRJ*, v. 32, n. 23, p. 123-132, 2010.
- GONDAR, J. Ouvir com os olhos: gestos, expressões e ritmos. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 42, n. 79, p. 29-36, 2020.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução de Paulo Rónai. 4. ed. rev. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- HOUSIER, F. Os adolescentes contemporâneos. *Constructo Revista de Psicanálise*, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2023.
- INSTAGRAM. *Página inicial*. Disponível em: <<https://about.instagram.com/pt-br/>>. Acesso em: 03 maio 2025.
- JERUSALINSKY, J. A sobredeterminação algorítmica do sujeito contemporâneo, a sociedade da pós-verdade e a virtualidade como quarto registro. *Cadernos de Psicanálise SPCRJ*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 35, p. 129-139, 2023.
- KAHN, M. M. R. Ouvir com os olhos: Notas clínicas sobre o corpo como sujeito e objeto. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 25, n. 2, p. 143-157, 1971.
- KLAUTAU, P. Sobre o narcisismo como campo de pesquisa: variações da técnica psicanalítica e desdobramentos clínicos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 365-375, 2018.
- KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal (1970). In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Orgs.). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. p. 13-23.
- LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, 2010.
- LE BRETON, D. Adolescência e comunicação. In: LIMA, N. L.; STENGEL, M.; NOBRE, M. R.; DIAS, V. C. (Orgs.). *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2017. p. 15-32.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* (2ª ed. rev.). São Paulo: Editora 34, 2011.
- LISPECTOR, C. A surpresa. In: LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MAGIEZI, Z. *Estranherismo*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2016.

MARCELLI, D.; BRACCONIER, A. *Adolescência e psicopatologia* (6ª. ed.). São Paulo: Artmed, 2007.

MARTY, F. Adolescência, violência e sociedade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 119-131, 2006.

MARTY, F. Adolescence et émotion, une affaire de corps. *Enfances & Psy*, v. 49, n. 4, p. 40-52, 2010.

MARTY, F. Separation, dependance et depression a l'adolescence. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. esp., p. 111-126, 2014.

MARTY, F. Adolescence et psychosomatique, une histoire de séparation? *Psychosomatique Relationnelle*, v. 9, n. 1, p. 5975, 2020.

MARTY, F.; MISSIONIER, S. Adolescence et monde virtuel. *Études*, v. 413, p. 473-484, 2010.

MAYER, H. Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In: CARDOSO, M. R. (Org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001. p. 81-101.

MELLO, R.; HERZOG, R. Psiquismos clivados: vazio de sentido e insistência no existir. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 65-81, 2012.

MINERBO, M. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Editora Blucher, 2016.

NASIO, J.-D. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OGDEN, T. H. *Recuperando a vida não vivida: experiências em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2023.

OGDEN, T. H. Inventing psychoanalysis with each patient. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 106, v. 3, p. 473-488, 2025.

OLIVEIRA, D. M.; FULGÊNCIO, L. P. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a educação. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 64-80, 2010.

OUTEIRAL, J. *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PINHEIRO, T. Narcisismo, sexualidade e morte. In: CARDOSO, M. R. (Org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001. p. 69-79.

REIS, B. Compartilhando a intersubjetividade: novos fundamentos filosóficos para uma psicanálise com outros. In: COELHO JR., N.; SALEM, P.; KLAUTAU, P. (Orgs.). *Dimensões da intersubjetividade*. São Paulo: Escuta, 2012.

RILKE, R. M. Cartas a um jovem poeta. Tradução de Cecília Meireles. São Paulo: Biblioteca Azul/Globo Livros, 2013.

ROUSSILLON, R. L'entreje(u) primitif et l'homosexualité primaire en double. In: ROUSSILLON, R. *Le jeu et l'entre-je(u)*. Paris: PUF, 2008. p.107-134.

ROUSSILLON, R. A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 143-165, 2009.

ROUSSILLON, R. Précarité et vulnérabilité identitaires à l'adolescence. *Adolescence*, v. 28, n. 2, p. 241-252, 2010a.

ROUSSILLON, R. La psychanalyse à l'écoute de l'histoire archaïque et la communication non verbale. In: CRAMER, B.; ELIEZ, S.; SOLCA, B. (Orgs.). *Des psychanalystes en pédopsychiatrie*. Paris: PUF, 2010b. p. 96-117.

ROUSSILLON, R. A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 45, n. 3, p. 159-166, 2011a.

ROUSSILLON, R. Drives and intersubjectivity. In: ROUSSILLON, R. *Primitive agony and symbolization*. London: Karnac Books, 2011b. p 29-48.

ROUSSILLON, R. Primary trauma, splitting, and non-symbolic primary binding. In: ROUSSILLON, R. *Primitive agony and symbolization*. London: Karnac Books, 2011c. p. 1-26.

ROUSSILLON, R. A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 257-286, 2015.

ROUSSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher, 2019.

ROUSSILLON, R. *O narcisismo e a análise do eu*. São Paulo: Blucher, 2023.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAVIETTO, B. Passagem ao ato e adolescência contemporânea: pais desmapeados, filhos desamparados. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 10, n. 3, p. 438-453, 2007.

SAVIETTO, B.; CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 15-43, 2006.

SIBILIA, P. *O show do eu: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet*. (Tese de Doutorado em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

SILVEIRA, A. K. *Clinica dos sofrimentos narcísicos: dispositivos ao trabalho psicanalítico*. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2019.

TANIS, B. *O infantil na psicanálise: memória e temporalidades* (1995). São Paulo: Blucher, 2021.

TELLES, L. F. *Antes do baile verde* (9. ed. rev.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TIC KIDS ONLINE. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2025.

Disponível em:

<https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20250512154312/tic_kids_online_2024_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2025.

TISSERON, S. Intimité et extimité. *Communications*, Paris, n. 88, p. 83-91, 2011.

TISSERON, S. *Sonhar, fantasiar, virtualizar: do virtual psíquico ao virtual digital*. São Paulo: Loyola, 2015.

TORRES, M.; FARIAS, D.; SILVA, M. Imagem narcísica especular nas redes sociais digitais: um estudo de caso. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 133-152, 2025.

VIANA, D.; MONTES, F.; CRISTOFARO, M.; CARAVELLI, S. Os destinos da culpa na contemporaneidade. In: VERTZMAN, J.; HERZOG, R.; PINHEIRO, T.; PACHECO-FERREIRA, F. (Orgs.). *Sofrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012. p. 206-227.

WHATSAPP. *Recursos*. Disponível em:

<<https://www.whatsapp.com/messaging>>. Acesso em: 03 maio 2025.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo (1945). In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (2ª ed., trad. Jane Russo). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 269-285.

WINNICOTT, D. W. Adolescência: transpando a zona das calmarias (1961). In: WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 115-127.

WINNICOTT, D. W. O conceito de indivíduo saudável (1967a). In: WINNICOTT, D. W., *Tudo começa em casa*. São Paulo: UBU Editora, 2021. p. 21-42.

WINNICOTT, D. W. O papel de espelho da mãe no desenvolvimento da criança e da família (1967b). In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: UBU Editora, 2019. p. 177-188.

WINNICOTT, D. W. Conceitos atuais do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação em nível superior (1968). In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: UBU Editora, 2019. p. 219-238.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso (1974). In: WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 70-76.

ZORNIG, S. Corporeidade na clínica: primórdios do psiquismo. *Cadernos do Tempo Psicanalítico (SPID)*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 327-337, 2008a.

ZORNIG, S. Transferência na clínica psicanalítica com crianças. *Jornal de Psicanálise*, v. 41, n. 75, p. 123-133, 2008b.

ZORNIG, S. *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2008c.

ZORNIG, S. O abuso de substâncias tóxicas na adolescência: uma tentativa de incorporação do objeto? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 51-62, 2014.

ZORNIG, S. Clínica dos primórdios e processos de simbolização primários. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 121-136, 2015.

ZORNIG, S. L'isolement personnel comme une forme de jouer avec la solitude. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 4, p. 768-781, 2019.